

into the
Purple

Nº 5



junho 88

Yeah, Apreciadores! Aqui vou eu, ao fim do quinto 'round' desta luta violenta contra incontáveis adversários peso-pesados. Depois de algumas quedas e ameaças de jogar a toalha, o resultado está aqui em suas mãos - a Into the Purple nº 5. Como sempre, alegrias e decepções precederam a realização desta edição. Entre as alegrias - que superaram as decepções, felizmente -, o crescimento da importância e do prestígio da SBADP (viram o endereço no encarte do The House of Blue Light?), o apoio dos Apreciadores ao prosseguimento das atividades da Sociedade (incluindo aqui o bom comparecimento ao 'I Evento Púrpura', onde foi exibido o vídeo Machine Head Live) e a participação cada vez maior

de colaboradores na Into the Purple. Entre as decepções, a não vinda do Deep Purple ao Brasil (será um sonho impossível?) e as dificuldades financeiras que me obrigaram a ser mais modesto que pretendia em alguns projetos - incluindo o acabamento desta edição, mais pobre que o da anterior.

A Into the Purple prossegue sem anunciancies, embora 95% dos Apreciadores aceitem a idéia, para manter um espírito que nem todos ainda conseguiram captar na Sociedade - a rejeição total a qualquer esquema comercial. Utopia ou não, a SBADP pretende ser uma 'reserva ecológica' de uma 'raça em extinção' - trabalho, dedicação e esforço sem a obrigatoriedade de compensação financeira. Isto tem

um aspecto negativo, é verdade, e o reflexo direto é a demora entre as edições da Into the Purple. Mas cabe a todos nós, os Realmente Apreciadores, ultrapassarmos todas as dificuldades. Conto com vocês. Existem muitas maneiras de colaborar. Enviem selos sempre que possível, divulguem ao máximo a Sociedade e não emprestem ou xeroquem as publicações da SBADP. Façam com que todos os interessados nas atividades da Sociedade entrem em contato comigo.

Estou sangrentemente orgulhoso desta edição. Fotos e relatos de shows exclusivos, novas seções, mais páginas e novo formato (vamos ver se desta vez é definitivo!) que, modestia inclusa, fazem desta a melhor entre todas as In-

to the Purple. Concordando ou não, espero que todos vocês escrevam opinando sobre esta edição.

E enquanto esta revista estiver chegando às mãos dos Apreciadores, deverão estar chegando às lojas da Europa o novo álbum duplo ao vivo do Deep Purple - 'Nobody's Perfect'. Mais um motivo para a SBADP manter-se em pé nesta briga.

Soou o gongo. Continua a luta. Conto com a torcida de vocês para chegar ao fim do sexto 'round' ainda em pé e, por que não, vencendo por nocaute!

Um abração do

João 'the Hootchie' Cucci Neto.



E X P E D I E N T E

COLABORAÇÕES:

Em primeiro lugar, todos nós, Apreciadores, devemos um agradecimento especial a Rodrigo Rosas Fernandes, pela indispensável colaboração em várias das seções desta edição. Valeu, Mr. The Shyster!

Colaboradores: Roberto Silva e Souza, Ricardo Topalian, Teresa Nunes e Sérgio L.C. Martorelli (textos). Alexandre S. Bittar (tradução). Stephen Wunrow e Eduardo Cury (fotos - thank for the incredible pix Stephen!).

Marcatti e Lucia Maria C. Ventura (caricaturas).

Patrícia Mendonça (revisão).

Agradecimento Especial - Thierry Pierron & família (Yeah, DTC, thank for your support!).

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente a todos os colaboradores acima, pela ajuda desinteressada. E também a: Francisco José da Mouta Neto (acima de tudo, pela grande amizade); Fernando, Ciene e Dario 'Panda' (Rock'n'Rolls); Sérgio Martorelli, William Cook, Luis H. Soldani, Alfredo C.S. Rosa, Francisco Benazzato, Paulo C.V. Lucena, Jorge H. Jappur, Edna Ribeiro, Pau-

lo J.D. Madureira, Luiz A. Menegotto, Alexandre P. Santos, David G. Almeida, Nelson Maia Neto, Vitor Bonesso (todos Apreciadores sempre empenhados em ajudar a SBADP); Cláudio M. Fasson, Estevam (da banca), Jonas (Bruno Discos), Pessoal da 309 Discos, André do Volúpia Bar, Profa. Mary Batista (todos por colaborações várias); gravadoras EMI, RCA, PolyGram, Lupsom e Continental; ao Tigueis e pessoal da Chave do Sol, Leopoldo Rey, Valdir Montanari, revistas Metal e Roll (todos pela divulgação); Angelo L. Amaral, da Petit Color, pela força e confiança; ao Cláudio da Oficina e todo pessoal da Ladrão do Mar - especialmente ao Karl Darkmore e Johnny Lights, pelo incansável apoio; ao venerável Sr. Victor di Sessa (Vintinho), da banca Rodoviária, pelos conselhos e simpatia; Daniel Joaquim Pereira (reprografia) pela força; ao meu irmão Fábio Cucci, pelo apoio 'informático' e finalmente a Solange 'the Gypsy' Rosa, pela ajuda nos burocráticos e arte e também pela compreensão durante o período de elaboração desta edição (e cá entre nós, por topar ser a futura Sra. 'the Hootchie').

Colaborações involuntárias: Crom (pela proteção), Peter Parker (pelas fotos da seção 'Opinião do Apreciador') e o glorioso futebol do Aliviverde Imponente.

José Ribamar fez de tudo para impedir a realização desta edição e por isso merece o nosso mais honroso desprezo.

Esta edição é dedicada a João Roberto Bittar, Jaco Pastorius e à dupla Goscinnny/Uderzo.

Esta edição, bem como todas as anteriores da Into the Purple, está registrada na Biblioteca Nacional. Reproduções de artigos ou partes de artigos presentes na Into the Purple são permitidas, desde que a Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple seja previamente consultada e dê consentimento.

INTO THE PURPLE Nº 5 - Junho de 88.

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple.

Responsável: João Cucci Neto.

Endereço para correspondência: Caixa Postal 42386, CEP 04299, São Paulo, SP, Brasil.

Into the Purple nº 5:

- Todas as matérias (incluindo as traduções) não assinadas, são de autoria de João 'the Hootchie' Cucci Neto.

- Datilografia, Diagramação, Montagem, Arte-final e Fotos não-creditadas: the Hootchie.

- Revisão: Patrícia Mendonça.

- Logotipo 'Into the Purple' e demais logotipos internos criados por Júlio Martins.

- Fotos da capa e contracapa: Stephen Wunrow.

PURPLE TOUR

europa & eua / 87

Para nós, Apreciadores, poucas coisas são melhores do ouvir o Purple. Uma delas é ver o Purple. Roberto Silva e Sousa e Rodrigo Rosas Fernandes foram dois dos iluminados que estiveram presentes na excursão do Purple de 87, "auto-enviados especiais" com a missão de contar para nós, desafortunados que ficamos por aqui, a experiência sonora, visual e visceral que tiveram ao ficar a poucos metros de Paice, Lord, Glover, Blackmore e Gillan. Aí estão os comentários dos shows, com exclusividade para a Into the Purple.



EUA 87/St. Paul (15/Mai/87). Foto: Stephen Wunrow



- PRIMEIRA PARADA: PARIS, 20 de Fevereiro.

"Quando saímos daqui, dia 17, a excitação já era muito grande. Dentro de três dias estaríamos vendo o Deep Purple pela primeira vez. Era algo impossível de se parar de pensar.

No dia seguinte, fomos jantar com nossos amigos franceses, Michel e Agnès, que nos deram um grande presente: os ingressos.

Bem, mas vamos direto ao dia 20 - no dia 19 não aconteceu nada. O show começava às 20:00 hs., com a abertura pelo Bad Company. As seis estávamos a caminho. Fazia muito frio (5 abaixo de zero) e nevava muito, o que contribuiu para uma atmosfera única - ir ver o Purple num ginásio super-moderno, o Palais des Sports, coberto de neve. Ao descermos no metrô já avisamos o ginásio e a multidão já

fazia filas enormes para entrar. Na estação, apenas rockeiros, vendendo de tudo. A agitação era enorme.

Entramos e lá no ginásio aquecido a visão do palco e iluminação começava a surpreender pela sofisticação. Exatamente no horário entrou o Bad Company, sem o Paul Rodgers. Ou seja, era uma banda ensaiadinha, mas muito fraca. De qualquer forma, serviu para entreter as sete mil pessoas que lotaram o ginásio. Entre um show e outro, a mudança de palco. Sim, porque o Deep Purple usaria tudo o

NUIT BLANCHE

présente

DEEP PURPLE

VENDREDI 20 FÉVRIER 1987

Soirée 20 heures

PALAIS OMNISPORTS
PARIS BERCY

130 F tn

Nº 07281

Ce coupon ne sera ni échangé, ni remboursé

que tinha direito.

Ao apagarem as luzes às 9:30, é desnecessário dizer que ninguém ficou sentado. A emoção é indescritível. Um som sintetizado começa a percorrer o local. Um pequeno foco de luz surge no alto- era o laser-, que pouco a pouco evolui para o desenho da capa do "House of Blue Light", com a porta entreaberta e o laser concentrado na fechadura, onde podia-se ler o "DP".

Por enquanto esta era a única visão, todo o resto estava escuro. Eis que começa a ruir a caixa da bateria. Ao entrar o baixo, não restava dúvida, era 'Highway Star'. Acendem-se as luzes. Lá estão eles!

Nossa posição era muito boa, no alto, à direita do palco. Víamos tudo perfeitamente. Lá embaixo a massa se agitava seguindo os acordes das músicas.

Segue-se 'Strange Kind of Woman'. Boa oportunidade para ver como estava Gillan. Perfeito! O timbre não era o mesmo de 15 anos atrás, mas a força e a técnica estavam melhores que nunca. Após o breve duelo Gillan/Blackmore, um pequeno "excerpt" de 'Jesus Christ Superstar' e as primeiras palavras com o público: "Hello fans!"

'Unwritten Law' foi a próxima e começou a série do último LP. Era incrível como o Rock fluía fácil daqueles cinco "monstros". Era algo natural, que simplesmente encantava a todos.

Seguiram-se: 'Dead or Alive/Perfect Strangers/Hard Lovin' Woman/Child in Time/Difficult to Cure/Solo de Teclado/Knocking at your Back Door/Lazy e Space Truckin''. Neste momento a grande surpresa do show: 'Space Truckin'' marca o final "teórico" do show. As luzes se apagam e sob o delírio da plateia e o logo "DP" desenhado em laser ao fundo todos aguardam pelo "encore".

Alguns minutos se passam e ouvem-

-se os primeiros acordes de 'Smoke on the Water', feitos pela guitarra de Blackmore. A bateria também estava presente, mas com as luzes acesas não achamos mais ninguém! Os acordes iniciais se repetem até que Ritchie para, olha para o lado, estende as mãos como a apresentar a ausência de seus parceiros, tira a guitarra, saúda o público e...vai embora!! O que se seguiu depois foram brigas, cadeiras quebradas, garrafas voando e toda a equipe de segurança tendo que intervir para evitar a destruição do ginásio. Realmente inexplicável a atitude da banda (ou melhor, de parte da banda). O show estava fantástico, a plateia entusiasmada cantava junto todas as músicas. Mas, enfim...

- SEGUNDA PARADA:

LONDRES, 3 de Março.

"Ver o Purple em sua terra natal realmente nos atraía muito. Já havíamos visto em Paris, mas Londres é Londres, a terra do Rock, onde o mundo do Rock concentra seus olhos e, principalmente, de onde saiu o Purple.

Wembley Arena (ao lado do estádio). Como tudo em Londres, algo muito antigo, mas uma construção diferente por dentro. Por fora, um ginásio coberto, parecendo uma quadra de esportes, mas por dentro, indescritível.

O piso do nível do palco vai plano até o meio do ginásio, alterando a inclinação a partir de então. Desta forma, de qualquer ponto pode-se ter uma visão completa do show.

Mais uma vez o Bad Company abrindo, aplausos e tchau.

O Purple entra em cena novamente. O show, ordem das músicas etc é o mesmo, mas uma diferença importante. Neste primeiro dia, eles estavam super-inspirados e como consequência disso o show estava incrível. Os improvisos entravam

na música e permaneciam tanto quanto durasse a inspiração, que naquela noite parecia não se esgotar.

O delírio era total. Londres era bem diferente de Paris. O público cantou todas as músicas, desde a primeira. Era como uma volta ao lar, após longos anos de ausência. Fim do show. Estava ansioso por ver o que iria acontecer. Eles voltaram. E lá vamos nós: 'Black Night' é a primeira, seguida por um incrível Rock'n'Roll feito a partir de uma canção folclórica inglesa. 'Speed King' vem em seguida. Inacreditável, não é mesmo? Mais uma vez, fim do show. O delírio continua e... mais um "encore". E só poderia ser com 'Smoke on the Water'. O final perfeito para um show perfeito. Ao fim da música, Gillan apenas rege o coral formado por dez mil pessoas. Aliás, Gillan é o que mais tarda a deixar o palco. Todos já haviam se retirado e Gillan permanecia no palco saudando e agitando o público.

- LONDRES, 4 de Março.

Embora tudo indicasse que eu poderia estar cansado de ver o Purple (o que não acontecerá nunca!), um detalhe importante neste dia: nos lugares estavam apenas cinco metros do palco. Ao início do show o impacto foi muito maior, pois tinha a impressão de quase poder tocar Gillan ou mesmo Black-

more. Este por sinal foi protagonista de uma cena interessante. Em certo instante debruçou-se sobre o palco, tirou a máquina fotográfica de um fã e fotografou o mesmo. Imagine ele mostrando sua foto aos amigos: "adivinha quem é o fotógrafo?"

O show transcorre normalmente, mas o clima era bem diferente da véspera, sentia-se que tocavam apenas para "cumprir tabela". E no final deu para sacar.

No "encore", único, eles tocam "Smoke on the Water", são com uma diferença - sem Ritchie, que não retornou.

De qualquer forma, mais uma noite inesquecível e indescritível. E já ficava a saudade e a vontade de seguir em excursão com o Purple. Infelizmente não foi possível, tivemos de retornar. Ficaram também as fotos, os amigos que conhecemos e a esperança de tornar a vê-los novamente, com o Purple em ação no palco.

Cheers!"

Roberto Silva e Sousa

EUA

MAQUET SQUARE ARENA, 2 de Março.
Indianapolis, Norte dos E.U.A.

"Após um enorme concerto em Chicago, na noite anterior, o Deep Purple foi tocar em Indianapolis. Seria o primeiro concerto de uma série naquela região dos EUA. Após muita luta, consegui uma entrada para a segunda fileira, e uma autorização para fotografar o show.

Tendo chegado cedo em Indianapolis, tive a oportunidade de ver o palco sendo montado, as luzes, sound-check e a chegada do pessoal do Purple e Bad Co. Passaram por mim o vocalista do Bad Co., Lord, Gillan e Glover. O Paice não vi e muito menos Blackmore, que por sua vez, se encontrava em lugar desconhecido (das duas, uma). Ou ele é realmente muito esquivo e excêntrico, ou é apenas um cara normal que vem tocar na hora que é chamado).

Às 8:00 hs. em ponto, começa o Bad Co.. Este grupo, que já teve sua melhor fase com Paul Rodgers, vive momento de certa instabilidade, com membros novos e desconhecidos, apesar de ainda restarem o guitarrista e o baterista originais. De qualquer forma, ainda possuem um sucesso relativo perante o público norte-americano daquela região, decorrente de antigas músicas consagradas como "Can't Get Enough" e "Rock and Roll Fantasy". Tocaram, bisaram e muda-se o palco. Enquanto isso estoura no P.A. Jethro Tull (o grupo preferido de Blackmore), Yes, Jimmy Hendrix com "Hey Joe", entre outras. Começa a tocar aquela estranha música - quinha barroca e passo pressentir encrenca no ar. As luzes começam a se apagar e um órgão, em um som

crescendo invade a arena, segue a bateria, o baixo, a guitarra, um clarão e Gillan cantando 'Highway Star'. A platéia estoura. Seguem 'Strange Kind of Woman', 'Unwritten Law', 'Bad Attitude', uma música escrita em 69, 'Child in Time', solo de Blackmore e 'Dead or Alive', 'Lazy', 'Hard Lovin' Woman', Gillan cantarola, 'Difficult to Cure', só do Lord, 'Perfect Strangers', 'Knocking at your Back Door', e, finalizando, 'Space Truckin'. Blackmore improvisa no clássico e introduz como "encore", 'Smoke on the Water' (Ritchie tocou o clássico e a entrada de Smoke... de uma pequena abertura ao lado do palco) Não foram tocadas 'Call of the

Wild', 'Speed King' e 'Black Night'. No entanto, a banda está de uma eficiência ímpar, impecável a toda prova. O braço da guitarra parece ser muito curto para os improvisos de Blackmore, Gillan melhorou da voz que andara meio estourada e está melhor que nunca. Jon Lord é Jon Lord e dispensa maiores ou menores comentários. Ian Paice repicando em curtos espaços de tempo, ou seja inovando ao vivo, dando novas dinâmicas para as músicas. Glover é o mais Purplemaníaco entre os "Purplemen". Sem dúvida, Glover, o responsável pela reunião do grupo é o mais extrovertido da banda (canta junto, viaja a cada música), fora Gillan, que

é cara-de-pau mesmo.

Considerando que era um concerto em uma pequena cidade caipira do Norte dos EUA, considerando o profissionalismo dos integrantes da banda (que nem por isso deixa de dar um bom show), foi um concerto perfeito, impecável. Até parece que este tempo que passaram afastados, passaram juntos e ensaiando.

A turnê continuou pelos EUA e foi um sucesso.

Agradeço a Bill Taylor e Steven Wunrow. Sem os dois não teria assistido o Purple.

Rodrigo Rosas Fernandes

AS DATAS DA TURNE AMERICANA

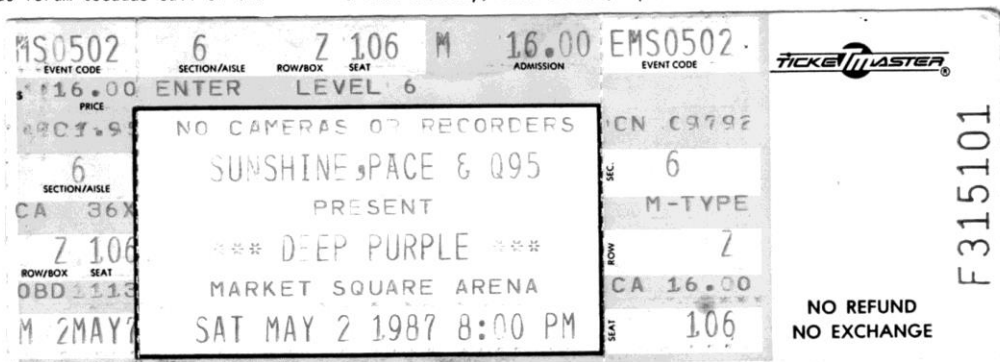
87

ABRIL

- 16 - Portland, ME
- 17 - Hartford, CT
- 18 - Rochester, NY
- 20 - Worcester, MA
- 21 - Worcester, MA
- 23 - Providence, RI
- 24 - Philadelphia, PA
- 25 - Philadelphia, PA
- 27 - Albany, NY
- 29 - Pittsburgh, PA

MAIO

- 1 - Chicago, IL
- 2 - Indianapolis, IN
- 4 - St. Louis, MO
- 5 - Kansas City, MO
- 6 - Cincinnati, OH
- 7 - Kalamazoo, MI
- 8 - Detroit, MI
- 9 - Cincinnati, OH
- 11 - Cleveland, OH
- 12 - Cleveland, OH
- 15 - St. Paul, MN
- 17 - East Troy, WI
- 22 - Irvine, CA
- 23 - Fresno, CA
- 24 - San Francisco, CA
- 27 - Sacramento, CA
- 29 - San Diego, CA
- 30 - Phoenix, AZ
- 31 - Albuquerque, NM



Quando o Rodrigo me entregou seu texto sobre o show do Purple, notei que ele havia deixado de lado muitas passagens interessantes que estavam anotadas no diário escrito por ele durante sua viagem (ah, essa modéstia...). Como um verdadeiro "correspondente de guerra", Rodrigo se embrenhou por dentro dos bastidores, tirou estas fotos incríveis, conheceu o 'manager' Colin Hart - de quem recebeu um 'Stage Pass' (autorização para circular livremente pela arena) - e passou por várias outras aventuras, incluindo uma quase-prisão por excesso de velocidade - pura ânsia de chegar logo no local do show. Aqui seguem os trechos principais dessas notas de viagem.

A PROCURA DE Mr. COLIN HART

(...)

"Espero, espero, espero. Telefone às 18:30 (os portões abriam às 19:00hs.). O Colin Hart chegou mas deu uma saidinha para comer qualquer coisa. Eu esperando tanto o cara e ele dá uma 'saidinha'... Vou até o ônibus. De fato, agora tem mais um e é roxo. Chegaram. Subo. Pela rampa (proibida) mesmo. Do lado de fora, um casal de ingleses e um roadie-bichinha-de-fritinha-preta-no-rabo-de-cavalo. Falo com ele. Pergunto pelo Hart. Ele não viu o Sr. Hart o dia inteiro, mas diz que vai procurar. Niço, pára uma limousine preta. De dentro sai um cara alegre, alto, barrigudo de cerveja, de cabelo comprido, jeans e pasta na mão. Ouço uma menina se referir a ele por 'Colin'. Saio correndo atrás dele. '- O Sr. é Colin Hart?'. Ele não pára, mas escuta, conto o meu drama nordestino, vida e mor-

te Severina. O pior - ele entende! Pede pra eu aguardar no saguãozinho dos bastidores. Nisso passa ele, de novo, com o Jon Lord. Na minha cara. Jon Lord está gordo. Falou ao Colin '- Se é assim, então tudo bem.' e saiu. Pegou a limousine. Passa um minuto e entra o Ian Gillan. Nessas alturas, eu já estava encostado na parede para não cair, literalmente. Lá de dentro, tocava a música 'Owner of a Lonely Heart' e um som de baixo que tocava junto, acompanhava. Passam dois minutos, o som de baixo pára e nisso, saindo para a rua, como qualquer um, passa Roger Glover, com aquela moça que antes estava fora com outro cara. Aparece o roadie-bichinha. Digo a ele que já consegui falar com o Colin Hart.

Colin passa e pede para eu aguardar mais um pouco.

(...)

Aparece Colin Hart. Autorização

para eu fotografar do meu lugar a penas.

Agradeço. Agradeço muito. Fico agradecendo demais. Enquanto isso, sem eu perceber, estava emperrando o trânsito na porta. Atrás de mim, um loiro com cara de 'Zé Bonitinho' quer entrar, mas não pode porque eu estou bloqueando. Era o cantor do Bad Co...



Agradeço de novo e aí vou para o meu lugar. Entro na platéia(...), pego o meu lugar. É logo ao lado do palco, segunda fila, lado es-

querdo. Ao pé de onde ficaria Jon Lord, na diagonal.

Saio. Vou tomar uma coca. Fumo um cigarro (milésimo pacote do dia) e volto pro meu lugar.

Assim que eu sento, apagam-se as luzes e aparece o pessoal do Bad Co (...), com cantor novo 'Zé Bonitinho', baixista branquelo, moço, loiro, meio gordo tetudo e bunda larga. O tecladista bem moço. A - quele baterista puxador de ferro e aquele não mais moço guitarrista.

Entram. Todos acendem os isqueros. Luzes apagadas. Rock bem deles. (...) Tocaram exatamente o que estava planejado: 50 minutos. Deram um 'encore' - 'Can't get enough'. O guitarrista, com cara de triste, troca de guitarra no meio da música. É o fim do Bad Co. Acendem as luzes. Todos saem para fumar.

(...) Mas aí tem o espaço de tempo entre as bandas e começa a mudança de palco.

Antes de entrar, à tarde, eu tinha visto o esquema de horário previsto. Era o seguinte:

12:00 hs. Montagem do palco
17:00 hs. Afinação
19:00 hs. Portões
20:00 hs. Bad Co.
21:15 hs. Deep Purple
23:00 hs. Desmontar palco

Gillan imita caipira falando (Indianapolis é uma terra de caipiras).

(...)

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE
CADA UM

GILLAN

Passou por mim, quando eu estava

- as, quase que caem em cima da platéia. Ele volta depois e as puxa de volta. Nem sempre volta pro palco na hora que deveria, o que causa uns certos olhares por parte de Blackmore. Ele ri pro Blackmore. Não o leva mais tanto a sério.

É uma moça. Tem jeito de moça. Dança.

pedal fica ao lado da bateria. Não se mexe muito de seu lugar, mas se movimenta bastante. Improvisa. Toca música clássica. Faz gestos para os músicos da banda, mensagens, mostra a língua para Ian Paice várias vezes, dando risada, provavelmente quando acha que ele mesmo errou.

Toma coca-cola de dentro de sua gaiolinha que dá para os bastidores. Toca música clássica lá dos bastidores sem que ninguém o veja e sem ninguém no palco (antes do 'encore'). Muda de captadores. É um iluminado da guitarra. Parece que a guitarra não tem mais espaço para ele.

Não é mais um ser negro, mas ainda é algo pesado.

JON LORD

Desde que o vi nos bastidores, me pareceu cansado. No palco também. Está gordo, papudo, com um paletó branco para encobrir a barriga. Tênis e calça preta.

Bota o joelho em cima das teclas. Balança aqueles teclados, como um possesso. Se atira em cima dos teclados, os puxa para baixo. Os teclados vão para baixo e para cima e cada vez que caem, fazem um som insuportável, quando batem no chão. Toca com força, com jeito, com delicadeza. Parecia não estar nos seus melhores dias, mas, sem dúvida estava em forma.

Tocou piano. Improvisou com Ian Paice. Questionou os improvisos de Blackmore com um olhar esquisito. Todos se excedem quando começam a improvisar muito, no sentido de sair de órbita.

Se Blackmore é a força propulsora, Lord é quem dá o acabamento no trabalho.

Fotos por Rodrigo Rosas Fernandes

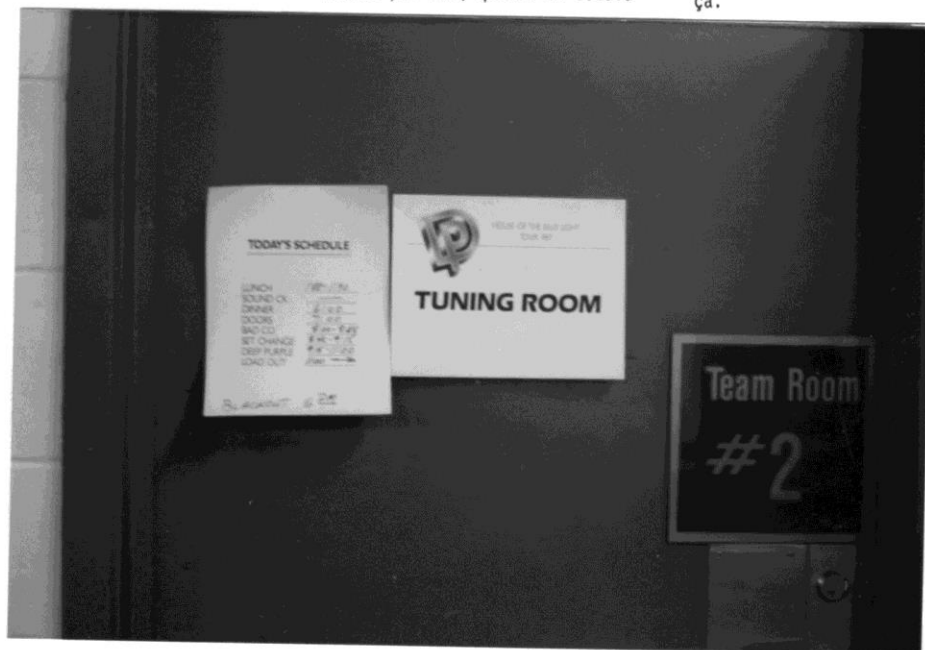


Foto de Sala de Afinação do Purple

(...) Volto para meu lugar. (...) Estou com o ouvido colado no P.A. (...) Começa aquela música barroca. Eu sei que vem encrenca. Eu conheço a música de entrada do Purple, o resto da moçada não. Vem um som de órgão, num crescendo. Não vejo o Jon Lord. Pára a música.

Apagam as luzes.

Acendem os isqueiros.

O som de órgão aumenta, aumenta, aumenta e aumenta, vejo o Jon Lord, começa a bateria, o baixo, a guitarra, entra o Gillan, de repente, num estardalhaço enorme, em um volume totalmente indescritível, começa 'Highway Star'. A platéia estoura.

O som também. O som da bateria é tão forte que acredito que minha pulsação foi coordenada pelo som do bumbo.

Gillan afinadíssimo. A banda inteira afinada. Blackmore usa a guitarra como bem entende. Tira dela o som que quer. Glover, com o som super-alto, muito simpático e Lord totalmente maluco. Ian Paice só fui ver no final. Aonde eu estava não podia ver o baterista. Mesmo assim, continua uma ferra.

Blackmore e Gillan duelam.

Blackmore viaja com a guitarra, deixando Lord parado, sem saber o que fazer.

atrás do palco, como eu já disse, sendo guiado, por outra pessoa. Uma cabeleira de maluco (em pé). É alto, meio gordo, sorriso engraçado, parecia meio bêbado (estava, creio).

Trajava calça preta, camiseta da turnê preta, tênis rosa com cor-deão verde.

Afinado. Muito, muito afinado. A voz está impecável. Ele, bem acabado, digo, bem usado. É dono de uma voz impecável.

Vai pras congas no palco. Empurra

BLACKMORE

Deixou de lado a imagem de grosso e assumiu o lado profissional e perfeccionista.

É, sem dúvida, a força propulsora do Deep Purple.

Magro, bem conservado. Cheio de ouros. Guitarra branca, calça preta, botinha, camisa azul escura com estripas, toca a guitarra como quer.

Tem seu pedal (deixou de lado a aquela pedaleira de baixo), que liga seu gravador, que liga o eco. O



FOTO HISTÓRICA! Detalhe do lendário amplificador de Blackmore!

ROGER GLOVER

Eu o vi passando, saindo dos bastidores para a rua. Olhou a rua com um olhar 'brejeiro', colocou uns óculos escuros, chapéu e saiu junto com a garota.

Viaja em todas as músicas. Canta junto com Gillan. Muito simpático no palco.

Muito preciso.

Parece rejuvenescido. Muito boa forma.

Calça muito justa. Botinha, baixo Steinberger preto, chapéuzinho. Trocou de roupa para o concerto. Antes estava de abrigo. Camisa meio de strass.

Se Blackmore é a força que propulsa o grupo e Lord é quem dá o acabamento, Glover se encaixa no meio, como catalisador. O equilíbrio, não só de Blackmore e Lord, como de Gillan também. Parece se dar bem com todos. O som de seu baixo é muito, muito alto.

Tem uma técnica perfeita. Toca muito bem. Toca com muita facilidade, como todos.

O Purple está centralizado nele, apesar de não parecer e talvez seja esta sua grande manha, não aparecer. Muito sorridente.

IAN PAICE

Não o vi, a não ser no final do show, quando apareceu para agradecer.

Calça preta, justa, camiseta branca, pança caindo por cima do cinto. Sorridente, com olhar algo triste.

Tocou muito bem, fazendo repiques inesperados, quando parecia impossível.

Desde a tour passada, sua bateria tem sido equalizada de forma diferente, com um som mais seco e forte.

Pelo o que ouvi, continua na linha pesada, bem tocada, sem querer fazer muito sucesso (pois já chegou lá), mas de vez em quando ainda solta aquelas repicadas.

O reimplante de seu cabelo (ou seria peruca?) está muito engraçado."

Rodrigo Rosas Fernandes

Fotos: Preparando a bateria de Paice, arrumando o teclado de Lord e as malas com o equipamento dos dois.



advertis

**QUEENSRYCHE
WHITE**

8 décembre à Paris (La L...

RAVEN

14 décembre à Paris (Le Pop

DEEP PURPLE

23 février à Paris (Bercy)

PRÉVISIONS

PERFIL:

Os guitarristas do Purple

Na edição passada, foi citada uma entrevista de Ritchie Blackmore à Metal Hammer, na parte de 'Notas'. Após aquela, Blackmore concedeu outras entrevistas a outras publicações, com declarações igualmente interessantes às dadas à revista alemã. Desse modo, optei por publicar uma outra entrevista, mais recente, feita pelo repórter Toots Daley, da revista Kerrang, na edição de 17/10/87. Tradução e adaptação da dupla Shyster/Hootchie.

Tommy Bolin não teve tempo de dar muitas entrevistas. A que está aqui traduzida foi publicada na revista americana Hit Parader, de Fevereiro de 76, portanto um mês antes da dissolução do Purple. O repórter nesta ocasião foi Richard Robinson.

Eu nunca fiz nenhum grande segredo de minha paixão e do meu fascínio com a música do Deep Purple (um fã do Heavy Metal é algo que eu realmente não sou), bem como nunca fiz segredo da minha admiração como fã do virtuosismo de Ritchie Blackmore. Eu descobri que o pessoal do Purple havia deixado a cidade, mas tendo em vista toda atenção negativa que eles receberam da mídia, eu achei necessário que um artigo positivo, dando oportunidade que um dos integrantes do grupo desse sua opinião, seu ponto de vista, seria relevante e devo dizer que Mr. Blackmore certamente dispersou aquela imagem de menino mau, uma vez que ele me deu a oportunidade de entrevistá-lo sem querer cortar a conversa (ele até me emprestou seu gravador!). Ritchie Blackmore e más notícias parecem estar lado a lado (de mãos dadas) e, naturalmente sendo um consumidor da mídia, eu li todos os artigos e acreditei em tudo o que estava neles - 'aquele bastardo difícil que contrata as pessoas e as despede e que bebe o sangue das virgens etc.'. A simples menção casual do seu nome parece induzir um nervosismo instantâneo, um veneno não diluído ou um sarcasmo logo de cara. Certamente Mr. Blackmore não é seu melhor Relações-Públicas, mantendo sempre uma grande distância das lentes da imprensa e quais quer coisas parecidas das compa-

BLACKMORE



nhas de discos. Mas, ainda deve ser dito que durante esta turnê ele foi o único membro do grupo que constantemente alegrava os fãs em seu camarim...e nos campos de futebol!

Você talvez não saiba disto, mas o Homem de Preto tem uma profunda paixão por futebol e em qualquer oportunidade organiza uma partida em cada cidade que a banda toca. Como alguém talvez possa esperar, a maioria do 'crew' (equipe técnica) do Purple está sempre muito ocupada se recompondo da noite anterior para fazer alguma contribuição com esforço. Então os times tendem a ser uma combinação dos apavorados fãs e o pouco disposto (e pouco saudável!) pessoal da mídia.

A participação dos fãs é sempre recompensada com um Passe de Bastidores (Backstage Pass) e é mais fácil você encontrar alguém que veio de carona, vestido de jeans parado nos bastidores do grupo do que os costurmeiros convidados e celebridades. Seria difícil negar que Ritchie é sempre imprevisível, mas ele não é o 'maior dos bastardos' entre os idiotos que andam por aí.

De fato, como o fotógrafo Ross Halfin admite, Blackmore foi o único membro do Purple que não nos deu nenhuma mágoa. À uma certa hora, nosso fotógrafo teve instruções para não apontar suas sagradas lentes para nenhum outro membro do grupo enquanto e-

les estavam no palco. Eu posso dizer honestamente, mão no coração, que cair na estrada com Ritchie foi um encanto e apesar de 99,9% da imprensa odiar a sua coragem, ele não faz nada para ter a predileção dos fãs (de fato, um da audiência de Birmingham acompanhou-nos na entrevista).

Para não perder muito espaço com auto-indulgência, bajulação bara ta sobre a maravilha que é o Purple, eu achei que seria uma idéia mais esperta dedicar todas as páginas disponíveis para 'A Entrevista', que fala por si só. De qualquer maneira, antes de finalizar e assinar a matéria eu gostaria de expressar que, antes de cair na estrada com a banda e de presenciar uma performance assussadora em Birmingham, eu estava tão apreensivo quanto a maioria das pessoas a respeito desta reunião de negócios, depois do grande desastre de Knebworth. Eu admito mesmo que os shows deste ano no Wembley Arena foram mais difíceis de encarar que um saco cheio de meias do cara que divide o quarto comigo (e ele é um roadie!). Mas se você tivesse visto o show de Birmingham acima mencionado, onde os cinco terminaram com uma versão improvisada de 'Speed King' e Blackmore trocou de instrumentos com o baixista Roger Glover no meio de 'Smoke on the Water', você saberia porque o Deep Purple foi e sempre será uma das maiores bandas de Rock pesado que já balançaram os portais deste planeta.

Também há uma outra noite a ser relembada por apenas poucos escolhidos, quando Blackmore fez uma aparição não programada com a Jack Lynton Band em um pub anônimo de Londres. Lá nós vimos o gênio do homem que ao lado de Clapton, Page, Beck e Hendrix pôde transmitir sua magia com e sem a ajuda de amplificadores de 1000 Watts e todas as outras pirotecnias que a era espacial nos trouxe. Lá nós vimos Blackmore tocando o 'Black Blues' com aquele tipo de consideração e fogo que só vem de alguém que gastou a melhor parte de um quarto do século fazendo o papel de músico.

De fato, todos do Purple estão tocando melhor que nunca, incluindo Ian Gillan, cuja voz tornou-se um instrumento letal desde que ele recentemente removeu seus calos. E eu ouvi de uma autoridade confiável que o próximo vinil do Purple

será um álbum ao vivo. Sem dúvida uma proposta excitante.

E agora... A Entrevista de Ritchie Blackmore:

TD: Algumas coisas te incomodam muito quando você está tocando?

RB: Certamente. Quando estou no palco, eu toco os dois primeiros números cego. Eu estou lá com apenas meu momento me guiando e depois, durante a metade do segundo número, eu começo a olhar p'ra cima, p'ra primeira fileira e então no terceiro número eu começo a olhar em volta. Se algo irá dar errado, é lá pela terceira música que eu começo a sacar.

É exatamente como você disse, alguma coisa me incomoda muito. Eu começo com a melhor da boa vontade, dando duro, todo psicologicamente p'ra cima e então, de repente, alguma coisa acontece...

TD: Mas, não parecem ser coisas óbvias...

RB: Não, nunca são coisas óbvias. É só eu ver uma pequena coisa. Talvez eu veja alguém nos bastidores de quem eu não goste, ou poderia ser alguém na banda tocando alguma coisa que eu não goste. Ou se eu ouço que estou tocando mal, isto também vai me desconcertar. Ou talvez a incompetência com as luzes e o som, que poderia me derrubar, depois do que me tirará o humor o resto do show. Este é o meu pior problema, perder o humor devido à incompetência.

TD: Você sempre esquece do que fez você reagir dessa forma?

RB: Bem, eu sei o que é quando acontece, mas muito frequentemente quando acaba o show, depois de duas horas, eu já esqueci que diabo havia me aborrecido e então acho que foi coisa minha mesmo. Mas, então eu puxo da memória e me lembro do que foi.

Como na outra noite, o que me aborreceu foi que no meio da Child in Time eu olhei para o Jon Lord e ele nem ao menos estava tocando durante meu solo - ele estava com os braços caídos! Ele me observava e eu pensei 'Por que ele não está tocando?'. Aquilo me deixou louco da vida. Ou, como eu disse antes, uma entrada da iluminação pode falhar e então Ian vai dizer algo que me irrita e após outras quatro pequenas coisas você parece ter aquela grande nuvem negra sobre sua cabeça, porque tudo não está perfeito.

Daí você começa a perder concen -

tração, começa a viajar em você mesmo, como por exemplo, pensar 'Eu posso fazer melhor do que isto' e você está tentando tanto agradar, que no fim você acaba se compor - tando como um colegial, correndo do palco, batendo o pé e dizendo 'NÃO! Eu não vou tocar! Isto não está certo, então não vou tocar mesmo!' Na verdade, eu deveria dizer 'tudo bem, isto não é perfeito, vamos passar por cima disso - a audiência provavelmente nem notou, continuemos com o show', mas eu simplesmente não consigo agir assim. Eu começo a ficar chateado com essas estúpidas coisinhas negativas.

TD: Do jeito que você fala, é como se houvesse algo que o irrita em você mesmo. Isto é algo que você já tenha percebido alguma vez?

RB: Eu realmente gostaria de po-der passar por cima desta merda. Eu gostaria de poder só dizer 'Hey, todos cometem erros', mas eu fico tão emocionado num show, tão emocionado no palco...

TD: Mas isso não poderia ser considerado uma vantagem?

RB: Sim, uma vantagem na qual você pode alcançar extremos de grandiosidade, mas também você pode ter tristezas profundas e aí está o porquê de haver muitas vezes em que eu me recuso a dar 'encore'. Não é porque eu estou com preguiça, ou sem vontade ou porque quero ir p'ra casa, nada tão trivial assim. Geralmente é quando alguma coisa não saiu bem certinha e me sinto embaraçado ou irritado ou magoado - é uma coleção de vários pensamentos negativos. Então fico de mau humor e bato o pé. Eu simplesmente não consigo ir lá e tocar feito um robô.

TD: Você chegou a fazer isto alguma vez?

RB: Sim, claro. Eu já fui ao palco umas vezes e toquei como um robô. Toquei um 'encore' e pensei: 'Ao inferno com isso. Eu serei como o resto. Eu não me importo. Por que eu deveria tomar toda a res-ponsabilidade e me preocupar tanto? Você não pode se preocupar tanto assim. Não pode levar a vida se preocupando demais ou terminar num hospital com úlcera'.

TD: Isto me leva à próxima pergunta: você já pensou se desaponta sua audiência apenas porque algo que ela não tem culpa o aborrece? Ou você vai além do palco? Você só toca atualmente para sua pró-

pria satisfação?

RB: Sim, eu toco para mim mesmo. Mas, com a audiência pesando em minha mente. Eu tenho grande respeito pela audiência. De fato, eu tenho total dedicação tanto para a audiência como para comigo, mas eu venho primeiro. A audiência vem logo atrás. Se eu fico enjoado com algo que toco, eu começo a perder a fé em mim mesmo e, então naturalmente a audiência so-fre.

TD: Quanto você dá de si?

RB: Eu gosto de tentar e de dar 100%, mas ao mesmo tempo se eu me sinto rejeitado só um pouquinho eu me viro e digo 'Ah, eles que se ferrem!' Eu não sou tão profissional ao ponto de manter o nariz p'ra cima e ficar naquela do 'vamos ver o que é que dá'. Eu não posso fazer isso. Eu nunca, nunca mesmo consegui fazer isso na minha vida e ser bem sucedido. Consequentemente, eu saí fora do Wembley quase todas as vezes que toquei lá. Eu acho que minha última ambição é tocar um 'encore' em Wembley (risos)!

TD: Esta não é a primeira vez que você admite uma dificuldade em manter uma atitude profissional. Se é este mesmo o caso, como você pode, em relação ao Rainbow, liderar uma banda por tanto tempo?

RB: Eu não sei. Eu tenho uma roti na muito restrita. Eu como bem, eu tento dormir bem. Eu sei que bebo um pouco demais... Eu vou ter que pensar sobre isso. Eu sempre associo as idéias a Hendrix - não que eu esteja na mesma liga, mas eu sinto por ele. Quando ele tocou no Royal Albert Hall, fez um show terrível. Eu poderia dizer que ele perdeu um pouco a cabeça e ficou sensível demais sobre o show. E se você ouvir os piratas desse show, ele começa a matar as músicas e não há aplausos, somente um grande silêncio como que dizendo 'Jimi não está conseguindo' e com certeza ele pôde sentir aquilo. Bem, de qualquer maneira, de acôrd com Chris Welch (jornalista musical inglês - N. da R.), depois deste show ele foi para um clube noturno chamado Speakeasy e fez um show incrível. Ele tinha bebido um pouco e estava mais relaxado.

Mas, tão logo você é colocado sobre o pedestal, você pode tropeçar facilmente. É uma área muito balançante. Para tocar guitarra,

geralmente, em primeiro lugar, tem que ser extremamente sensível. E isto infelizmente pode ser um tiro pela culatra. Eu não posso bloquear as pessoas. Veja bem, eu peço na emoção das pessoas...

TD: Você sempre se irrita quando as pessoas dizem 'Oh, Ritchie Blackmore - não é aquele bastardo mal humorado?'

RB: Não, isso não me preocupa. Me preocuparia se eles não dissessem nada. Eu me preocuparia se dissessem 'Oh, ele está fazendo o de sempre, que interessa?'. Isto me aborreceria. Quando dizem 'bastardo mal humorado', significa que eles estão pensando em mim.

TD: Você é seu crítico Nº 1?

RB: Até um certo grau, embora eu ouça as pessoas que não têm nada a ver com o negócio musical, pessoas que tem um ponto de vista totalmente objetivo, como uma namorada ou qualquer outro. Eu lhes pergunto qual é a faixa favorita deles ou como sentiram o show. Geralmente eles dirão algo como 'Mas eu não sei quase nada sobre música!', sem perceber que são exatamente o tipo de pessoas com quem eu quero falar, porque pessoas como nós sabem muito a respeito de música.

Eu não quero ouvir o ponto de vista de um músico, porque ele não vai comprar a droga do disco de jeito nenhum. Quero dizer, eu compraria música medieval ou algumas coisas bem estranhas, não vou sair por aí e comprar alguma banda comercial e nem eles farão isso também. Então, eles são as últimas pessoas com quem me importo - músicos, flagelo f**do da Terra!

TD: Você realmente pensa assim? Em que aspecto?

RB: Eu acho que todos estaríamos melhor sem músicos. Eu acho que seria uma festa, cara, boas vibrações e todos nós tomaríamos drogas (risos).

TD: Você tem alguma ambição fora do Purple?

RB: Minha última fantasia consiste em duas coisas e elas poderão parecer simples para muita gente. Eu quero organizar uma 'Feira Renacentista' na América ou Inglaterra. Eu cercaria uma área de mais ou menos três milhas, com tendas dentro, como no século 16. Haveria leitoras de sorte, de tarô, de mãos e concursos de arqueiros. Haveria um rei e uma rainha, que seriam coroados. Ali teria uma fo-

gueira aberta com um porco tostando e um pequeno palco com um balê. Haveria catadores de gravetos, haveria atores pagos infiltrados no povo e ninguém poderia entrar sem estar devidamente trajado. Eles comprariam seus bilhetes já com essas roupas, com botas altas e pesadas. Teriam que usar chapéu de mosqueteiros, um colete e tudo o mais que combinasse. Eu teria

TD: E sobre os 'Menestréis Vagueadores'?

RB: Yeah, minha outra fantasia é formar uma banda - uma banda medieval - tocando música Renacentista do século 16. Coisas de 1550, de Tilman Susato. Ele escreveu música para instrumentos como realajo, flauta, violão e vários outros instrumentos medievais. Eu



Rainbow, NY, EUA, (28/Set/79). Foto: Stephen Wunrow

menestréis vagando, logicamente e pessoas a cavalo entrariam de graça. Eu serviria 'Mead' (uma antiga bebida inglesa feita com mel e cerveja) e é isto sobre o que consiste minha fantasia. Estou pensando em fazer isso em Vermont; provavelmente custaria muito, mas eu não me importo de perder dinheiro porque me divertiria até mesmo se eu fosse o único a estar lá.

gostaria de ter uma banda de oito peças fazendo música medieval (N. da R. - aqui ele se refere a 'pageantry music', que seria uma espécie de música medieval usada para relatar episódios históricos). Eu realmente curto este tipo de coisa. Há algo que me fascina realmente quando eu ouço esta música. Me faz tremer. E nós tocaríamos em casamentos e lugares inco-

muns.

Eu adoraria fazê-lo como alternativa do que faço agora. Eu adotaria um nome diferente e as pessoas que tocariam comigo não seriam Rockeiros. Eu seria apenas um guitarrista qualquer tocando com flautas e todos esses tipos de instrumentos. Eu acho que tenho um bom repertório do século 16. Tudo que tenho a fazer é achar os outros instrumentistas.

TD: O que o atrai a este tipo de música?

RB: Não sei, é algo que sempre me tocou. É algo que me atinge e a minha alma.

TD: Mas parece ser totalmente oposto do que você é - quero dizer, você é um guitarrista elétrico!

RB: Por mais engraçado que pareça, há uma similaridade entre Rock pesado e música medieval. Elas estão ligadas. Se você ouvi-las, verá que existe uma correlação entre elas. Um tema. De qualquer maneira, eu posso ver isso, é muito majestoso. Eu toco Rock ressonante, majestoso e eu sinto a música medieval ('pageantry' - N. da R.) como tendo um mesmo tipo global de som - é espantoso o quão próximo é do Rock'n'Roll.

TD: Musicalmente, você sente que já atingiu tudo que há para atingir na guitarra elétrica?

RB: Não, não mesmo. Eu nem cheguei perto do que queria. De fato, eu acho que muito da minha ira é frustração. Eu sou frustrado por ser irado e irado por ser frustrado. Eu sou frustrado por não saber o porquê de eu ser irado.

TD: Eu entendi (acho). Mas isso tem a ver com a guitarra, os negócios musicais ou o quê?

RB: Eu acho que é com a guitarra, porque eu me mantenho longe do lado comercial das coisas. Eu evito coisas como jantares das companhias de discos, eu não vou a recepções da imprensa e os únicos jornalistas que conheço são amigos pessoais. Eu realmente não quero me ver envolvido, isto é para pessoas do showbiz e eu não posso me relacionar com eles. Eu recordo de gente como Judy Garland, gente deste tipo.

TD: Quando você entrou para o Rock'n'Roll não teria sido uma reação à falsidade do showbiz?

RB: Sim, eu acho que foi uma rebelião contra a sociedade. Na escola eu era muito quieto. Todos os

dias as pessoas vinham para mim e diziam 'Por que você não sorri mais vezes?' e todas aquelas coisas que te esgotam depois de um tempo. Eu acho que quando tinha 15 anos eu estava excitado com o Rock'n'Roll pelas razões que disse, mas agora eu estou excitado por razões diferentes. Eu penso que desenvolvi uma visão mais sofisticada. Obviamente quanto mais velho você fica, mais você se afasta do tipo de visão 'esmague-sua-cabeça-contra-a-parede'. O Purple nunca empregou o estilo AC/DC, 4/4 direto, todo mundo batendo suas cabeças...

TD: Eu realmente não acho que isso soaria natural para vocês, rapazes...

RB: Não, nós sempre gostamos de acrescentar um pouco de coisas estranhas. Nós sempre temos que educar a audiência um pouquinho. Há alguma coisa em todos nós da banda que nos faz arriscar. Nós propositalmente tocamos coisas que são ou muito devagar ou muito depressa para ver como a audiência reage.

'Dead or Alive', por exemplo, é muito rápida para o público coordenar; 'Beethoven' (N. da R. - Difficult to Cure) é em 6/8 e eles não conseguem acompanhar com os pés, fica um pouco estranho. Eu sei que sempre que toco qualquer improvisação de guitarra, eu uso uma batida muito sincopada e logo que começo a escutar o pessoal batendo palmas para acompanhar, eu deliberadamente tiro as palmas de ritmo, mudando o tempo do solo. Qualquer pessoa no mundo pode subir num palco e dizer 'Vocês querem Rock'n'Roll? Vocês estão numa boa? Yeah, juntem as mãos etc etc'

TD: Ian (Gillan) parece ser o último antídoto para o homem de frente convencional.

RB: Yeah, Ian está acima de tudo isso, ele não-tem que fazer estas coisas. Todos das outras bandas fazem, exceto por pessoas como Ian Anderson (Jethro Tull) e este é o motivo pelo qual eu sempre vou assisti-lo todas as vezes que dá. Ele nunca pergunta à platéia se eles querem entrar no balanço. Ele está muito longe disso tudo para ter que oferecer este tipo de clichê.

TD: Você acha que existe um limite de idade no Rock'n'Roll?

RB: Acho que existe um limite de idade no tipo de Rock que nós estamos envolvidos. Mas, se você está no Blues, como Eric Clapton ou

B.B.King, então você pode continuar sempre. Mas, no caso do Purple, tocamos para um público de 16-22 anos de idade e é difícil de se fazer.

Quando se chega aos 41, você passa a confiar mais e mais na música, embora seja claro que a maioria das pessoas não quer ouvir Jazz, de outro modo jazzistas como Charles Mingus seriam nº 1 das paradas. Então você fica patinando em gelo fino. A questão é - o quão longe você pode ir no mundo dos negócios do Rock'n'Roll da indústria musical - indústria sendo a palavra-chave- antes de ir para o Blues ou, no meu caso, o modelo medieval?

TD: Você chegou a alguma conclusão sobre seu futuro?

RB: Com o Purple eu não me vejo indo muito longe. Talvez só mais outros 25 anos (risos!). Depois disso acho que é a minha deixa, eu terei que me mexer. Como eu já disse, me vejo com este pequeno grupo renascentista. Este é o meu sonho.

TD: Uma época eu me lembro que você estava bem inclinado a fazer um projeto solo.

RB: Yeah, mas esta coisa de 'so-lo' é tão chata, não é? Sempre que ouço falarem que vão fazer um álbum-solo, bem, isto significa que eles caíram fora da banda e seus egos estavam numa melhor que os deles e eles saíram para fazer seu disco solo, cara'!

TD: Quanto você acha que o pessoal do Purple mudou?

RB: Eu não acho que eles mudaram, na verdade. Eu acho que eles são exatamente os mesmos - incluindo-me. De uma maneira positiva, cada um de nós tornou-se mais cuidadoso a respeito das falhas de todos e um pouco mais tolerantes quanto a resultados.

Não muito a mais, mas um pouco mais, a ponto de entender que você não deve dizer coisas negativas no momento que sai do palco. É muito importante quando você está tocando numa banda com cinco pessoas que quando tiver algo a dizer que não seja muito agradável, que não diga nos quinze minutos seguintes ao show. Você está tão distante da realidade nesta hora que você não consegue falar nada com os pés no chão.

Eu percebi recentemente que Rock & Roll é muito intensamente ligado com a bebida. Na última noite estava pensando 'Cristo, eu tenho

muito a beber' e de uma certa maneira que, através dela eu possa estreitar meu campo de visão para o ponto em que não me atento a nada mais. É muito importante no Rock'n'Roll estar 100% dentro do que você toca - no meu caso, a guitarra. Eu tenho que fechar meus olhos e me ligar na guitarra. Eu não posso estar sóbrio ou careta porque então eu me preocuparia com coisas demais à minha volta. Quando fico bêbado, eu realmente ganho mais controle, tenho as coisas dentro de um ponto de vista mais objetivo. Eu consigo chegar numa linha de raciocínio muito boa e eu não consigo chegar nesta linha sem estar meio travado. Se meu trem de pensamentos vem, eu realmente não consigo dar continuidade na guitarra. Então para conseguir aquele fraseado e aquela continuidade, tenho que estar totalmente dentro da guitarra, o que não é difícil quando você tem scotch e 'coke' por perto (N. da R. - aqui aparece uma expressão ambígua. Não fica claro se esta 'coke' refere-se ao refrigerante ou se é mais uma gíria para designar a cocaína. Bom, em ambos os casos, temos exemplos de drogas das mais 'perigosas'!).

TD: Quando o Purple começou havia uma certa ingenuidade na banda? Esta 'inocência' foi perdida?

RB: Para resumir em uma frase, estou assustado com a importância da pergunta. Eu acho que a resposta sempre dependeria do meu humor na hora.

TD: Você olha para esta reunião como uma grande viagem nostálgica?

RB: Não, na verdade não, embora eu goste de nostalgia. Muito dos meus discos favoritos são antigos. Certos discos ligam-se a certos momentos em que você esteve se divertindo. Mas com o Purple neste momento, a primeira coisa que me vem à cabeça - e parece tanto um lugar comum - é que nós ficamos sensivelmente amadurecidos. Novamente digo que estamos mais tolerantes uns com os outros. Nos velhos tempos eu sempre perdia as estribesiras se Jon resolvia dar recitais de órgão às custas da platéia - isso me deixaria louco. Eu sempre fui o único que era 100% Rock'n'Roll, enquanto ele era 50% clássico. Agora sou 50% clássico e ele é 50% clássico, então...

TD: Quando vocês voltaram, vocês

não tinham alguma previsão sobre como vocês iriam comportar-se com as óbvias pressões externas?

RB: Bem, quando voltamos nós concordamos que não poderíamos começar sendo comerciais, que nós teríamos de prosseguir com o mesmo tipo de música do Purple, mesmo correndo o risco de cair em ouvidos surdos. Não se pode começar a pensar em produções incrivelmente lustrosas, chamando pessoas como Mutt Lange e fazendo algo como as produções do Def Leppard - nós sabíamos que nós tínhamos de ficar firmes em nossa posição e afundar com o nosso navio se fosse o caso. Por sorte, ele não naufragou.

TD: A respeito da recente turnê inglesa, eu ouvi vários informes que vocês estavam planejando fazer uma série de shows secretos em pequenos clubes escolhidos, o que aconteceu?

RB: Isto é verdade. Foi tudo tão ridículo, porque nós tínhamos todos concordado em fazer os shows em alguns clubes pequenos. Minha idéia imediata foi 'Yeah, legal, mas não vamos tocar em lugares como o Marquee' - ou seja, lugares pequenos mas sofisticados, onde todas as bandas tocam. Eu era a fim de tocar no Norte, que é nosso maior mercado. Nossos maiores fãs são do Norte, aí deixaríamos ver-nos em clubes pequenos. Por que Londres deve ver tudo? Estávamos pensando em lugares com no máximo 500 pessoas, lugares como Wake Arms, Epping - pequenos e suarentos, umas cinco noites, de um modo geral. Tudo estava ok, parecíamos todos de acordo e então o Ian (Gillan) anunciou que ele não poderia estar em nenhuma das datas porque deveria estar fora do país devido ao imposto de renda.

TD: Você se desapontou por tocar no Edinburgh Playhouse, preferido sobre os outros locais?

RB: Sim, me desapontei, porque estava inclinado a tocar em lugares como Newcastle ou mesmo Glasgow, mas então todo mundo falou 'Por que não Edinburgh?'. Era um local de 3000 lugares, seria como qualquer outro show. Então ao invés de um lugar realmente pequeno, onde todos estivessem suando e nós usando um equipamento pequeno, seria o mesmo usado em Wembley.

TD: Yeah, eu achei um pouco ridículo.

RB: Eu achei terrível... Eu me desgostei completamente.

TD: Você não parece particularmen

te envolvido com o lado político dos negócios, parece confiar isto às pessoas à sua volta.

RB: Sim, muito disto são decisões gerenciais, eu sou muito ocupado com arranjos e tocando nas excursões. Eu não posso controlar tudo e acho que o resto da banda sente o mesmo. Roger fica muito ocupado com a produção, eu também fico ocupado com os arranjos e composições, Gillan fica ocupado com as letras, Ian Paice fica muito envolvido em estar envolvido e aí vai...

TD: Você acha essencial para um entrosamento musical que pessoas que toquem juntas devam ser grandes amigas?

RB: Não, não acho. Eu acho que eles apenas devam respeitar uns aos outros. No palco, nós nos adoramos. Talvez duas horas antes ou depois nós poderíamos não ir com a cara do outro, mas no palco... isto é que conta.

TD: Você ouviu a canção Rock'n'Roll Mercenaries, de Meat Loaf? Ele foi ouvido dizendo que foi escrita para o Deep Purple e como ele sentia-se a respeito de vocês, todos cínicos e orientados pelo dinheiro.

RB: Eu não ouvi a música e não sei qual é o problema dele. Parece que ele começou toda essa confusão na Alemanha, quando tocou com a gente em algum festival (N. da R. - foi no Monsters of Rock).

Ele passou vinte minutos do seu tempo e me lembro que nosso encarregado lhe disse: 'Olha, este TEM que ser seu último número!'. Mesmo assim ele continuou tocando, embora nós não tivéssemos percebido isso até aquela hora. O chefe da nossa equipe disse-lhe: 'Se você não parar agora, nós desligaremos seu som, porque nós temos que seguir com o show, você não é o único a tocar esta noite'. Ele não gostou disso tudo e então foi que

começou a nos atacar. Eu li alguma coisa que ele disse: 'O Purple vai para o palco, toca seu show e então vai p'ra casa'. Eu pensei 'Isto é interessante. O que as outras bandas fazem? Tocam seu show, saem e então começam a realizar milagres, curas pela fé ou algo parecido?'. Eu não consegui entender que diabos ele estava dizendo. Sim, é verdade, nós tocamos e então vamos p'ra casa.

TD: Basicamente, o Purple é o último bastião das grandes bandas de Heavy Metal e em consequência um alvo muito fácil de críticas - 'dinossauros' etc...

RB: Em qualquer crítica nossa, eles sempre mencionam nossa idade. Sempre citam que tenho 41, que o Jon tem 45 etc. Mas se eles falam sobre gente como Phil Collins ou Paul McCartney, não dizem uma palavra sobre a idade deles. Parece estar mais obcecados com nossas idades do que nós mesmos. Não

entendo onde querem chegar - qual é o ponto. É tão previsível e foi dito tantas vezes que chego a pensar que eles progrediram para algo novo.

TD: Isto te aborrece?

RB: Não, sei que pareço mais jovem que sou e isto não parece aborrecer o público. Sô fico imaginando por que eles pegam no meu pé com tantas coisas por aí para pegar. Que somos maus músicos, que somos inertes, isso não, é sempre a mesma coisa: 'Eles deveriam ser deixados de lado. É uma vergonha que com esta idade estejam tocando Rock'n'Roll - eles deveriam estar em casa na cama ou criando as suas crianças'. Isto é absurdamente ridículo.

(Neste ponto, um fã que estava sentado conosco em estado de silêncio reverencial juntou-se a nós na discussão, em atenção ao pedido do nosso 'Homem de Preto')

Fã: Posso lhe perguntar sobre Yngwie Malmsteen? Como você sabe, como guitarrista ele é muito inflenciado por você...

RB: Eu o considero um brilhante guitarrista, ele apenas precisa acalmar-se e tornar-se um pouco mais sofisticado. Ele tenta ser o produtor e compositor, mas ele é essencialmente um guitarrista. Me dá nos nervos que ele me copie tanto. Este cara é muito, muito bom, por que ele quer me copiar? Eu não tenho idéia. Ele telefonou para meu técnico de som e disse: 'Eu quero o mesmo som que o do Ritchie!'. E meu técnico disse: 'Lamento, eu não farei isso!'. De qualquer forma, não se deve fazer isso, deve-se ir atrás do seu próprio som.

TD ao Fã: Você acha a atuação do Ritchie no palco atraente ou repreensível?

Fã: Eu não acho repreensível nem de longe. Eu acho atraente, mas isto é questão de gosto pessoal.

TD ao Fã: Você acha que há uma tensão indefinida no palco?

Fã: Não, sô acho que Ritchie tem uma performance muito empolgante de se olhar.

TD a RB: O que acontece quando você vem para Londres?

RB: Realmente não sei, tenho que analisar isto. Depois de Wembley eu escutei alguém dizendo: 'Oh, bem, nada mudou, Ritchie foi embora antes do 'encore'...'.

TD: Eu me lembro da época em que





todos os maiores ídolos e pessoal da imprensa sentavam na primeira fila pra te assistir...

RB: Aquilo foi moda. Mas, voltando a Wembley, realmente acho que toquei bem na segunda noite. Eu terminei meu solo e só houve aquela resposta silenciosa. Pensei, então: 'Cristo, se isto é tudo o que eles fazem depois de eu tentar atingir as profundezas, tocando com o coração...'. É como se eles dissessem: 'Foi bem tocado, velho amigo. Próximo número. Não foi bom o suficiente!'. Há algo com a audiência de Londres, eu tenho vontade de dar-lhes umas palmadas. Ainda quando o Rainbow tocou no Sobell Centre no Finsbury Park, foi demais, o público ficou frenético. Foi a melhor audiência em toda turnê. Tinha que ter en-

tão a Wembley Arena; os narizes pra cima de sempre, a alta sociedade estava lá, havia certos buracos no público de onde não vinha resposta.

TD: Muita gente sente isso por que eles dão seu dinheiro como se o 'encore' fosse obrigatório...

RB: Yeah, o 'encore' obrigatório, eu não quero fazê-lo. Eu gosto de sentir se quero fazer mais som. Se não quero tocar mais, isto é minha prerrogativa. Se eu e a audiência estamos bem, então eu o farei. Mas não vou entrar nessa só porque sou obrigado e eles já estão esperando. Provavelmente haverá certas celebridades na platéia que não devem ligar muito se a gente não voltar, para poder achar que falhamos em nossa missão e todo esse nonsense. De todo je-

to, como já disse, toco para mim mesmo, no fim das contas...

TD: A atitude da banda mudou em certas situações, como quando vocês tocaram em Londres?

RB: Definitivamente. Parece que cria-se muita pressão cada vez que tocamos lá. Eu nunca havia visto Jon tão calado como desta vez - ele estava desligado, ambas as noites. Tenho várias maneiras de tocar, mas às vezes fico tenso em Londres e então só toco um quarto do meu potencial. Estas são noites ocasionais quando você realmente deve se abrir.

TD: Que tipo de público você acha que vem ver o Purple hoje em dia?

RB: É estranho, porque tenho visto muitos jovens, pais e filhos,

todo tipo. Eu não sei para quem estou tocando. Houve um show na Alemanha onde não encontrei ninguém com menos de 30 e isto foi realmente estranho. Mas foi bom ver gente daquela idade saindo, longe das crianças etc.

TD: Há algo mais que você gostaria de dizer?

RB: Eu acho que no fim das contas sou meu pior inimigo. Quero criar e também destruir. 'Smoke on the Water' foi escrita em cinco minutos, eu posso destruí-la ou não querer tocá-la, isto é comigo. As pessoas podem tentar e me cobrar o jeito certo e me tornar um zumbi, mas no fim de tudo eu só toco rei para quem eu acredito que quer me ouvir e enquanto isso ainda acontecer, eu continuarei tocando...

TOMMY BOLIN

¹ Tommy Bolin fez seu nome quando tocou guitarra-solo para aquele fenômeno do Meio-Oeste, a James Gang. Buscando uma audiência mais larga, Bolin saiu do grupo e assinou com a Nemperor Records, em junho de 1975, como artista solo. Um mês depois ele foi recrutado pelo Deep Purple, que havia perdido Ritchie Blackmore e necessitava de um guitarrista com a energia de Bolin.

Tommy começou nos anos sessenta como guitarrista da banda de Rock do Colorado, Zephyr. Daí ele excursionou com a James Gang, gra-

vando em dois álbuns, 'Bang' (1973) e 'Miami' (1974). Ele também gravou como guitarrista-solo nos discos dos bateristas Billy Cobham e Alphonse Mouzon. Sua reputação é tal que o permite cruzar as fronteiras Hard Rock/Jazz Rock.

Perguntando em que ele pensava ao deixar a James Gang, Bolin disse: 'Um álbum solo'. 'O qual estou fazendo agora', completou. Ele gastou seis meses tentando conseguir as pessoas certas para o disco, que ele gravou tanto no Electric Lady em Nova York, quanto no Record Plant, em Los Angeles. 'Eu

estou tendo problemas em achar o tecladista certo e não tenho tido sucesso em encontrar pessoas que pensem como eu. Então eu não tentei montar uma banda, apenas vieram os músicos para trabalhar no álbum'.

Nós pulamos para seu álbum com o Deep Purple. 'Eles me ligaram, eu fui até eles e nós tocamos juntos. Eles curtiram aquilo e eu também. No primeiro minuto, literalmente'. O resultado foi um rápido acordo para unir-se ao Purple e um sufoco para dar os toques finais do seu próprio disco rapidamente, an-

tes de juntar-se ao Purple para gravarem seu disco na Alemanha. O resultado é um álbum de Tommy Bolin e um do Deep Purple com apenas semanas entre os dois lançamentos.

Depois de meses no estúdio, Tommy planeja retornar aos EUA - 'Terei uns meses de folga e juntarei uma banda para sair tocando comigo, aqui e ali'. Tommy diz que ele quer procurar coisas tocando sozinho que não refletirão no Purple. 'O Purple é algo principalmente dirigido ao Rock. Meu projeto solo será mais instrumental e com

marcações de tempos variadas. Eu adoro fazer ambas as coisas. En - quanto eu estou envolvido com o Purple, eu estou sô envolvido com o Purple. E quando eu estou envolvido com meu trabalho solo, então é comigo'.

Neste ponto da entrevista, Bolin desapareceu, retornando com um copo de leite.

'Você arruinará sua imagem', eu a lertei.

'Talvez não', Tommy dando de ombros, 'talvez eu esteja começando uma tendência totalmente nova, levando o Jack Daniels e levantando um copo de leite'.

Tommy dá um gole e eu volto aos seus anos com a James Gang. Nós começamos a conversar e Tommy na verdade não disse muito sobre eles.

'Foi frustrante para você?', perguntei, buscando uma direção.

'Yeah, principalmente no palco', ele diz. 'Não havia comunicação e quando não há, também não há aprendizado. E quando não há aprendizado, então eu me torno estagnado'.

'Então, esse foi o motivo para deixá-los?'

'Principalmente, yeah, e também a chave que nós estávamos em lados diferentes do rio!'

De volta ao Deep Purple. 'Você se

surpreenderá com as coisas que gravamos no nosso novo álbum', ele diz.

'Em termos do quê, Rock and Roll ou variedade?', perguntei.

'Variedade'.

'É um desafio para você?'

'Não, de jeito nenhum. De fato, se é que existe, eu acho que estou quase que me destacando do resto da banda, porque antes eles não eram suficientemente complementados, quero dizer, Ian Paice é um baterista incrível, realmente incrível. De fato, ele é um bocado sutil. Nós todos nos entendemos realmente bem e nós tocamos realmente bem juntos porque nós respeitamos o tocar um do outro'. Eu aponto que o entendimento deve ser tão importante quanto o quão bem Tommy e Purple tocam.

'Oh, certamente', ele diz. 'Eu acho muito importante. Tenho visto grupos que têm músicos espantosos e odeiam um ao outro e as pessoas comentam. E tenho visto bandas ruins que realmente se curtem uns aos outros e seu som é bom'.

Entrando nos termos elétricos dos negócios, eu perguntei a Tommy a respeito da Stratocaster que ele usa. É uma Fender feita sob encomenda, adaptada com um braço da Telecaster. Tommy é outro dos guitarristas que trocou a Gibson Les

Paul pela Fender Strat. 'Eu fiz a adaptação há três anos atrás porque eu nunca poderia tocar a Strat, devido ao fato que as cordas eram muito perto do corpo e isso me aborrecia. Ao contrário, na Les Paul as cordas são um pouco mais distantes. Mas, você pode conseguir muito mais tonalidades na Strat e esta é uma vantagem muito grande'.

Para a amplificação, Tommy está usando três HiWatt de 100 watts e seis Sound City Bottoms. 'Eu provavelmente acrescentarei mais coisas. Eu estou experimentando os equipamentos estéreo no palco, controles de tonalidade e similares'. Nós pulamos para transistores e válvulas (Tommy prefere amplificadores de válvula) e voltamos ao Deep Purple e ao fato que Tommy está escrevendo algumas coisas para eles. E então nós voltamos ao seu LP solo pela Nipper e seus planos para seu próximo disco - que ele deve gravar na Europa com uma ajudazinha do Deep Purple, quem sabe? (*). Tommy está embarcando em uma carreira interessante que provavelmente farão seus anos com a James Gang parecerem tranquilos quando comparados. Uma coisa que muitos observadores do Deep Purple não hesitarão será ficar de olho em quão bem Tommy toca com e sem

o Purple. Para ele, está vindo para o Purple como um músico estabelecido com uma carreira solo em andamento, embora ainda não esteja ao alcance do público. Ele é também um experimentador que planeja proporcionar uma versão colorida de si, não repetindo seus riffs do Purple em seus próprios LPs e vice-versa. O resultado será, bem, é difícil dizer, mas nessa conversa com Tommy indicou que seja como for que se realize, ele está encantado com a chance de tocar tanta música."

(*) Observação: No primeiro LP solo de Bolin, Teaser, há a participação de Glenn Hughes fazendo o vocal final da faixa Dreamer, embora não conste o crédito para o mesmo na ficha técnica do disco, apenas a agradecimentos. Isto provavelmente devido a motivos contratuais de Glenn Hughes com o Purple. P

Arquivo SBADP



Whitesnake

Em um escritório de Nova York:

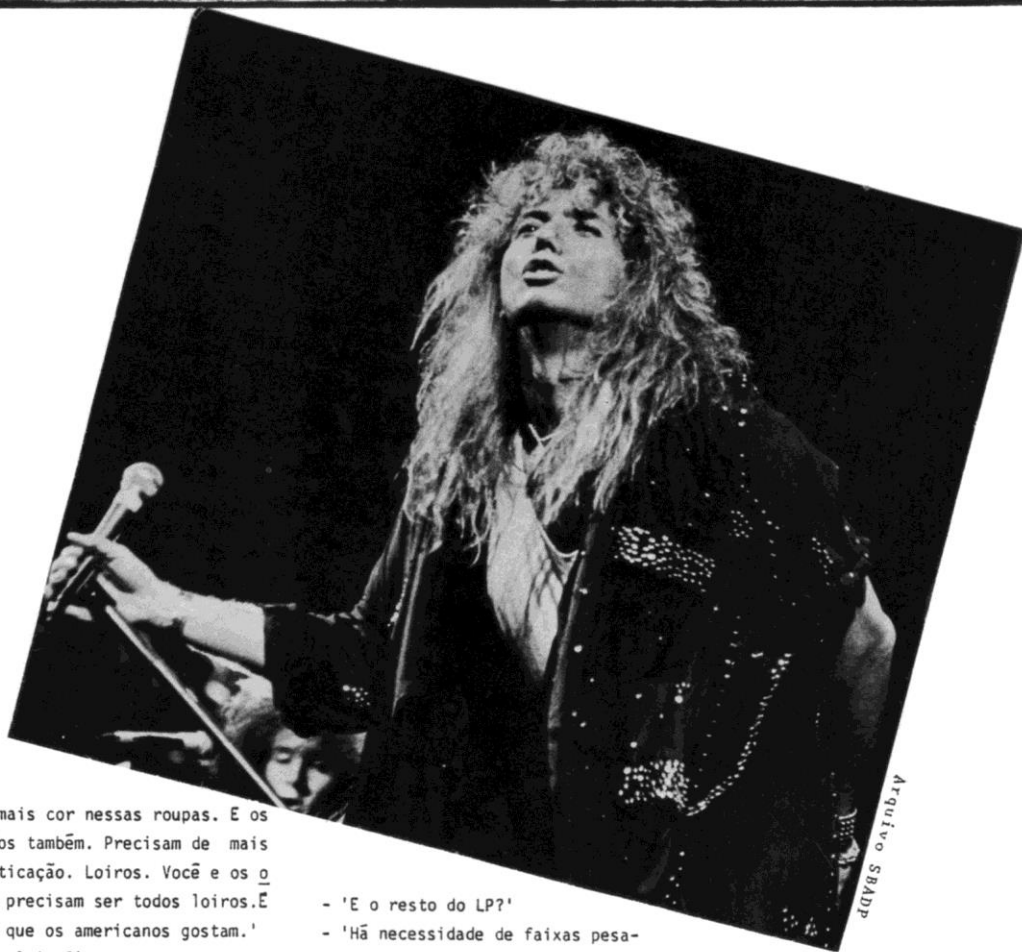
- 'Boa tarde.'
- 'Boa tarde. O Sr. é...'
- 'Coverdale. David Coverdale.'
- 'Pois não, Sr. Coverdale. Sente-se. Em que posso ajudá-lo?'
- 'Bem, eu tenho uma banda de Rock, muito famosa na Inglaterra - meu país de origem -, mas pouco conhecida aqui na América e ...'
- 'O Sr. quer torná-la sucesso por aqui, certo?'
- 'Isso. Ela se chama Whitesnake. O Sr. conhece?'
- 'Humm, não. Mas, prossiga, Sr. Coverdale...'
- 'Pois então, eu vim até aqui para requisitar sua assessoria para resolver este meu problema.'
- 'Certo. Faça o seguinte. Traga-me uns discos da sua banda e me dê uma semana para o estudo, certo?'
- 'Ok, mando os discos hoje mesmo.'

Uma semana depois:

- 'Muito bem, Sr. Coverdale. Fiquei muito impressionado com sua voz. Creio que será fácil atingir nosso objetivo. Normalmente meus clientes tem apenas um mínimo de talento, o que dificulta um pouco as coisas. Mas, certamente, não é o seu caso.'
- 'Obrigado. E o que o Sr. tem para mim?'
- 'Eu já tracei as linhas básicas do que denominei de "A Conquista da América". Consiste de várias medidas simples, porém eficientes. Em primeiro lugar, vamos cuidar da banda. É preciso que ela seja aquilo que a imprensa costuma classificar como "Super-grupo". Nada de desconhecidos. Aqui está a relação que eu separei.'
- 'Vandenberg, Campbell, Aldridge, Sarzo... Muito bom. Mas, eles aceitariam?'
- 'Pagando o adequado, tranquilamente. Em segundo lugar, o visual. Notei que o Sr. e sua banda sempre foram muito sérios para se vestir. Precisamos pôr mais bri-

lho, mais cor nessas roupas. E os cabelos também. Precisam de mais sofisticação. Loiros. Você e os outros precisam ser todos loiros. É disso que os americanos gostam.'

- 'Eu, loiro?'
- 'Sim. Um visual bonito é fundamental.'
- 'Bonito? Neste caso, o Tommy Aldridge...'
- 'Não, quanto a isso não há problema. Ele vai ficar por trás de todos aqueles tambores.'
- 'Está bem. Mas, e quanto ao disco?'
- 'Já pensamos nisso também. Precisamos de hits em potencial. Uma baladinha bem água com açúcar é indispensável. Andei ouvindo seus discos anteriores e creio que uma ou duas faixas poderiam ser reutilizadas. Outra coisa: pelas pesquisas que fizemos, notamos que, desde o término do Led Zeppelin, ficou um vazio no mercado. E pelo que constatei por uma faixa do seu último LP, o Sr. tem condições de explorar esse filão.'
- 'O Sr. fala de 'Slow an'Easy?'
- 'Essa mesmo. Desenvolva algo mais próximo ainda do Zeppelin. É um caminho.'



Arquivo SBADP

- 'E o resto do LP?'
- 'Há necessidade de faixas pesadas para abrir o show, o Sr. sabe disso melhor do que eu. Uma ou duas é o suficiente. E letras de amor. São as que pegam mais.'
- 'Quanto a isso não haverá problema.'
- 'Ótimo. Outra coisa. O próximo disco será sem aquele logotipo desgastado. Vamos desenvolver outro. Uma nova marca. Algo que possa ser usado intensamente no merchandising da banda. Pensamos em um medalhão, uma espécie de antiguidade.'
- 'Me parece bom. E o nome do disco?'
- 'Sem nome. Para o público americano, o Whitesnake começa agora. É o primeiro LP tradicionalmente não tem título, para reforçar o nome da banda.'
- 'São mais uma coisa. E os shows?'
- 'Tudo planejado. Começaremos arranjando para abrir os shows de bandas famosas por aqui, com público garantido. Estou pensando no Motley Crüe. Conhece?'

- '(gulp!) Sim. E depois?'
- 'Depois, o Whitesnake será a atração principal. Vamos também produzir alguns clips com bastante apelo sexual. O Sr. sabe, o público médio americano não consome nada que não tenha uma pitada de sexo incluída.'
- 'Ok, tudo certo. Mas quanto o Sr. acha que dá para vender?'
- 'Se o esquema for seguido à risca, pelo menos uns quatro milhões de cópias.'
- 'Yeah, negócio fechado.'

Evidentemente o diálogo acima é fictício, nunca aconteceu. Mas, sua essência não está muito longe da realidade. De repente, nós, velhos fãs do Whitesnake, nos encontramos vendo a banda conhecer um sucesso nunca antes alcançado. De um grupo praticamente desconhecido na América, vimos seu último LP ficar muitas semanas nos primeiros postos de venda, aparecen-

do na listagem das revistas Cash-box e Billboard (ditadoras das programações das FMs brasileiras) à frente de artistas pop de cifras sempre milionárias, como Whitney Houston e Bruce Springsteen. O que aconteceu? Algum estalo fez com que o talento de David Coverdale fosse reconhecido pelos americanos de uma hora para outra? É claro que não. O último LP do Whitesnake certamente não é a melhor obra de Coverdale. Discos superiores (como o Ready an' Willin', por exemplo) tiveram vendagem baixíssima na América. Infelizmente, a resposta está na rendição de Coverdale à indústria americana do showbusiness. O Whitesnake deixou de ser aquela banda de som calçado no Blues e no Hard Rock, para competir com os subprodutos do Rock que frequentam as paradas e colecionam discos de ouro e platina aos montes, como Bon Jovi e Ratt. É muito duro constatar isso. Com o talento que Coverdale tem, ele nunca precisaria ter que apelar como apelou para ficar milionário. Isto, é claro, se os esquemas promocionais da mídia fossem democráticos e visassem a valorização do verdadeiro talento. Isto é algo que sabemos estar muito longe dos interesses do Sistema. Portanto, nos resta torcer para Coverdale considerar-se satisfeito com a fortuna que ganhou e volte às suas raízes.

A BANDA

Coverdale é o único nome comum entre o Whitesnake que gravou o último LP e o que excursionou pelos EUA e Europa em 87 e 88. Neil Murray e Aynsley Dunbar foram contratados apenas para os trabalhos de estúdio. John Sykes estava nos planos de David, mas por divergências entre os dois, Sykes saiu para formar sua própria banda (conforme 'Notas' desta edição). Vejam o que David declarou à revista americana Hit Parader: 'O problema com Sykes foi somente uma questão de ego. Quero dizer, eu gosto de crianças, mas não necessariamente quero trabalhar com elas numa banda...'

O atual Whitesnake poderia ser chamado de 'Liga das Nações', pois cada membro da banda é oriundo de um país diferente. Além de Coverdale, que é inglês, compõe o novo Whitesnake o guitarrista irlandês Adrian Vandenberg, o cubano Rudy Sarzo no baixo, o americano Tommy Aldridge na bateria e na

outra guitarra o irlandês Vivian Campbell.

Adrian chegou a tocar no último álbum do Snake, como convidado - é dele o solo de Here I go again. Ele estava com sua banda 'Vandenberg' (seu primeiro LP, sem nome específico, saiu no Brasil, em 82) quando encontrou com Coverdale nos bastidores de um show do Whitesnake na Holanda, em 83, ocasião em que David lhe fez o primeiro de uma série de convites, que Adrian só acabou aceitando em 87. Rudy Sarzo começou no Quiet Riot, ao lado de Randy Rhoads, a quem acompanhou na banda de Ozzy. O primeiro contato entre o baixista e David ocorreu em uma turnê do Quiet Riot, para quem o Whitesnake abriu alguns shows (aliás, o Whitesnake já abriu para cada coisa...), em 84. Na época do convite de David, Rudy estava empenhado no projeto 'Driver', com o guitarrista Tony MacAlpine e o baterista Tommy Aldridge. Tommy tem o maior currículo entre os quatro novos 'Snakes'. Sua primeira banda famosa foi o Black Oak Arkansas, uma das participantes do célebre festival 'California Jam', ao lado do Purple. Depois, o baterista participou da Pat Travers Band por quatro anos (nesta banda tocou o guitarrista Pat Thrall, parceiro de Glenn Hughes no LP 'Hughes & Thrall'). Em 1980, Tommy entrou para a banda de Ozzy, tendo inclusive destacado como uma das sensações do Rock in Rio, com seu solo de bateria sem as baquetas. Tommy também trabalhou com Gary Moore por uns tempos. O convite de Coverdale para Aldridge (e também para Sarzo) veio quando da gravação do último LP do Whitesnake. David queria a seção rítmica do Driver neste disco, mas eles declinaram pensando no futuro de seu novo projeto. No entanto, após a gravação do vídeo 'Still of the Night', eles resolveram integrar-se ao Whitesnake. Este clip foi a primeira oportunidade em que esta nova formação do Whitesnake se reuniu. Não havia nada certo em relação à permanência dos cinco músicos juntos. Mas, após o término do vídeo, todos concordaram em seguir com a banda.

Vivian Campbell todos conhecem, foi um dos responsáveis pelo êxito da banda solo de Dio. Dio dispensou Vivian (os motivos não foram esclarecidos), que procurou promover o Trinity, grupo paralelo que mantinha já nos tempos de Dio. Mas, Vivian não conseguiu muito apoio

e o convite de David acabou levando-o de sérios apuros financeiros. Sobre a nova fase de sua carreira, Vivian declarou à revista Circus: '... É algo maravilhoso ter gente à sua volta te tratando com o máximo de dignidade e respeito - e vindo do grupo de Dio, são as únicas coisas que nunca tive.' Quanta roupa suja...

VINIL

Conforme comentei na edição de setembro de 87 da revista Somtrês, não achei este último LP do Whitesnake muito animador. Inclusive fiz uma previsão que acabou sendo furada. Disse que 'Is this love' faria com certeza parte da trilha sonora da novela das oito. Errei. Foi da novela das sete. Triste, muito triste ver o Whitesnake perdido em um disco de trilha sonora de novela, no meio de grupelhos pop de terceira categoria. A edição brasileira do LP 'Whitesnake' saiu com o mesmo repertório da americana. A inglesa contém 'Looking for Love' ('a 14ª canção com a palavra "love" no título', segundo observou o jornalista inglês Mark Putterford) no lugar de 'Here I go Again' e seria preferível à lançada aqui, já que essa nova versão não traz nada de novo que justificasse sua regravação. Não contente com essa, Coverdale gravou ainda uma terceira versão para 'Here I go Again', só lançada em compacto e que fez grande sucesso nas paradas americanas. Quem pôde ouvi-la, constatou que "mataram" a música com um lamentável arranjo pop, sem a entrada do teclado e com aquela nota aguda da guitarra sendo substituída por um sintetizadorzinho banal.

Nas letras do novo LP, a mesma falta de profundidade de sempre, característica do Whitesnake. Isto não é algo condenável, no entanto. Afinal, como já disse, o que importa é que a combinação letra/música soe bem. Quando ambas estão integradas perfeitamente, a têm mesmo letras simplórias acabam passando despercebidas. Mas, Coverdale bem que poderia mudar um pouco de assunto. É sempre a mesma coisa - temas de amor, onde às vezes há o lado do "amante sofredor" e outras vezes há o lado das insinuações sexuais. Ou então letras vazias falando dos personagens da noite, como em 'Bad Boys' e 'Children of the Night'. Uma frase em particular da faixa 'Gimme me all your love' (por sinal, uma das

poucas que recordam os bons tempos) me chamou a atenção pela pobreza da imagem: '...and I can't leave you alone, I'm running round in circles, like a dog without a bone'. Tradução: '... eu não posso deixá-la sozinha. Eu estou correndo em círculos, como um cachorro sem osso'. Aí, realmente não dá. Não se trata de exposição de um gosto pessoal, a fragilidade do Whitesnake atual é uma realidade. Eu sempre fui um grande admirador do Whitesnake e de David Coverdale, um dos maiores cantores da História do Rock, mas é preciso que essa nova (bad) atitude de David seja questionada. É difícil aceitar-se certas coisas

de alguém que por muito tempo cantou no Purple e compôs obras-primas como 'Mistreated'. Apesar de muitos Apreciadores terem escrito dizendo que gostaram muito desse mais recente LP e de suas mais de seis milhões de cópias vendidas no mundo todo, é preciso deixar a paixão de lado e fazer uma análise mais crítica sobre esse novo Whitesnake. É compreensível que Coverdale quisesse enriquecer e fazer seu nome nos EUA. É o sonho da maioria dos músicos de Rock. Nem por isso, nós fãs devemos aplaudir de pé todos os passos de Coverdale nessa sua "Conquista da América".

A ENTREVISTA

Ainda em relação ao novo disco, logo após seu lançamento, Coverdale comentou algumas das faixas em entrevista à revista alemã Metal Hammer, cuja tradução segue abaixo:

Still Of The Night

"É uma canção 'Lovehunter', uma canção de predador. É comparável a 'Slow an' Easy', 'Victim of Love' e 'Lovehunter'. Do tipo 'a noite é a hora certa' de canção. Você pode sempre escapar mais no escuro! Eu penso que isto é Coverdale definido. Ela já provou que é excelente ao vivo e a banda a está tocando f***mente. Foi arranjada na essência para ir direto do disco para as salas de concerto e expandir-se um pouco na atmosfera da peça. Eu estou muito satisfeito com ela e certamente teve uma colheita bem maior do que eu poderia ter desejado."

Bad Boys

"Ela é uma música Rockeira, uma canção rebelde. Os álbuns do Whi-

Gimme All Your Love

Looking For Love

Crying In The Rain

Is This Love

Straight To The Heart

Don't Turn Away

Children Of The Night

by Ray Zell

PANDORA PEROXIDE



17

paração é preferível do que se fez com o Duran ou os Monkees. Veja você, com o Deep Purple, eu gostava da energia que a bateria do Ian Paice punha na música. E tanto quanto eu adorava Ian, eu adorava a energia do Bonzo (John Bonham). Você sabe, Robert e eu somos realmente muito bons amigos. Nós temos uma aliança chamada de 'Os Irmãos Malvados'." (Coverdale para a revista Rip)

"Eu perdi tanto tempo fingindo que eu não era o cantor do Led Zeppelin e, olhando para David Coverdale, eu imagino onde é que eu estava... Aquilo sou eu. E quando eu o encontrar, vou pedir a ele que devolva meu dinheiro." (Bob Plant para a revista Kerrang)

Sobre a permanência desta nova formação da banda, Coverdale declarou à revista Circus:

"Eu não estava pretendendo usar a banda dos shows no estúdio, mas todos estão tocando tão bem! Eu gostaria de manter todos juntos. Mas não a qualquer custo - minhas parcerias anteriores me custaram muito de minha integridade, minha carteira e tudo mais."

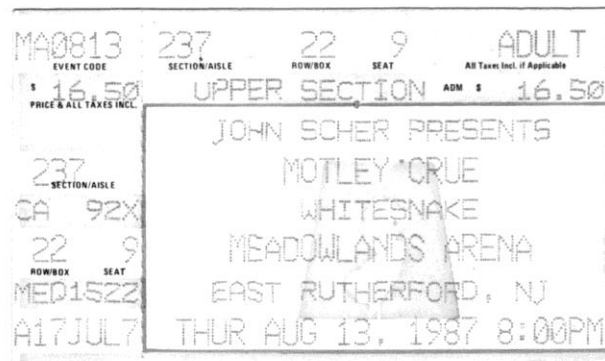
"O que eu chamo de Whitesnake é como um navio. E neste navio não há passageiros, somente pessoas que contribuem. Então, se estas pessoas começam a viajar artisticamente, então a elas são dadas a quilos que é chamado de 'bilhete de volta'. É o caminho para o inteiramente individual. Eu não estou interessado nessas viagens. Muitas pessoas navegam em direção ao ouro e eu estou faminto por platina. Eu me preocupo demais com o que faço. O que eu gostaria de fazer dentro deste terrível contexto do Heavy Metal é introduzir um pouco mais de coração e alma no lugar do sangue e maquiagem." (Coverdale para a revista Faces.)

"Eu escolhi deixar o Whitesnake e ir para o ELP. Desde então o Whitesnake começou a ser lotação esgotada, na minha opinião. Eles foram de uma banda de Hard-Rock e Blues para uma banda tipo Heavy Metal Glamour." (Cozy Powell para a revista Kerrang)

OS SHOWS

Enquanto nós por aqui nos divertimos assistindo 'A Hora da Consti-

tuíte', alguns felizardos Aprecia- dores podem assistir grandes shows de Rock. Logicamente refiro-me aos Apreciadores que estão no exterior. É o caso do Ricardo Topaliam, Apreciador em viagem pelos EUA, onde teve a oportunidade de assistir a dois shows do Whitesnake. O Ricardo gentilmente enviou esses relatos que seguem, exclusivamente para a Into the Purple.



Carta do dia 18/8/87:

"O concerto foi feito na Byrne Arena, Rutherford, N.J., uma puta arena, linda de morrer, tudo bem sinalizado. Quando cheguei já havia bastante movimento nos arredores do pessoal, da polícia e dos seguranças. Já na porta os seguranças me dizem que não posso entrar com a máquina fotográfica. Aí tive que ir ao carro para guardá-la. No caminho ao carro (eu estava com uma camiseta do Whitesnake que ganhei aqui, muito bonita), um casal americano me chamou e perguntou se eu já tinha visto o Snake ao vivo. 'Of course', eu lhes respondi, 'no Brasil, faz dois anos'. A mina abriu os olhos e me perguntou se eles eram populares aí e eu com um grande sorriso respondi que sim, o que eu ia dizer? De todos os carros estacionados se escutavam as músicas do Snake, só dos dois últimos LPs, porque aqui não se conhece os anteriores. Essa foi a razão de incluírem 'Crying in the rain' e 'Here I go again' (puta sucesso nas rádios e no vídeo-clip - acho que já assisti umas 40 vezes na MTV) no último LP, que continua segundo na Billboard. Aí consegui entrar, o movimento nos corredores não estava intenso, tudo bem organizado, à cada 30 metros havia stands vendendo camisetas do Whitesnake e Motley Crue e 'book tours' só do Motley, que era o dono da noite, como iria comprovar mais tarde. Do Snake só camisetas, muito bacanas por sinal. Meu colega comprou uma, custavam 16 dólares. Aí entramos na arena. Nunca imaginei que fosse tão grande. Do

lado de fora não parece assim e pelo menos naquela hora não estava lotada, só a metade. Nossos lugares estavam limpinhos, esperando pela gente - já imaginou isso no Brasil? Como eu comprei um pouco tarde os ingressos, fui parar no anel superior, mas dava para ver legal e ainda tinha comprado binóculos (atê pensei num telescópio). Antes de começar a falar do

show, devo dizer que sou a pessoa menos indicada para fazê-lo, porque eu falando do Whitesnake é como mãe falando dos filhos, sempre vai falar bem. Mesmo assim, eu vou tentar ser imparcial (não vou poder, mas vou tentar). Às oito horas em ponto, mas em ponto mesmo, apagam-se as luzes, todo mundo começa a gritar, assobiar, pular, acender os isqueiros e os ba-seados e uma voz na escuridão fala: 'This is a song for ya!!' e explode o palco de som e luzes. A poucos metros está David 'A voz' Coverdale agitando a galera. A primeira impressão que você leva do David é que ele se americanizou, pois o cabelo está tingido de loiro - que nem o do John Sykes -, calça preta, camiseta sem mangas branca, tênis branco e um sobretudo de lantejoulas, como tem o Ozzy Osbourne nas últimas fotos ao vivo. Apesar disso, a voz dele está inteirinha e começou atacando com 'Bad Boys' para arrasar. À direita Vivian Campbell e Rudy Sarzo, à esquerda Adrian Vandenberg, tendo às costas Tommy Aldridge. O Vandenberg também toma conta dos teclados. O som estava pesado, bem hard, poderia ser melhor se o baixo não estivesse tão alto, às vezes enjoava. No palco, todo mundo se movimentando, o David com a clássica posição do suporte do microfone. Atrás o furação Aldridge só fez confirmar a tradição dos bons bateristas do Snake, esse cara toca p'ra caramba, não deixa a peteca cair. No meio do solo de Vivian Campbell passam ao estribilho de 'Children of the night' para depois retornar e acabar 'Bad

Boys'. Você já leu que eu disse que o Motley era o dono da festa e isso era fácil de comprovar vendo o palco, era enorme, só que nada mais que um terço dele foi destinado ao Whitesnake, inclusive as luzes eram muito simples, porém o som que faziam esses filhos da mãe era f**a. Sem respirar arranca a segunda música, com a bateria castigando nossos ouvidos, 'Slide it in'. Todos mantendo o pique: o Rudy Sarzo parece um pão, girando e girando; o Adrian se jogando de joelhos no chão, a arena é festa, todos cantando e pulando. As minas que estão coladas no palco tentam, em vão, tocar o David. Uma delas joga um ramalhetes de flores para ele, o coito continua e acaba o segundo número. O David se comunica com a galera - 'Fuckin' e outras coisas, aí começam os acordes de órgão de igreja - 'Here I go again'. Apoteose na arena, todo mundo conhece a música, acendem os isqueiros, se levantam, gritam, foi um dos pontos altos da noite. O Vivian impecável, o Adrian cuida mais dos teclados nessa música. Milhões de aplausos quando termina a música e sem deixar a gente respirar, eu alcanço o orgasmo: 'Love ain't no stranger!' De lírio na multidão, foi sucesso aqui, a voz de David arrepiava. As minas postadas em frente do palco se desesperaram, o Vandenberg segura os teclados enquanto o Vivian alonga o solo de guitarra para nosso prazer e acaba a música num grande estilo. Eu me limpo e me preparo p'ro que vier e der. Eu, como muitos outros, pensei que os solos de guitarra seriam feitos na 'Crying in the rain', como no Rock in Rio, mas o David apresenta o Adrian Vandenberg e o Vivian Campbell (grande ovação, todo mundo conhece ele do Dio, ainda não sei como ele o deixou sair) e aí começa o solo do Adrian, muito bom, por sinal, não fica devendo nada ao John Sykes, é uma grata surpresa, porque anteriormente eu só tinha escutado uma música dele, não o conhecia muito bem. Mas, depois de suportar estoicamente solos do Bernie Marsden, Micky Moody e Mel Galley, o Adrian parece um enviado de Deus. Inclusive no solo ele até incursiona pela música clássica. Som bem limpo e correto. Sola mais ou menos cinco minutos e entra o Campbell, que não precisa comentários. Esse cara tem uma puta classe para tocar e muito 'feeling'. Seria até bom ele ficar no Whitesnake, mas você

sabe que no Snake até Lulu Santos tem chance, de tanto que muda a escalação. Ele também toca uns cinco minutos, só que o Rudy Sarzo fazia uma base nos teclados para ele, que realçava mais o solo. Aparece o David no palco e aponta os dois guitarristas e a Arena inteira aplaude e delira. Aí a câmera de 'Crying in the rain', acompanhados de uma gritaria de aprovação por parte dos 'Rockers' presentes. Agora é hora de Aldridge mostrar serviço e ele num solo eletrizante demonstrou a que veio. Ele bate com raiva na bateria, mas com precisão, é um cara com muita experiência. A galera aplaude bastante seu desempenho e velocidade e os outros retornam para finalizar a música. Eu me perguntava se agüentaria mais um orgasmo musical e demoraria uns segundos para saber a resposta: 'Still of the night', o 'carro-chefe' do último LP (cotada para receber no dia 11 de setembro o prêmio de melhor vídeo de 87). Aí todos ficam em pé, cantando, fazendo coro ao David, a empolgação é geral. Quando acabam os últimos acordes, não tem ser humano dentro da arena que não esteja aplaudindo, assobiando ou gritando. O quinteto se junta no meio do palco e cumprimenta a seus fiéis. Aí eu me pergunto - 'já acabou? Mas deve ter o bis com certeza...' Nada disso, eles se mandam e as luzes acendem. Os telões dão cobertura aos movimentos no palco, preparando-o para o Motley. No total foram 50 minutos exatos. Me senti como se fosse ao restaurante e começasse pela sobremesa, porque depois de ver o Whitesnake, não sabia se conseguiria suportar o que viria.

Para acabar o comentário, só umas poucas linhas do show do Crüe: não valem nada, nem como banda, nem individualmente. Porém, o espetáculo é bom para ver. Luzes, fogos, o palco parece uma quadra de basquete, explosões, uma parafernália, que nosso Whitesnake não teve. A bateria está amarrada a uma gaiola que começa a virar pra direita, pra esquerda, pra cima e pra baixo enquanto o cara toca um pobre solo. Não entendo o público daqui. Tem uns mil grupos melhores que esse, só que eles têm a mídia do seu lado, eles são impostos na marra através de revistas, TV e rádio, tenho dito. E para 'coroar' a noite, o Paul Stanley, do Kiss, cantou com o Crüe a 'Jailhouse Rock'. Era a oportunidade de matar todos juntos, mas não

deu, fazer o quê. Só no final que foram fazer uma homenagem aos grandes grupos de Rock e tocaram trechos de 'Helter Skelter', dos Beatles; 'Highway to Hell', do AC/DC e 'Rock'n'Roll', do Zeppelin, e foi um pouco melhor. E foi só."

Carta do dia 05/02/88:

"O motivo desta carta é a apresentação do Whitesnake no Brandon Byrne Arena. Os ingressos do show estavam esgotados há um mês e na verdade estava completamente lotado, inclusive as arquibancadas que ficam atrás do palco. Como não podia ser diferente, o palco para o Snake foi quatro vezes maior do que aquele no qual tocou quando abriu para o Motley. A bateria estava no meio, uns 2,5 metros do nível do chão e desciam duas rampas de cada lado, que os músicos usavam para ir e vir enquanto tocavam. As luzes foram muito boas desta vez, formavam figuras e desenhos no chão. A receptividade foi extraordinária. O David não pode se queixar que não emplacou nos States nunca mais. Só que achei ele meio quieto, sabe, como cansado, menos movimentado que antes. Será a idade? Não sei, mas prefiro o David do Rock in Rio, inclusive na roupa - agora, digamos que 'se americanizou', com o cabelo desse jeito e essas vestimentas. Mas, ainda bem que a voz dele continua sendo aquela. Só que acho que nunca mais vamos escutar ao vivo 'Ain't no love...', 'Fool for your lovin'', 'Walking in the shadow', 'Ready an' Willing' e tantas outras. Pelo menos tivemos a sorte de vê-lo no Rio de Janeiro, o resto é história.

Claro que o show foi mais longo que o anterior, quando só tocaram 50 minutos. Este começou 9:15 e acabou 10:45. Basicamente foram músicas dos dois últimos discos, a brinde com 'Bad boys', seguindo com 'Slide it' in um pouco diferente da versão original, um pouco mais 'hard', gostei. Continuou com a 'Slow an' easy', com acompanhamento da galera nos coros e no final um dueto de David com as duas guitarras, num estilo 'blueseiro', muito bom. Ele tem uma voz incrível, muito comunicativo com o público, fazendo piadas. Daí arrancaram com 'Here I go again'. A resposta dos fãs não se fez esperar e todo mundo acendeu os isqueiros, num espetáculo bonito. Depois a clássica 'Love ain't no stranger', para seguir com 'Is this love', arrancando

os gritinhos histéricos da galera feminina, com os isqueiros acesos novamente. Eu estava esperando por 'Crying in the rain' para os solos de guitarra, porém antes David apresentou os dois e já ali mesmo largaram os dois solos, muito bons. É a primeira vez que o Whitesnake apresenta dois guitarristas de primeira. Depois dos solos é que vem a 'Crying in the rain', com um solo de bateria no meio. Olha que eu não sou muito chegado em solos de bateria, mas este eu gostei, o cara mostrou que não passou em vão por tantas bandas. Para levantar os ânimos, soltam 'Guilty of love', com participações dos fãs nos corinhos. A seguir, o primeiro sucesso do Snake na terra do Tio Sam - 'Still of the night', com a galera vibrando e cantando. Aí acaba o show. Quer dizer, os caras cumprimentam o público, agradecem, porém sabem de antemão - já está tudo preparado para voltarem 'a pedido do público'. Ninguém se mexe do lugar, com os isqueiros iluminando a arena e então eles voltam para acalmar os fãs e soltam uma furiosa versão de 'Give me all your love', alongada, para deleite nosso. Antes disso acontecer, quando eles voltaram ao palco, David se dirigiu à platéia e perguntou: 'Vocês querem que continuemos com este barulho, é sério?'. Aí todo mundo responde que sim e David completa: 'Vocês são loucos.' e não dá chance para resposta porque entra a 'Give me...'. Quando acabam, o David pergunta: 'Mais barulho?' e junto com a resposta começam a tocar uma música que não me lembro o no-

me, mas sei que está num disco do ZZ Top chamado 'Fandango'. É a última do lado dois desse disco, um Hard-Rock que na voz do homem deixa os barbados do Texas cantando as vacas nas fazendas. E aí acaba mesmo. A diferença do concerto anterior foi que este foi mais alongado, com outras músicas, o David mais falante por ter mais tempo. Mas basicamente foi como o primeiro. Quem ficou sem espaço desta vez foi o Great White, que abriu a noite. Eles fazem um Rock 'sem sal, nem açúcar', aquele que você esquece meia hora depois de ter escutado.

Como resultado de tudo isto, o prazer de escutar e ver ao vivo o David. A gravadora lançou todos os discos do Whitesnake aqui, só que não colocaram o Ready an' Willing, não sei porque, mas até o Snakebite foi editado."

Ricardo Topalian

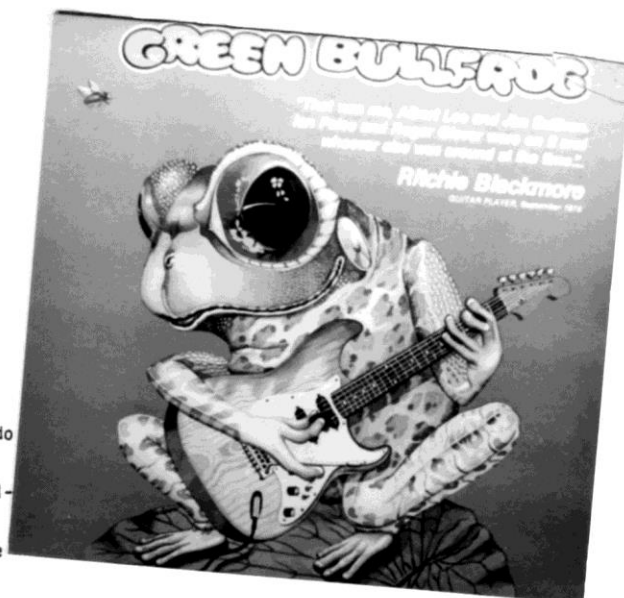


EM TEMPO: O Apreciador encarregado de nos contar como foi seu contato com David Coverdale no Rock in Rio não enviou à Sociedade seu texto da aventura e, desse modo, ainda desta vez vocês não saberão como foi a experiência. Lamento, mas não pude fazer nada. E um recado a um certo alguém que deu esse furo com a Sociedade: considere suas duas orelhas puxadas - pelo Hulk! **P**

BARRY DICKINS & ROD MACSWEEN FOR I. T. B. PROUDLY PRESENT
THE RETURN OF THE SNAKES TOUR '87 - '88
WHITESNAKE
 SPECIAL GUESTS
MC AULEY
SCHENKER
 GROUP
OUT OF '87 - INTO '88
SPECIAL NEW YEARS EVE SHOW
WEMBLEY ARENA
THURSDAY DECEMBER 31st



P E Ç A S D E C O L E Ç Ã O



Seguindo na proposta de apresentar discos inéditos/raros no Brasil da Discografia do Deep Purple, passo a partir desta edição para as carreiras solo dos músicos da banda. Como foi anunciado no número passado, o focalizado desta vez é o curioso LP Green Bullfrog, onde participaram Blackmore e Paice. Para a próxima Into the Purple, reportagem completa sobre o evento Butterfly Ball, de Roger Glover.

Green Bullfrog é um disco delicioso. Tanto pelo seu som, quanto pelas histórias e lendas que o cercam. Ele parece ter aquele espírito que todos gostariam de ver hoje no Rock - músicos se reunindo pelo simples prazer de tocar algumas de suas músicas preferidas, sem se preocupar com as implicações comerciais do produto final. Green Bullfrog lembra muito isso, uma celebração ao Rock'n'Roll.

Este disco é um acontecimento único, organizado a partir da idéia de Derek Lawrence de reunir em um LP alguns dos músicos que ele havia produzido até então. Derek foi o produtor dos três primeiros discos do Purple e também trabalhara antes disso com Blackmore - foi ele o produtor do compacto da 'Ritchie Blackmore Orchestra' (ver Into the Purple nº 4). No fim de 1971, Derek alugou o De Lane Lea Studios e chamou o engenheiro de som Martin Birch para cuidar da gravação do seu projeto. Neste ponto, aparecem mais duas relações com o Deep Purple. Martin Birch foi o engenheiro de som de algumas faixas do In Rock e mais tarde se tornaria o produtor da banda. No De Lane Lea, o Purple gravou faixas do In Rock e Fireball, sendo que anos depois, Ian Gillan se tornaria seu proprietário, alterando seu nome para Kingsway Records.

A primeira edição do Green Bullfrog veio ao mercado em março de 1972, trazendo na capa um pequeno sapo verde desenhado no canto inferior direito, sobre um fundo roxo (epa!). O disco passou praticamente despercebido até 1978, quando a revista Guitar Player publicou aquela grande entrevista com Ritchie Blackmore em sua edição de setembro, traduzida na Into

the Purple nº 3 na íntegra. Naquela ocasião, Ritchie comentou sobre este disco (verifiquem!), citando as presenças dele próprio, além de Glover, Paice, Jim Sullivan e Albert Lee. Isto provocou uma correria dos fãs atrás do LP, que imediatamente tornou-se um item de colecionador, tendo sua cotação disparada nas listas dos seus. Em 1980, a gravadora americana na Ecy Street relançou o disco, aproveitando o grande interesse despertado no mercado depois da entrevista dada por Ritchie. A gravadora tratou de promover umas modificações na capa original, alterando o desenho para um maior, onde aparece um sapo segurando uma Fender (!) e colocando em destaque a frase dita por Blackmore ao repórter da Guitar Player. Na contracapa, foi acrescentado um texto de um tal de Ed Chaperon, que afirma estarem presentes além de Ritchie e Paice, Roger Glover e Jon Lord.

Mas, por que todas estas dúvidas? Uma simples consulta à ficha técnica do disco não esclareceria o assunto? Não, justamente a ficha técnica foi a principal razão do disco ter ficado muito tempo ignorado e também a grande geradora de lendas, devido ao fato dos nomes dos músicos terem sido substituídos por apelidos. Os nove músicos estão identificados por 'Boots', 'Sleepy', 'Bevy', 'Sorry', 'Speedy', 'Pinta', 'The Boss', 'The Vicar' e 'Jordan'. Apesar de quase todos eles terem alguma relação com o Purple, Glover e Lord NÃO estão presentes. Blackmore é o 'Boots'. Paice é o 'Speedy'. O baixista é Chas Hodges, ex-companheiro de Ritchie no Outlaws, identificado como 'Sleepy'. Os dois tecladistas são Tony Ashton ('Bevy') e Matthew Fisher ('Sorry'). O

genial Ashton dispensa apresentações. Fisher tocou com Ritchie na época dos Savages (consulte o velho compêndio - a árvore Purplelógica da Somtrês), depois integrou o Procol Harum. Certa época, Ritchie quis levá-lo para o Rainbow. Os vocais ficaram a cargo de Earl Jordan, o único a não ter sido apelidado, na verdade. E os outros guitarristas? Conforme declarou Blackmore, dois dos outros guitarristas são realmente Jim Sullivan ('Pinta'), ex-professor de guitarra de Blackmore e Albert Lee ('The Boss'), participante do LP 'Gemini Suite', de Jon Lord, que andou depois atuando na banda de Eric Clapton. O último guitarrista é uma surpresa. Sua presença foi disfarçada por nada menos que dois apelidos! 'The Vicar' é Rod Alexander, cujo nome verdadeiro é Jeff Beck! Esta presença também foi confirmada posteriormente em uma entrevista, pelo próprio Jeff. O fato é que a razão da presença dos apelidos não foi explicada. Talvez o motivo tenha sido problemas contratuais, talvez os músicos tenham acertado isso entre si apenas para preservar o clima do disco, evitando o alvoroço que a mídia certamente faria em torno do lançamento. Apesar de todas as celebridades presentes, Green Bullfrog é um LP simples, gravado rapidamente (uma ou duas sessões, provavelmente), sem 'overdubs' ou outros efeitos de estúdio. O repertório é composto por 'covers' (regravações) de canções antigas, algumas delas presentes inclusive em discos de Elvis Presley ('Walk a Mile in my Shoes' é uma delas. O autor é o mesmo de 'Hush', que o Purple gravou), outras regravadas também por outras bandas. A única exce-

ção é a faixa 'Bullfrog', creditada a Derek Lawrence, mas com um riff 'Blackmoriano' demais para não ter sido pelo menos uma co-autoria. Inclusive, a faixa 'John Stew', do Purple (veja na Into the Purple nº 3, nos Discos, LP pirata 'Look what we found'), lembra-a muito. 'Bullfrog' é instrumental e é um verdadeiro delírio. Após o riff inicial, começa uma sequência de longos solos, dados um por cada guitarrista, finalizando por Blackmore, cuja presença tanto nesta faixa, como ao longo de todo o disco é, de longe, a mais destacada, com solos brilhantes. Este disco foi gravado em uma época que Ritchie estava descontente no Purple, tendo procurado tocar em projetos paralelos, como o que reuniria ele, Paice e Phil Lynott, do Thin Lizzy. Talvez o clima que envolveu este Green Bullfrog tenha sido benéfico à performance de Ritchie, porque em muitas das faixas sua participação é realmente notável. O desempenho de Paice também foi ótimo, fazendo jus ao apelido ('Speedy' em inglês quer dizer 'rapidinho').

O lado A do LP apresenta arranjos mais convencionais para as três primeiras faixas, três Rock'n'Rolls tradicionais. No lado B, os arranjos são mais variados, com presença de cordas (arranjadas por Del Newman, o mesmo de Butterfly Ball) e metais, com as músicas mais para o rhythm'n'blues e soul do que as do lado A.

Quanto mais o tempo passa e o Rock vai se transformando em um grande salão de beleza, mais aumenta a atração pelo Green Bullfrog, um disco gravado por quem foi atraído ao Rock'n'Roll pelas idéias que ele representava no início, muito antes dele se tornar a mina

de ouro que é hoje.

Green Bullfrog

FICHA TÉCNICA

Lado A:

- 1) My baby left me
(A. Crudup) - (3:16)
- 2) Makin' Time
(K. Pickett/E. Philips)-(2:51)
- 3) Lawdy Miss Clawdy
(L. Price) - (3:15)
- 4) Bullfrog
(D. Lawrence) - (7:15)

Lado B:

- 1) I want you
(T. J. White) - (3:38)
- 2) I'm a free man
(M. Klingman) - (4:30)
- 3) Walk a mile on my shoes
(J. South) - (3:33)
- 4) Lovin' you is good for me, baby
(D. Lawrence/E. Corlett/M.
Hutton) - (5:05)

1980/Ecy Street/ECY 16/LP americano

Procução: Derek Lawrence

Gravação: Martin Birch, no De Lane
Lea Studios, Londres.

Capa : M. Nemirov



RELAÇÃO DOS GANHADORES

Veja se seu nome está na relação abaixo. Se estiver, parabéns, você acabou de ganhar um LP da Sociedade! É isso mesmo, além de tudo, a Sociedade sai por aí distribuindo presentes - e olha que não é em troca de votos para as próximas eleições ou coisa parecida. São 50 LPs, oferecidos graciosamente pelas gravadoras Polygram (Valeu, Renato!), Odeon (Obrigado, Priscila!), RCA (Muito obrigado, Verta!) e Continental (Muito grato, Ester!). Na tentativa de evitar presentear alguém com um disco que já tem, os abaixo relacionamos os deverão entrar em contato por carta com a SBADP, escrevendo a sua ordem de preferência em receber o presente. Os LPs oferecidos são: The House of Blue Light, Whitesnake (1987); GTR (da banda de Steve Howe e Steve Hackett) e Back to Babylon, do Tormê (veja comentário nesta edição). Os nomes estão listados pela ordem do sorteio, que será respeitada para se distribuir os LPs. Ou seja, os nomes do fim terão menores chances de receber o LP desejado, o que não é tão mal assim, pois todos os quatro valem a pena. Depois de enviar por carta a ordem de preferência de qual disco quer ganhar (Observação - numere-os de um a quatro), a Sociedade remeterá as

I Pesquisa entre os Apreciadores RESULTADOS

Já não bastasse a minha falta de tempo para cuidar da rotina normal da SBADP, ainda fui inventar a Pesquisa! Tabular todos os 269 questionários enviados pelos Apreciadores (até a data do fechamento desta edição) não foi uma tarefa fácil (nem rápida), principalmente devido à diversidade das respostas de alguns ítems. Que o diga a Solange, 'the Gypsy', que paciente-mente prestou esse serviço à SBADP, merecendo por isso os agradecimentos e cumprimentos de todas as Apreciadoras - Apreciadores, fiquem fora disto!

Aí estão os resultados, com algumas surpresas, como podem ver. No geral, houve uma reclamação da grande maioria - a dificuldade de se apontar as músicas e discos prediletos de cada um, pela ordem de preferência. Isto só nos mostra a extensão da qualidade da obra do Purple, que, contrariando aquela velha lei, só vem aumentando com a quantidade de discos e músicas.

1) QUAL A SUA FORMAÇÃO PREFERIDA DO DEEP PURPLE?

Resultado: MARK II, com 73% dos votos.

- Vitória esmagadora da MK II. De certo modo, até surpreendente, pela diferença em relação a MK III, que ficou apenas com 22% dos votos.

2) QUAL, ENTRE OS 10 MÚSICOS QUE INTEGRARAM O PURPLE, É SEU PREFERIDO?

Resultado: Blackmore, com 35% dos votos.

- A vitória de Blackmore foi tranquila. A segunda posição é que foi duramente disputada, com Gillan ganhando no final. Depois da explosão do Whitesnake, eu esperava o contrário.

3) RELACIONE, EM ORDEM, OS 5 LPs PREFERIDOS POR VOCÊ, ENTRE OS GRAVADOS PELO PURPLE?

Resultado:

- 1º) Machine Head (23%)
- 2º) In Rock (16%)
- 3º) Burn (11%)
- 4º) Made in Japan (10%)
- 5º) Fireball (7%)

- Resultado sem surpresas, reflexo direto da primeira pergunta. Notem, apenas Burn representando a MK III, contra quatro LPs da MK II. Para manter as proporções, foram dados pesos aos votos. Voto para primeiro valeram 5 pontos. Para segundo, 4 pontos e assim por diante. Procedimento análogo foi adotado para a questão seguinte, iniciando-se com 10 pontos para o voto para primeiro, 9 pontos

para segundo etc.

4) RELACIONE, EM ORDEM, AS 10 FAIXAS PREFERIDAS, ENTRE AS GRAVADAS PELO PURPLE:

Resultado:

- 1º) Highway Star (11%)
- 2º) Child in Time (10,5%)
- 3º) Smoke on the Water (10%)
- 4º) Burn (9%)
- 5º) Mistreated (5%)
- 6º) Lazy (4,8%)
- 7º) Speed King (4,5%)
- 8º) Strange Kind of Woman (3,5%)
- 9º) Perfect Strangers (3%)
- 10º) Soldier of Fortune (2,5%)

- Esta pergunta gerou um grande número de reclamações, com a maioria querendo colocar todas as faixas do Purple como preferidas! Mas, no fim, temos uma relação de dez músicas que dariam uma Coletânea e tanto - compare com os repertórios das apresentadas na 'Discografia' desta edição. As surpresas acabaram ficando por conta da baixa votação de algumas grandes músicas - notadamente 'Hold on' e 'No One Came' - e pela quantidade de faixas lembradas, com nada menos que 104 títulos diferentes recebendo votos dos Apreciadores.

5) QUAL O SOLO PREFERIDO EXECUTADO EM LPs DO PURPLE?

Resultado: Solo de Blackmore, faixa 'Highway Star', LP Machine Head.

- Setenta e cinco solos diferentes foram apontados e este de Ritchie (que recebeu o maior número de votos também como solista preferido) acabou vencendo por pequena mar-

gem. O segundo lugar, com apenas 6 votos de diferença, ficou também com Ritchie, para o solo de 'Child in Time', do LP In Rock.

6) QUAL É O SEU LP AO VIVO PREFERIDO DO PURPLE?

Resultado: Made in Japan (64%)

- Vitória tranquila - e esperada - do Made in Japan. Em segundo ficou o Live in London, muitos votos abaixo.

7) QUAL A SUA BANDA PREFERIDA ENTRE AS DERIVADAS DO PURPLE?

Resultado: Rainbow (48,35%)

- Muito equilíbrio nas respostas. O Whitesnake ficou praticamente empatado, com 45,5% da preferência, o que significou uma diferença de apenas sete votos. As bandas de Ian Gillan receberam uma votação insignificante, algo que, de certo modo, foi uma "injustiça justificada", devido ao pouco conhecimento dessas bandas no Brasil. Principalmente a 'Gillan', inédita AINDA por aqui, um grande prejuízo aos Apreciadores.

8) QUAL O SEU LP PREFERIDO, ENTRE OS GRAVADOS PELAS BANDAS DERIVADAS DO PURPLE?

Resultado:

Rainbow - Rising (42%)
Ian Gillan Band - Live at Budokan (38%)

Gillan - Mr. Universe (36%)
Whitesnake - Slide it in (29%)

- O Rising ganhou de longe dos outros LPs do Rainbow, o que não deixa de ser surpreendente. Mas, nem tanto quanto a

instruções de como receber o disco. Estes 50 ganhadores ficam excluídos dos próximos sorteios (que ocorrerão a todos os números), para dar chance aos outros Apreciadores.

ATENÇÃO - Se você é um dos ganhadores, escreva logo, sob pena de ir para o final da lista. O prazo máximo é de 30 dias após o lançamento desta edição.

OS NOMES

Os nomes abaixo foram sorteados a travé dos questionários da I Pesquisa. São os que a enviaram participam de sorteios pela SBADP.

Sorteio efetuado em 28/Fev/88, pela Solange 'the Gypsy' (de olhos vendados e tudo mais, é claro!).

- 1- Vinicius Soares Franco
- 2- Aparecida de Fátima Mendes
- 3- Justino Rodrigues dos Santos
- 4- João Paulo Augusto dos Santos
- 5- Eduardo Ericsson Acquarone
- 6- Antonio Celso Baeta Minhoto
- 7- Luis Octavio Gomes de Souza
- 8- Mauricio Herling
- 9- Cezar Galvão de Souza
- 10- Anibal Marques Villanova
- 11- Neusa Rayer
- 12- Michel Costa Alves Tavares
- 13- Orlando A. Machado
- 14- Ana Lúcia Modesto
- 15- Evaldo Antonio Silvestre

- 16- Denise Delegã
- 17- Livia Maria Vieira Costa
- 18- Antonio Parreira Neto
- 19- Vanessa Barbosa
- 20- Paulo Trindade Sant'anna Jr.
- 21- Eduardo Augusto de Souza
- 22- Carlos Alberto de Olival
- 23- Carlos Eduardo da Silva Santos
- 24- André Nozawa Brito
- 25- Marta Hiroko Nagoshi
- 26- Marcelo Beckert Zapelini
- 27- Ricardo Miranda S. Rocha
- 28- Luiz Henrique R. Leite
- 29- Leandro Motta L. Marcondes
- 30- Paulo Sérgio Vilar de Lucena
- 31- Mário Henrique Tamassia
- 32- Ruli Maeda
- 33- Paulo Vidal Campreguer
- 34- Wilson Ascencio Micci
- 35- Carlos Alberto Felipe
- 36- Flávio Antonio Barth
- 37- Luis José Arrivabene Jr.
- 38- Luiz Antonio Medeiros Meirelles
- 39- Rodrigo Rosas Fernandes (obs: sem marmelada!)
- 40- Italo Pessoa La Noce
- 41- Luis Fernando Salaroli
- 42- Douglas Maciel Faustino
- 43- Julio Cesar Coelho
- 44- Ricardo Ferreira Barbosa
- 45- Marcelo Ferrenha Cerqueira
- 46- Marcelo P. Moreira
- 47- José Ciaglia Jr.
- 48- Eugenio Piza
- 49- Milcio Luis S. Moura
- 50- Marcelo Rafael de Oliveira

vitória do Slide it in sobre o Ready an' Willing, o melhor LP do Whitesnake, na minha humilde opinião. Muito alto os índices de abstenção nos itens das bandas do Gillan, pelos motivos expostos no comentário anterior.

9) QUAIS OS DISCOS INÉDITOS NO BRASIL, ENTRE OS GRAVADOS PELO PURPLE E BANDAS DERIVADAS, QUE VOCÊ ACHARIA PRIORITÁRIO SEREM LANÇADOS AQUI?

Resultado:

- 19) Last Concert in Japan - Deep Purple (26%)
- 29) Deep Purple - Deep Purple (23%)
- 39) On Stage - Rainbow (9%)

- Alô Gravadoras! Olhem aí os resultados. Até quando estes discos ficarão inéditos por aqui, enquanto montes e montes de lixo são lançados diariamente no mercado? Outros LPs muito lembrados, mas não computados por não serem inéditos no Brasil, foram o Shades of Deep Purple, o Book of Taliesyn, o Concerto for Group and Orchestra, todos do Purple e o Ritchie Blackmore's Rainbow. Todos pertencentes à EMI-Odeon. O On Stage foi considerado iné-

dito, porque aquela ridícula versão cortada lançada no Brasil pela Phonogram não passou de uma afronta. A versão votada foi a original, dupla. No caso, a responsável pelo lançamento no Brasil seria a Polygram. Ambas gravadoras receberão cópias desta Pesquisa.

10) QUAIS SÃO SUAS 5 MÚSICAS PREFERIDAS, ENTRE TODAS GRAVADAS PELAS BANDAS DERIVADAS DO DEEP PURPLE?

Resultado:

- 19) Long Live Rock'n'Roll (10%)
- 29) Stargazer (8,5%)
- 39) Difficult to Cure (7,2%)
- 49) Love ain't no Stranger (5,4%)
- 59) Man on the Silver Mountain (5,3%)

- Reparem, das cinco, apenas uma não é do Rainbow. E mesmo assim, com pequena diferença para a quinta colocada. A explicação é que o Rainbow recebeu votação em 45 músicas diferentes, enquanto o Whitesnake recebeu em 60. Portanto, os votos da banda de Coverdale ficaram mais diluídos. Os dados foram classificados segundo o exemplo da pergunta nº 3. 

entrevista com as gravadoras

Quanto discos o Deep Purple vendeu no Brasil? Vão sair os discos da banda Gillan por aqui? Por que não lançam o Snakebite? Essas são três das perguntas dos Apreciadores que constantemente chegam à Sociedade através de cartas. Para esclarecer de vez tais dúvidas, resolvemos levá-las às únicas com condições de respondê-las - as Gravadoras. Devido a vários fatores (falta de tempo, indisponibilidade dos dados de imediato etc), as entrevistas não foram feitas 'ao vivo' e sim por carta. Deste modo, o senso jornalístico que norteia a Into the Purple fez com que apenas fossem reproduzidas aqui as respostas das gravadoras, sem réplicas de minha parte, pois os entrevistados não teriam condições de trepilar, o que seria de sonesto. Portanto, vocês devem tirar suas próprias conclusões sobre as respostas. As perguntas foram respondidas pela parte da PolyGram por Renato Costa, em 22/6/87; pela EMI-Odeon respondeu o Depto. de Marketing (as respostas não vieram assinadas) em 29/9/87 e pela RCA por José Roberto Verta, Supervisor de Repertório Internacional, em outubro de 87 e eu aproveitei para agradecer novamente aos três pela atenção dispensada.

PolyGram

INTO THE PURPLE (ITP): Qual a vendagem dos Lps Perfect Strangers e The House of Blue Light no Brasil?

PolyGram (PG): Perfect Strangers vendeu 20 mil cópias e The House of Blue Light vendeu até agora 15 mil cópias, sendo que este foi lançado em abril deste ano.

ITP: Qual é a prioridade em relação às outras bandas de Rock que o Purple ocupa no 'cast' da PolyGram?

PG: A PolyGram tem um vasto catálogo de Rock e, obviamente, o De-

ep Purple está entre os mais importantes nomes da área do Rock, sem mencionar que a banda é uma das mais importantes no cenário musical em si.

ITP: Alguns dos discos do Rainbow que pertencem à PolyGram são muito procurados. Por exemplo - Long Live Rock'n'Roll e On Stage. Este último saiu simples e editado em relação ao duplo original. Qual a chance de vermos estes discos lançados novamente?

PG: A PolyGram lançou em maio de 86 o álbum duplo Finyl Vinyl, com faixas ao vivo e estúdio. No momento não existem planos imedia-

tos para relançar os discos citados.

ITP: Correm boatos que o Purple viria ao Brasil depois de se apresentar na Argentina. Qual a influência da Gravadora em eventos deste tipo?

PG: Como vocês mesmos colocam, correm boatos. É evidente que, caso se confirme a vinda à Argentina, o Brasil estaria incluído no roteiro, inclusive por uma questão de viabilidade de custos para uma viagem tão cara. Isto sem falar no grande mercado que o Brasil representa para qualquer banda de Rock. A Gravadora não tem ação direta

nas negociações, ela apenas pode reforçar a importância de uma turnê aos empresários, onde já houverem negociações em andamento. É evidente que a vinda do Deep Purple ao Brasil representaria um evento bom para todos: público, artista e gravadora.

(N. da R.-Na época, havia realmente o boato citado. Entretanto, atualmente não existem mais nem ao menos boatos a este respeito, o que vai diminuindo nossas expectativas de ver o Purple por aqui)

ITP: Por que no Brasil não são lançados os compactos, EPs, Maxi-Singles etc, derivados de um ál-

bum, a exemplo do que ocorre no exterior?

PG: O mercado brasileiro, infelizmente, não comporta lançamentos deste tipo. A diferença do preço médio entre um Maxi-Single (do tamanho do LP normal, com apenas duas ou três faixas) e um LP normal é muito pequena, devido aos custos de produção iguais. Em função disto, o consumidor obviamente opta por adquirir o LP, que tem muito mais faixas. Isto inviabiliza a produção de Maxi-Singles, que acabam tornando-se apenas 'collector's item'.

ItP: Como a Gravadora vê a atuação e a edição de fanzines por parte do público admirador dos artistas desta casa?

PG: A PolyGram vê com muito bons olhos a formação de fã-clubes. É um exemplo que pode ser dado é exatamente o da SBADP. Poucas vezes vimos um fã-clubes tão organizado como o de vocês, inclusive com a edição do fanzine. Não foi por outro motivo que pedimos autorização à PolyGram na Europa para incluir seu endereço no encarte do LP The House of Blue Light. Esperamos que vocês recebam mais e mais associados.



ItP: Os discos do Deep Purple estão em catálogo desde o lançamento do primeiro LP deles aqui (Fireball), em 72. Qual a vendagem no Brasil dos LPs do Purple? Qual o LP do Purple que mais vendeu aqui?

EMI: Os LPs do Deep Purple lançados aqui apresentam uma grande variedade de vendagem; isto acontece com todo artista ou grupo que possua uma vasta discografia. Os extremos do Purple são: Singles A's & B's (10 mil cópias) e Machine Head (80 mil cópias).

ItP: Existem apenas dois LPs da Discografia oficial do Deep Purple não lançados aqui: o terceiro LP, chamado simplesmente 'Deep Purple' (69) e o Last Concert in Japan (77). Qual o motivo deles não terem saído no Brasil? Eles sairão aqui?

EMI: Achamos que as questões 2, 4 e 9 podem ter uma única resposta. A EMI-Odeon mantém contato permanente com suas matrizes, seja nos EUA, seja na Europa. Alguns lançamentos que ocorrem no exterior são reconhecidamente mais modestos

do que outros; outros são lançados aqui num determinado momento, mas em vista dos resultados comerciais ao longo de um determinado período, chega-se à conclusão de que não são viáveis comercialmente. Isto não impede que eles sejam relançados mais tarde.

Queremos salientar que nosso interesse em colocar produtos no mercado - produtos viáveis! - é muito grande; porém a observação de que alguns discos são 'procuradíssimos nas lojas do Brasil' é muito superficial - acreditem.

Temos plena consciência de que erramos de vez em quando - determinados produtos foram lançados precipitadamente, enquanto outros continuam na lista de espera... Prometemos corrigir estes erros.

ItP: Por que os discos com o passar do tempo são fabricados sem encarte e às vezes com mutilações de capa?

EMI: Embora possa parecer insensato, o fato é que o disco tem um preço barato, no Brasil. Se compararmos com o preço de um LP no exterior, a diferença é muito grande! O custo de um LP baseia-se na industrialização do disco mais o preço dos componentes gráficos. Os preços destes componentes (fotolitos e impressão) são pouco inferiores aos do exterior, logo a margem de lucratividade é mais estreita (no Brasil). No ano passado, os custos gráficos aumentaram de forma brutal, enquanto o preço do disco se mantinha congelado. A EMI-Odeon viu-se obrigada a solicitar autorização especial de suas matrizes no estrangeiro, detentoras dos direitos dos LPs em questão, para processar simplificações em suas capas, para assim poder suprir a demanda por estes produtos.

ItP: Por que não relançam os LPs Shades of Deep Purple, Book of Taliesyn, Concerto for Group and Orchestra e Ritchie Blackmore's Rainbow, uma vez que são procuradíssimos por aqui?

EMI: Veja resposta da 2ª pergunta.

ItP: Por que não se editam compactos, nem EPs tanto do Deep Purple quanto do Whitesnake?

EMI: O formato 7 polegadas (com pacto simples e duplos) está praticamente deixado de lado; estas prensas deram lugar a novas prensas de 12 polegadas. O Maxi-Single é prensado basicamente objeti-

vando a promoção de uma determinada música. Grupos como o Deep Purple e o Whitesnake apresentam uma identidade no conjunto de faixas que integram um LP que - a nosso ver - não deve ser mutilada em numerosos singles isolados.

Para o comprador também não é interessante desembolsar metade do preço de um LP de 10 a 12 faixas para adquirir apenas 2 ou 4 fonogramas.

ItP: Falando em Whitesnake, o que levou a Gravadora a lançar o LP Northwinds aqui? Podemos esperar o LP solo de Coverdale (anterior ao Northwinds) e o EP Snakebite?

EMI: O Whitesnake veio ao Rock in Rio e foi aclamado como uma das revelações. Isto motivou a Gravadora a lançar o LP Northwinds, de David Coverdale - o resultado foi tímido. Os demais títulos apontados serão devidamente estudados.

ItP: Qual a vendagem dos discos do Whitesnake no Brasil? Qual deles vendeu mais?

EMI: O Whitesnake costuma vender entre 10 a 20 mil cópias, por título; o LP Slide it in chegou a marca de 50 mil e é o mais vendido. A expectativa sobre o último lançamento - 1987 - é muito grande!

ItP: O LP Slide it in saiu comprovadamente com defeitos de prensagem. Por que não foram recolhidos e o erro reparado?

EMI: O defeito de fabricação foi devido a uma falha no processo de galvanoplastia. Este processo ocorre repetidas vezes ao longo do ano, de acordo com o número de reposições de estoque.

É certo que houve falha no controle de qualidade, falha essa que sanamos ao substituir discos que eram devolvidos pelos lojistas. O caso está definitivamente resolvido.

ItP: O critério de lançamento de LPs no Brasil é surpreendente. O LP Before I Forget foi o único LP solo de Jon Lord no Brasil. E os outros? Expliquem o critério.

EMI: Veja resposta da 2ª pergunta.

ItP: Como a gravadora vê a atuação dos fã-clubes?

EMI: AEMI-Odeon admira muito o movimento gerado pelos fã-clubes, os quais sobrevivem à mercê da administração gratuita dos seus membros pelos seus artistas-ídolos.

Lamentamos o fato de, por vezes, ir contra os anseios destes fãs, porém o caráter comercial não pode ser deixado de lado, sob pena de colocarmos em risco a nossa própria estrutura.



ItP: Sabemos que a RCA detém os direitos para o Brasil do selo inglês Virgin, cujo elenco contém a banda Gillan e o Gary Moore. Quais são as perspectivas de lançamento de discos destes artistas no Brasil?

RCA: Dentro de uma companhia de discos há dois quesitos básicos para o lançamento de um determinado disco: qualidade artística e oportunidade. No caso da Gillan e Gary Moore é claro que a qualidade artística não é um ponto em questão e sim um problema de oportunidade. É dentro dessa ótica que vejo a total possibilidade de lançamento desses artistas.

ItP: Caso sejam lançados, quais seriam os LPs de estréia?

RCA: No caso da Gillan, a coletânea 'What I did on my Vacation', para dar uma visão geral do trabalho de Ian Gillan e das diversas formações da banda. No caso de Gary Moore, provavelmente optariamos pelo último disco na ocasião do lançamento, uma vez que Gary grava com certa frequência e não seria justo um lançamento antigo como primeira opção.

ItP: Por que estão inéditos tais artistas até hoje aqui no Brasil?

RCA: É necessário que se entenda que a Virgin como gravadora independente tem contrato de licença com a RCA há três anos. Nesses três anos, a Virgin tem nos dado um volume grande de lançamentos novos considerados prioritários para eles e, consequentemente, para nós também. Que fique claro que a RCA/Ariola tem absoluta consciência da importância e das possibilidades de mercado desses artistas. Porém a RCA/Ariola enfrenta problemas industriais ocasionados por uma demanda oscilante e muitas vezes incompatível com nossa capacidade de produção, forçando-nos a limitar o número de lançamentos, principalmente no que se refere à música estrangeira. Sendo assim, vivemos constantemente atrás de uma estabilização do binômio demanda/produção, para que possamos promover uma maior diversificação de nossos lan-

çamentos. A diferença entre as dificuldades que uma gravadora brasileira e uma inglesa enfrentam é proporcional à diferença entre o governo brasileiro e o inglês.

ItP: Como a gravadora vê a atuação e a edição de fanzines por parte do público admirador dos artistas desta mesma gravadora?

RCA: Com muito carinho, pois existe muita carência de informação por parte do consumidor de discos. Por serem feitos por gente que admira determinado artista ou gênero musical, os fanzines tendem a ser mais específicos e se aprofundar mais nos assuntos. 

WHITESNAKE COMANDOS

No Brasil acontecem coisas realmente surpreendentes. Quem poderia imaginar que seria lançado em nosso mercado algo como um vídeo oficial (selado) do Whitesnake? Pois é, aconteceu, pela iniciativa da Video Network, empresa do Rio de Janeiro. O vídeo em questão traz o show do Whitesnake no Festival Monsters of Rock, no Castle Donnington, Inglaterra, em 20 de agosto de 1983. Naquela apresentação a banda consistia de Coverdale, Lord, Powell, Galley, Moody e Hodgkinson (Whitesnake IV). As músicas registradas no vídeo são, pela ordem: 'Walking in the Shadow', 'Rough an' Ready', 'Ready an' Willing', 'Guilty of Love', 'Here I go again', 'Love Hunter', 'Mistreated', 'Soldier of Fortune', 'Ain't no love in the Heart of the city' e 'Fool for your Lovin''. Embora tenha quase uma hora de duração, a fita não reproduz o show inteiro, pois ficaram de fora os números solo de Jon Lord e Cozy Powell, algo a se lamentar. Lord nesta época costumava executar um solo longo, composto por trechos de faixas de seus álbuns-solo, peças clássicas, uma pitada de jazz e muito improviso. O solo de Cozy Powell era impressionante, bastante diferente dos tradicionais. Uma fita com a obra 'Abertura 1812' de Tchaikovsky era reproduzida pelo equipamento de som da banda, enquanto Cozy acompanhava, fazendo a percussão sobre a peça clássica. Um jogo de luzes completava o espetáculo, com grande efeito.

São momentos marcantes, sem dúvida, mas nem por isso a fita deixa de ser importante. Pelo contrário, os fãs do Purple vão gostar muito



Arquivo SBADP

e...os fãs do Whitesnake (e principalmente AS FAS do Coverdale) vão delirar! Coverdale é, inquestionavelmente, o grande destaque, tanto pela voz que todos conhecemos, quanto pela presença no palco. Lord aparece muito pouco, executando apenas um solo, em 'Rough an' Ready'. Os guitarristas Moody e Galley não convencem muito, principalmente o último - faz mais caídas do que realmente toca. A seção rítmica é firme e precisa. Hodgkinson discreto, Powell um trovão.

O show pode ser dividido em duas partes: a pesada, com as quatro primeiras músicas e a lenta, com as cinco subsequentes (nas quais Coverdale tem seu melhor desempenho). Para fechar com clima de festa, 'Fool for your Lovin''. A vinheta 'We Wish you Well' é tocada em play-back, enquanto são dados os créditos técnicos da gravação. Um belo espetáculo, reproduzido com excelente qualidade de imagem. A direção (correta) das filmagens ficou a cargo de Lindsey Clennel, responsável por uma jogada bem inteligente durante 'Here I go Again', alternando cenas do palco e da platéia.

Quem estiver interessado em adquirir este vídeo, pode ligar para (011) 2856984 e pedir informações. Mas, prepare-se - o preço é um tanto 'salgado' (Cz\$ 3700,00 em fevereiro de 88). Notem bem, isto aqui não é novela de televisão para ter merchandising no meio! Es-

te é um serviço aos Apreciadores, certo?

ATENÇÃO - Incrível! Incrível mesmo! Inacreditável! A Video Network vai lançar o California Jam no Brasil. Se você não caiu da cadeira, é porque não tem idéia da performance do Purple neste show. Até o fechamento desta edição, não havia ainda a data oficial de lançamento. Mas, que sai, sai. Haja adrenalina e retina para agüentar as centenas de exposições que cada Apreciador irá se submeter...

CLIPS

PURPLE

Dois clips foram produzidos para promover o LP The House of Blue Light: 'Bad Attitude' e 'Call of the Wild'. O primeiro é um vídeo de muito bom gosto. As imagens iniciais são em preto e branco, filmadas dentro do estúdio, com o Purple dublando a versão do LP. Em determinados momentos, ao longo de todo o clip, surgem divisões nas cenas, como se estas fossem fotografias rasgadas em pedaços e então intercalam-se imagens coloridas e preto e branco da mesma cena em cada uma das divisões, dando o efeito que por trás da primeira imagem existia outra, colorida. Gillan é o grande privilegiado, focalizado muito mais que os outros. Ritchie curiosamente empunha uma Fender com pintura Sunburst, ao invés da tradicional, branca. Uma produção simples, bem acabada, captando o clima da banda e da música. Coisas que todos os clips deveriam apresentar. 'Call of the Wild', o clip, é uma paródia aos próprios clips. No início, antes da entrada da música, aparecem os produtores do vídeo telefonando ao Gillan e recebendo um 'No' como resposta ao convite para a filmagem do próprio clip em questão. Os produtores partem então para um teste de figurantes

para aparecerem no lugar da banda. Com muito humor, são retratados vários estereótipos do mundo musical - o conjunto vocal negro, a cantora metida a 'sexy', punks, heavies etc; além de outros tipos como padre, freira, um casal de velhos e até um anão, todos dublando a versão do LP. Entre as várias cenas, um a um os outros quatro membros do Purple recebem pelo telefone o mesmo convite feito ao Gillan e todos dizem a mesma coisa - Não! Ao final, a câmera deixa o estúdio do teste e entra nos bastidores, onde toda a equipe e os músicos do Purple estão reunidos. Aí Gillan diz: 'Viu, você não precisou de nós, afinal!' e todos riem.

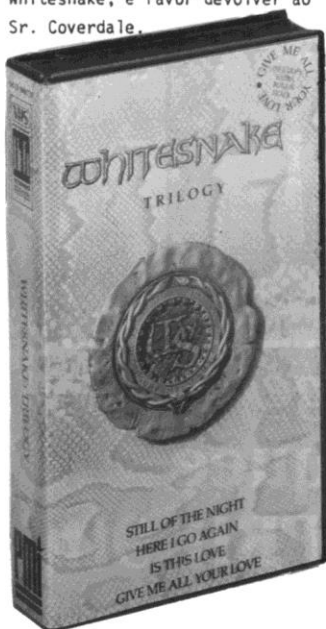
Geralmente, a quantidade de dinheiro gasto na produção de um vídeo clip é inversamente proporcional à qualidade da música. Uma boa 'embalagem' pode fazer com que o telespectador preste mais atenção nas imagens, absorvendo a música por consequência. E estes dois clips são exemplos disto. Comparem, 'Bad Attitude' tem uma produção muito mais simples do que 'Call of the Wild', um reflexo direto da diferença de qualidade das músicas. É lógico que esta não é uma regra geral, mas funciona na maioria das vezes.

WHITESNAKE

STILL OF THE NIGHT/HERE I GO AGAIN

Os dois clips seguem basicamente o mesmo esquema: cenas da banda dublando, garotas sensuais e exibição generalizada de línguas. A companheira de Coverdale em 'Here I go again' será sua nova esposa (seu nome é Tawny Kitaen), para desespero de certas Apreciadoras. Nada de especial nos vídeos, ambos seguem a fórmula já consagrada para as bandas pesadas - roupas e guitarras muito coloridas, centenas de cortes de cena para dar um ritmo rápido ao clip e aquelas poses manjadas de sempre dos músicos. Algumas coisas são muito forçadas e apelativas, como por exemplo o Rudy Sarzo lambendo

seu baixo. Chega a ser ridículo. Se alguém encontrar por aí uma carteira de identidade com o nome Whitesnake, é favor devolver ao Sr. Coverdale.



THE TRILOGY

Novo vídeo oficial lançado nos Estados Unidos. Traz os dois clips acima, mais os de 'Is this Love' e 'Gimme all your Love'. Completam a fita flashes extraídos da aparição do 'Snake' na entrega dos prêmios da MTV (tocaram 'Still of the Night', exibido no Brasil pela TV Bandeirantes no fim de ano), além de cenas de bastidores e tomadas extras inéditas da banda.

MACHINE HEAD LIVE

Não sei se alguns de vocês passaram por algo parecido, mas desde que ouvi o Made in Japan pela segunda vez (da primeira vez a única coisa que me lembro é de ter a cordado horas depois, no hospital), sempre ficava tentando imaginar os shows que originaram aquelas gravações. E ao fim de cada audição, sempre me perguntava: 'Como é que eles puderam tocar tanto assim?'. Agora, já tenho uma boa idéia de como foi a coisa toda. Saíu no Japão um vídeo oficial do Purple, gravado em 72, na Dinamarca, no início de março, dois meses antes do lançamento do LP Machine Head. Seu nome é 'Machine Head Live' e tem 90 minutos de duração.

Fica realmente difícil para qualquer fã julgar este vídeo imparcialmente. Eu bem que tentei deixar a paixão de lado, mas depois que o vídeo começou, lá pelo segundo minuto, já estava completamente fascinado. Ali, na TV, eu assisti

a a banda em ação na melhor fase de sua carreira, exibindo com muito entrosamento e descontração todas aquelas qualidades que tornaram o Purple a lenda que é hoje. O show, filmado em preto e branco, foi apresentado em um pequeno palco que não poderia ser mais despojado. Nada de efeitos de luzes, fumaça ou cenários especiais. Apenas a parede de amplificadores Marshall atrás dos músicos serviu como decoração. Gillan entra e anuncia 'uma canção do nosso próximo LP, Highway Star'. Um público ainda apático neste início mostra que, naquela época, o pessoal de lá ainda não havia consagrado o Purple, apesar de não ter sido a primeira visita do Purple ao país. A filmagem é feita com três câmeras, comandadas por um diretor de TV inexperiente em shows de Rock. Chega a dar desespero as tomadas de cena erradas, como no solo de teclado da 'Highway Star', onde Jon Lord quase não é focalizado. Este é um problema que persiste durante todo o vídeo, embora diminuindo gradativamente com o decorrer do show. Ainda na 'Highway Star', um fato curioso. Durante a terceira estrofe, Gillan abandona o microfone por uns instantes, para expulсар alguém da platéia. Não é possível ver o que aconteceu para tirar a calma do Gillan. A canção seguinte, a exemplo do que ocorre até hoje, é 'Strange Kind of Woman', com o tradicional duelo Gillan/Blackmore, que começa a incendiar a platéia. Uma passagem muito interessante nesta música é quando Lord faz uma espécie de 'percussão' nas teclas de seu Hammond como acompanhamento, flagrado, desta vez bem, pelo camera. A próxima é ... 'Child in Time! Que grande momento! Gillan, com o microfone fora do pedestal, canta a estrofe inicial e parte para aque-

les seus gritos incomparáveis. Você já parou para pensar o 'peito' que é preciso ter para se gritar daquele jeito, em um show, além, é claro, da garganta privilegiada? Qualquer escorregadela é um vexame. O Gillan nunca pareceu ligar para isso, sempre soltando seus agudos com a maior naturalidade. E com muito sentimento também. A versão deste vídeo é ligeiramente diferente das outras já registradas em disco, tendo um lindo solo de Lord após o de Ritchie, onde o tecladista desfila parte de seu repertório de música clássica. Curiosamente, nota-se uma tecla quebrada no Hammond. 'The Mule' vem depois, com Gillan anunciando 'uma canção sobre 'Lucifer e seus amigos'. Mesmo vindo, é difícil acreditar no solo (de 5 minutos) de Paice. Ian faz uma variação no seu solo, acompanhando aquela famosa progressão no bumbo com batidas no chimbau, ao invés da caixa. Segue-se 'Lazy', iniciada por um longo improviso de Lord. Um outro bom flagrante da câmera é o registro da famosa comunicação por gestos entre Lord e Blackmore, que permitia a banda variações infinitas a cada show. 'Space Truckin' seria a música final da apresentação, se não houvessem os esperados 'encores' (o nosso 'bis'). Nesta música, os habitualmente longos solos de Lord e Blackmore. Ritchie não quebra sua Fender (preta) embora coloque os pés sobre ela (dizer que ele 'tocou' com os pés seria exagero), além de rodopiá-la e esfregá-la nos amplificadores e no 'bumbum' (achei que ia ficar feio colocar 'bunda'). Em um certo instante, nota-se os cinco tocando quase como em transe (Gillan nos atabaques), um momento mágico. Depois de 'Space Truckin'', a onda de sempre. Despedem-se do público e ficam esperando o 'mais um, mais

is um'. Eles voltam para tocar a grande surpresa do vídeo - 'Fireball'. A abertura que Paice faz é (como diria um velho amigo meu) 'uma ignorância'. Infelizmente o solo de Glover não é focalizado. Depois de 'Fireball', vem 'Lucille', onde a descontração da banda é total - Gillan e Blackmore até fazem o 'andar de pato' à la Chuck Berry! O público 'headbanger' de hoje deveria ver este vídeo, só para ver como Gillan já agitava seus longos cabelos em pleno 72, dando mais um exemplo de que faz muito tempo que não surge nada realmente novo no Rock.

Ao fim de 'Lucille', Lord salta de cima de seu teclado sobre Glover, para abraçá-lo. Novamente a banda sai, mas ainda não é o fim do concerto. Ainda tem 'Black Night', executada ao pleno delírio da platéia.

Imperdível é o mínimo que se poderia dizer deste 'Machine Head'. Apesar deste show ficar um pouquinho aquém daqueles registrados no LP Made in Japan em termos de performance e animação do público, é algo que certamente vai emocionar a todos os Apreciadores que o assistirem. Eu recomendo uma dose de calma antes da primeira exibição, para os fãs mais exaltados. Aliás, fãs exaltados não faltaram no 'I Evento Púrpura', no dia 29/3/88, ocasião em que a Sociedade mostrou este vídeo gratuitamente aos Apreciadores, em um vídeo-bar de São Paulo.

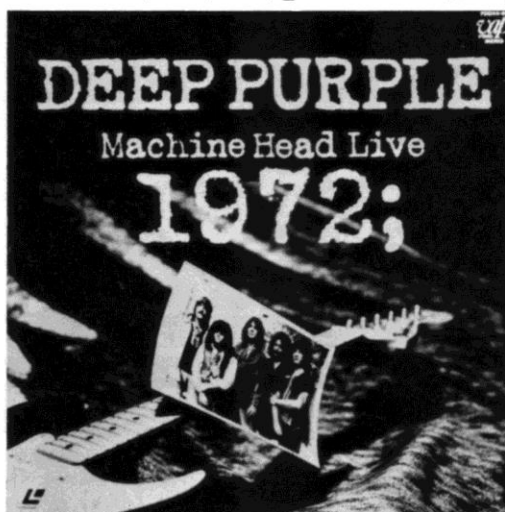
TOQUES

Este é um espaço que a Into the Purple abre para divulgação de quaisquer atividades alternativas com possível interesse aos Apreciadores. Penso que na falta de espaço na imprensa e na mídia eletrônica, veículos do tipo alternativo devem ajudarem-se mutuamente na divulgação. Neste número estou propagando as atividades que chegaram ao conhecimento da SBADP. Aqueles que desejarem ver seu material presente nesta seção, devem solicitar sua inclusão por carta. Aos possíveis esquecimentos desta edição, minhas desculpas, embora não faltarão oportunidades para novas divulgações.

Fã CLUBES

- Deep Purple In Concert Fan Club: Dirigido com todo carinho e boa

Arquivo SBADP



Parece capa de LP, mas na verdade é o anúncio do vídeo do Purple.

vontade pela Pollyana, publica também um fanzine, o 'White Purple'. Endereço: R. Floriano Peixoto, 2031, Floriano, PI, CEP 64800. Não se esqueçam dos selos para respostas, certo?

- Alpha III - Oficial Fan Clube: O Alpha III é uma banda brasileira que faz música progressista das melhores, reconhecida até no exterior. Como grande parte das manifestações artísticas de alto nível, a banda não recebe cobertura dos meios de comunicação, tendo inclusive gravado em selo independente. A divulgação das atividades do Alpha III é feita com muita raça pelo Carlos Antonio, através do fã clube. Escrevam para Av. Cardoso Moreira, 305/103, Itaperuna, Rio de Janeiro, RJ, CEP 13100 e peçam maiores detalhes.

- Chave do Sol Fan Clube: A Chave do Sol lançou um dos pou-

cos discos de Rock nacional dignos de nota, o LP 'The Key'. Vale a pena conferir, principalmente se você anda meio desiludido com o produto nacional. O fã clube tem o seguinte endereço para correspondência - Caixa Postal 15655 CEP 03398, S. Paulo, SP, aos cuidados dos Tigues.

PUBLICAÇÕES

- Contracultura: Jornal alternativo que interessará a qualquer pessoa cansada de ler publicações sem opinião. Escreva, solicitando as condições da (irrisória) assinatura. Contracultura - Caixa Postal 8, Brusque, SC, CEP 88350.

- Som & Imagem: Publicação alternativa sobre música em geral, instrumentos e técnicas. Endereço - Caixa Postal 15750 CEP 03398, S. Paulo, SP.

RÁDIO

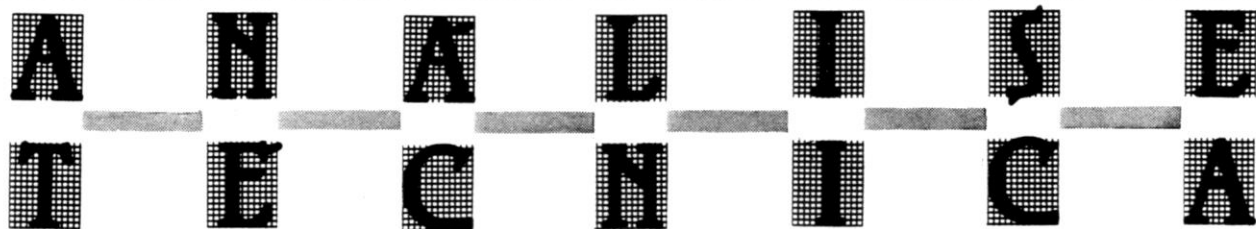
- Reynação e Sinergia: Estes são dois dos poucos programas audíveis nas FM's aqui de São Paulo. Para ouvir um pouco da História do Rock, sintonize nos 97,7, quinta-feira, das 22:00 às 24:00 horas e fique na companhia de Leopoldo Rey, no Reynação. O Sinergia é comandado pelo Valdir Montanari, que traz a música progressista dos quatro cantos do planeta às quartas-feiras, das 23:00 às 24:00 horas, também nos 97,7 MHz.

- Ladrão do mar: São Rock de primeira nesta FM Piraíta, a única em verdadeiro estereó de São Paulo. Sua programação sempre está repleta de Purple, White Snake, Rainbow... Sintonizem nos

106,5 MHz e confirmem. Aproveito para agradecer aos 'loucoiores' Johnny Lights e Karl Darkmore pelo incansável apoio à Sociedade. Ambos fazem o possível para a divulgação da SBADP e da Into the Purple. Valeu por tudo, galera! E desde abril, programa Into the Purple no ar, pela Ladrão do Mar, todas as terças-feiras, às 20:00hs, com comando do 'the Hootchie. Apreciadores, não percam!

GRAVADORA

- Equinox: Surge mais uma gravadora independente no Rock. É a Equinox, que estreia com o LP da banda brasileira de trash metal 'Atômica'. Informações à Caixa Postal 450, Juiz de Fora, MG, CEP 36001.



Com esta seção iniciamos, no número passado, a presença de colaborações efetivas dos Apreciadores com seus artigos. Desta vez, o focalizado é o Sr. Blackmore, tendo aqui suas técnicas dissecadas pelo Dr. Rodrigo, contando com o 'The Hootchie' como auxiliar na operação. Esta é a primeira parte, que engloba a carreira de Ritchie até o Machine Head. Segue-se outro texto, outra colaboração do 'Blackmorelogista' Rodrigo, onde ele apresenta os recursos técnicos empregados nas famosas Fender do seu ídolo ao longo dos anos.

Devo esclarecer que esta seção destina-se a apresentar uma visão pessoal do autor em relação a um dos músicos do Purple, sendo, deste modo, passível de novas abordagens por parte de outros Apreciadores que observaram pontos não citados em quaisquer dos textos publicados. A intenção para a próxima edição é trazer a análise técnica de Jon Lord. Quem se habilita? A tribuna está à disposição.

BLACKMORE

Esta, sem dúvida, não é uma tarefa simples. Ritchie Blackmore está longe de ser um guitarrista convencional e qualquer estudo de suas técnicas corre o risco de ficar incompleto e desatualizado. Nesta análise estão descritos apenas alguns dos muitos truques que Ritchie guarda nas mangas. Optou-se pela divisão do início da carreira até o LP 'Machine Head' neste primeiro exame, devido às características próprias que esta fase a-

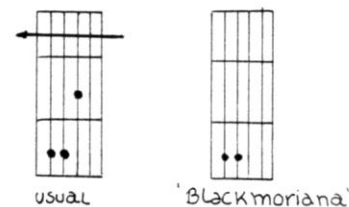
presenta. Como foi citado na introdução deste artigo, poderão surgir outras visões por parte de outros Apreciadores e estas páginas estão à disposição para a publicação de novas abordagens do assunto.

Para facilitar o estudo, seguimos o método 'Jack o estripador' - fomos por partes...

1) PESTANA: Esta tradicional posição da mão esquerda foi revista

tocado. Para maior compreensão, consulte o esquema abaixo:

Diagrama de Pestanas



por Blackmore, naquilo que poderia ser considerado como o 'Nascimento do Heavy-Metal'. O exemplo clássico é o riff de 'Smoke on the water'. Nesta música, ao invés de todas as notas da pestana usual (tônica, terça, quinta e oitava), Ritchie utiliza apenas a quinta e a oitava, economizando os movimentos de mão e braço. Esta é uma fórmula que Ritchie provavelmente foi buscar no estilo Honky Tonky e que confunde muita gente, pois a ausência da terça dificulta a identificação do tom (se maior ou menor) em que o acorde está sendo

Outro exemplo desta técnica encontramos em 'Flight of the rat', do LP In Rock. Mais um detalhe - isto não significa que Ritchie não usa a pestana comum em hipótese alguma. Há casos onde isto é inevitável, como por exemplo em 'Hard lovin' man', do mesmo In Rock.

2) CORDA ABERTA: Esta é uma técnica muito utilizada por Blackmore durante os solos. 'Corda aberta' significa tocar a corda sem bater

os dedos da mão esquerda no braço da guitarra. Ou seja, é uma palhetada pura e simples, que nos dá as seis notas (pela afinação convencional): mi, si, sol (a preferida de Blackmore), ré, lá e mi. Esta técnica confere aos solos mais rapidez, além de determinar um som mais nítido e puro da nota (embora a nitidez em Ritchie seja uma constante). Como exemplo, temos o final do solo de 'Highway Star', no LP Machine Head. Seria impossível realizar aquela progressão (em mi) dentro do solo sem o uso da corda aberta. Em 'Smoke on the water', também da versão do Machine Head, a corda aberta foi utilizada entre as partes do solo, adicionado pelo uso da alavanca.

3) BOTÃO DE VOLUME: Na Fender Stratocaster o botão de volume está bem ao alcance do dedo mínimo. Ritchie aproveita isso para dar na guitarra o efeito do som de um arco deslizando pelas cordas, lembrando um 'cello' (instrumento que Ritchie estuda, por sinal). É esta técnica utilizada no solo de 'Fools', do LP Fireball e em quase todos os shows durante 'Space Truckin'. Ou seja, Ritchie nunca tocou com um pedal de volume. Esta técnica foi depois 'aproveitada' por Eddie Van Halen na faixa 'Cathedral', do LP Diver Down (embora o Rodrigo faça questão de afirmar que Eddie 'chupou' mesmo!).

4) SLIDE: Existem dois tipos de efeito 'slide' na guitarra. Há o 'slide' como 'lick' ('licks' são pequenos trechos de um solo, algo em torno de 3 a 10 notas), que seria correr um dos dedos da mão esquerda sobre a corda para se alcançar uma nota determinada, dando um pequeno efeito 'deslizante' no som. Isto também confere agilidade ao solo e pode ser notado em 'Lazy', do Machine Head. O outro tipo de 'slide' é o que se conta com um cilindro onde se enfia um dos dedos da mão esquerda. Os antigos 'bluesmen' utilizavam garrafas de garrafa, Ritchie usa um cilindro de metal. Com este recurso, o efeito deslizante é mais pronunciado, lembrando o som de uma guitarra havaiana. Desta primeira fase, temos Ritchie aplicando este tipo de 'slide' na faixa 'Anyone's Daughter', do LP Fireball.

5) BENDING: Outra técnica originária do Blues, utilizada para alcançar sua nota fundamental, a

'Blue Note'. Com o passar do tempo, o 'bending' foi incorporado pela maioria dos guitarristas, não só os de Rock. O 'bending' consiste em empurrar uma corda com dois ou três dedos da mão esquerda para cima, encontrando as cordas superiores, até atingir o som desejado (veja a ilustração). Em 'River Deep, Mountain High', do LP Book of Taliesyn, Ritchie nos mostra o quanto esta técnica pode embelezar um solo.



ver Deep, Mountain High', do LP Book of Taliesyn, Ritchie nos mostra o quanto esta técnica pode embelezar um solo.

6) LIGATO: Esta técnica consiste em unir o som das notas no tempo, com a mão esquerda. Tem-se a impressão que uma nota se une a outra. Confirma o 'ligato' na parte mais rápida do solo de 'Highway Star', do Machine Head.

7) ARPEJO: O arpejo basicamente seria um acorde, onde se toca nota por nota, ao invés de todas de uma vez. Ritchie inclui frequentemente arpejos em seus solos, na maioria das vezes nas tríades (conjunto de três notas tocadas nas primeiras três cordas da guitarra). Novamente utilizamos-nos do solo clássico de 'Highway Star' do Machine Head (como deu para notar, este é um dos grandes solos de Blackmore registrados em disco) para exemplificar. Neste caso, os arpejos são sempre precedidos de um 'bending'. O trecho em questão do solo é aquele onde a guitarra parece estar 'dando risada'.

Aí estão algumas das técnicas de Blackmore. Evidentemente ele não é o único a utilizá-las, ainda mais com a verdadeira multidão de guitarristas de hoje que o imitam. O uso combinado destas e de outras técnicas com criatividade e sensibilidade é que fizeram de Ritchie um dos mais respeitados guitarristas do mundo.

O SOM DE BLACKMORE MUDOU?

Neste pequeno ensaio, pretendo discorrer sobre o som das guitarras de Blackmore no decorrer dos últimos vinte anos.

Quem já ouviu Ritchie com os Outlaws (existe pelo menos uma gravação disponível - a faixa Keep-a-knockin'), percebeu que desde aquela época (1964), Blackmore já era Blackmore. O som de sua Gibson 335 já possuía uma tonalidade muito parecida com a que se seguiu nos álbuns com a Mark II, quando Ritchie passou a usar a Fender Stratocaster.

A Gibson 335 de Ritchie possuía agudos muito fortes e nesta primeira fase seus solos acabaram sendo um pouco distorcidos. Basta conferir em 'River Deep, Mountain High' (LP Book of Taliesyn). Mas isso sem descaracterizar a precisão, que sempre foi um dos fortes de Blackmore, diga-se de passagem. No ponto de transição entre a Mark I e a Mark II, encontramos também uma transição de instrumentos, ou seja, a passagem da Gibson para a Fender. No LP Concerto for Group and Orchestra, Ritchie ainda utilizou a velha 335 e é fácil distinguir o som da Gibson nas faixas 'Child in Time', 'Speed King' e 'Flight of the Rat', no LP In Rock. Nas outras faixas deste último, predomina o som da Fender. Ritchie faz grande uso do 'sustain' (sustentação) da Stratocaster em 'Living Wreck', em um solo de estilo diferente.



No Fireball e Machine Head, temos a consagração daquela tonalidade aguda, mais nítida, menos distorcida, própria da Fender. Em Fireball, o uso do 'reverb' é frequente, reduzido em Machine Head, mas



Arquivo SBADP

sempre presente. No LP Who do we think we are o único momento onde o som da Fender está totalmente limpo é no solo de 'Place in Line'. Passando para a Mark III, temos outra mudança no som da guitarra de Blackmore. Sua Fender ficou mais distorcida, ainda mais aguda, com grande uso do 'sustain' e 'reverb' e até mesmo do 'flanger' (basta ouvirmos 'Mistreated' e 'Burn'), mas o som de Blackmore, característico, ainda está lá. Nos shows, ele passou a utilizar um eco tirado de um antigo gravador de rolo, que o acompanha até hoje.

No Rainbow, Blackmore permaneceu com seu som muito bem caracterizado, durante os quatro primeiros álbuns. Com a vinda de Glover, Ritchie passou a explorar os efeitos 'chorus' e o 'slide', que estava meio de lado, a não ser por alguns solos do Long Live Rock and Roll.

Glover puxou Blackmore em novas direções. Fez com que ele se atuasse, fazendo com que, com o uso do 'chorus' e do 'slide', o disco Difficult to Cure seja uma mistura de sons.

Nos álbuns seguintes, a mistura continuou. Sons distorcidos, sons puros, tonalidades fortes, tonalidades meio fortes, eco etc.

Voltando o Purple, voltou Ritchie com o som que utilizara na Mark II e Mark III, mas não dispensando totalmente o eco e o 'slide'.

E agora, para nossa surpresa, no House of Blue Light, na faixa 'Bad Attitude', o uso de um sintetizador na guitarra. Apesar do som parecer um tanto esquisito durante o solo, não é indefinido como em 'Drinking with the Devil' (LP Bent out of Shape, do Rainbow).

Passará Ritchie a usar o sintetizador? Logicamente não. Usará tanto quanto Lord usa. Somente para dar uma ressaltada em algumas passagens. É certo que o uso do amplificador Marshall 100, válvula e a Fender Stratocaster continuarão e saberemos quando é Blackmore quem está tocando, da mesma forma que os que ouviam seus solos no Outlaws já sabiam de quem se tratava.

Sucesso total a estréia desta seção na Into the Purple nº 4. Mesmo os que não sabem tocar nenhum instrumento aprovaram a iniciativa, o que motivou uma escolha "quente" para esta edição - 'Burn'. Qual vocês querem para a próxima?

Para aqueles que não entendem nada do que está reproduzido nestas páginas, volto a lembrar: nunca é tarde para aprender!

COVERDALE, BLACKMORE, LORD & PAICE.

BURN

The sky is red I don't understand

past mid - night I still see the land people are say in' the wom-an is damned

She makes you burn with a wave of her hand

cit - y's a - blaze the town's on fire the wom-an's flames are reach in' higher we were fools we

called her 'li - ar' all I hear is "Burn!"

You know we had no time

we could not e - ven try you

know we had no time

P A R T I T U R A

Gm F Gm
 F Gm QC F
 Gm C arm vib. C H A P a P
 Gm C F Pa P QC P
 armung S P P P P Bb P Gm QC H A P
 P S Eb Gm
 D7 C D H A P a S Pa Pa P
 Gm Cm F Bb Eb
 Cm6 D7 Gm Cm
 F Bb Eb Cm6 D7

P A R T I T U R A

Arquivo SEADP

S Gm Cm Gm Cm D7
 S
 Gm F Gm
 F Gm
 F Gm F
 Dm B $\flat$ C D F E Am
 You know we had no time We could not e - ven try
 B $\flat$ Dm B $\flat$
 You know we had no time
 S C D C D
 C keyboards Solo Gm F
 D.S.
 Coda
 Gm F Gm F C B $\flat$ E $\flat$ D7 E $\flat$ D7 F $\flat$ D7 E $\flat$ D7
 Gm

1 B A D N C Q E S T R A D U C Ç Õ E S L B A D N C Q E S

Mais três traduções para vocês. Desta vez os textos apresentados são o do terceiro LP, Deep Purple, do In Rock e do Shades of Deep Purple. Resolvi incluir aqui a tradução do texto (não assinado) da edição original do Shades, de 1968, já que a apresentada há dois números atrás pertencia a reedição do LP, de 1977. Deste modo, fica mantida a sequência cronológica dos Lps do Purple, de uma maneira mais completa.

SHADES OF DEEP PURPLE

"O combinado de cinco jovens está aqui ampliado para criar reinos de cores musicais como nunca foram ouvidos em disco em 'Shades of Deep Purple' (*1).

Aí está Jon Lord; Jon é alto, esguio e alguém poderia dizer sinistro, até que ouvisse a suavidade e as luzes que ele pinta com sua paleta eletrônica. Para os outros ele é o "leão-marinho" (*2). Rod Evans é o porta-voz deles neste disco e está em sua natureza ser o membro romântico do time. Nick Simper é natural de Londres e, além de tudo, toca o contrabaixo; ele é o brincalhão da turma e arrasta afetuosamente um cachorro de nome 'Loppy Lips' (*3). Na bateria o homem é Ian Paice, cuja aparência gentil dá uma falsa ideia a dos sons que ele explode sobre seus couros. O guitarrista é Ritchie Blackmore, cuja fala flui em grande parte através de suas cordas selvagens, como se dizendo: 'O instrumento é mais eloquente que eu'.

Tendo travado conhecimento do grupo, agora explore as profundezas de suas criações, ligando seu aparelho de som, ajustando seu volume para o máximo e então instalando-se entre as caixas acústicas, para desfrutar do mais suave murmúrio das almas deles 'And the Address' (E o discurso - *4) que explode em uma parede de ruídos antes de você se perder em um vasto mar de som púrpura. Um animal uiva ao longe, apenas para ser silenciado por alguns acordes de órgão. 'Hush' (Silêncio) grita o côro, para Rod é hora de cantar e depois do canto o teclado de Jon faz sua parte, aumentando a agitação. 'Silêncio' grita o côro e nasce a paz. Um estrondo de trovão irrompe a cena e 'One More Rainy Day' (Mais um dia de chuva) chega. Permaneça com ele, ainda que logo atrás da chuva deva vir o sol, que então traz a 'Happiness' (Felicidade) e o prelúdio para a canção final.

nal 'I'm so glad' (Estou tão contente).

O lado dois sai com 'Mandrake Root' (Raiz de Mandrágora - *5), cheia de promessas e intenções amorosas. Do espaço exterior vem um choro melancólico. Ele ressoa desde o Himalaia e acha seu lugar de repouso em casa. 'Help' (Socorro) ele diz, mas, nas palavras de McCartney, nenhuma ajuda é encontrada. Eu preciso de amor, 'Love Help me' (Amor me ajude) é o brado e uma disposição otimista é despertada pelos garotos. Vamos encontrar o amor, um novo amor, o amor onde ele estiver, em algum lugar deverá haver um amor.

No Sul talvez a procura terminará. 'Hey Joe', aonde você vai com essa arma na mão? (*6) Mas, a estória de Joe também é de angústia e ele deve ir ao Sul em busca da paz. Ao México talvez - em algum lugar encontre-se a resposta."

Observações:

(*1) - O título do disco é uma espécie de trocadilho em cima do nome da banda. Pode ser traduzido como "Tonalidades de Púrpura Profunda".

(*2) - Este apelido não fica tão estranho assim se lembrarmos os longos bigodes que o leão-marinho (ou morsa) tem.

(*3) - 'Loppy Lips' é alguma coisa como 'Lábios Caídos'. Vejam só, agora sabemos até o nome do cachorrinho do Simper...Aguardem, nas próximas edições, o nome do papagaio do Glover e do peixinho dourado do Gillan...

(*4) - O autor em alguns casos utilizou o nome da música como frase do texto. Para não perder o sentido, a tradução dos nomes das faixas vem entre parenteses.

(*5) - Mandrágora é uma espécie de planta muito usada na Idade Média para feitiçaria.

(*6) - Esta frase pertence a letra da 'Hey Joe'. As citações no texto a respeito do Sul e do México referem-se também a letra da música, pois é para lá que o Joe (segundo a letra) fugiu em busca da paz, depois de atirar em sua mulher infiel (exemplo seguido por muitos 'machos' desonrados aqui no Brasil...).

DEEP PURPLE

CHASING SHADOWS (SOMBRAS PERSEGUIDORAS):

"Uma ideia rítmica original de Ian, que é ouvido tocando bateria, timbales, maracas e sino de vaca. Estes instrumentos de percussão foram gravados posteriormente, é claro. A canção é sobre uns pesadelos de Jon. A linha de baixo de Nick é excepcional."

BLIND (CEGO):

"Jon toca harpsicord nesta faixa, que é uma canção de amor, comprimida para um formato de um blues de doze compassos. A seção do meio é uma sequência cromática descendente, a qual pretende dar uma espécie de efeito de 'lentidão'."

LALENA:

"A canção de Donovan tocada como nós achamos que Donovan gostaria de tê-la ouvido. A única gravação dupla (*1) nesta faixa é a passagem de guitarra do fim. A leve impressão 'jazzística' do órgão é uma reverência na direção dos dias de 'Mellow Yellow' de Donovan."

(*2)

FAULT LINE (FALHA - *3):

"Gravada quando ouvimos que nós estávamos indo para Los Angeles em uma época de terremotos. A pista da bateria foi gravada primeiro (com o órgão) e então invertida."

THE PAINTER (O PINTOR):

"Esta faixa foi gravada ao vivo, sem gravação dupla." (*1)

WHY DIDN'T ROSEMARY? (POR QUE NÃO ROSEMARY?):

"Vagamente inspirada por um número de Otis Span e novamente há uma tentativa de alagar-se o alcance de uma sequência simples de doze compassos. De fato os versos tem o comprimento de quatorze compassos e o solo de guitarra tem o comprimento de dezessete compassos. Interessantes palavras de Rod..."

BIRD HAS FLOWN (PÁSSARO VOOU - *4):

"Uma gravação diferente da versão lançada em compacto. Ritchie gravou o Wah-wah (*5) da guitarra posteriormente e também a guitarra no fim da seção intermediária."

APRIL (ABRIL):

"Uma espécie de concerto em três partes a respeito do mês de Abril. A primeira seção é tocada somente por Jon e Ritchie. Jon toca piano e órgão e Ritchie toca guitarra acústica (um padrão rítmico e uma gravação dupla de um padrão solo) e guitarra elétrica. O coro foi adicionado posteriormente. A seção toda utilizou mais ou menos onze pistas diferentes. Também Ian no tímpano pode ser ouvido ao fundo. A segunda seção é a descrição orquestrada de Jon de Abril. Os instrumentos usados foram: duas flautas, dois oboês, corne inglês, dois clarinetes, dois violinos, viola e dois cellos. A terceira seção é um tratamento da sequência de acordes da primeira seção de um modo mais 'Purple'. Como um todo, nós esperamos que April esteja unida a uma evocação pessoal de um lindo, mas (para nós) triste mês."

Observações:

(*1) - A 'gravação dupla' citada várias vezes no texto (creditado como de autoria do Deep Purple) significa o recurso de estúdio onde se pode misturar instrumentos ou vozes subsequentemente à primeira gravação.

ira gravação.

(*2) - 'Mellow Yellow' é o nome de um dos mais famosos discos de Donovan, um dos mestres do movimento psicodélico.

(*3) - No caso, trata-se de falha geográfica. Ou, se preferirem, pãrãclase.

(*4) - Expressão idiomática. Significa 'a pessoa procurada fugiu'.

(*5) - Wah-wah é o nome onomatopáico dado a um tipo de pedal de guitarra.

IN ROCK

SPEED KING (REI DA VELOCIDADE):
"São umas poucas raízes, replantadas."

BLOODSUCKER (SANGUESSUGA):
"Uma espécie particularmente sôrdida de companheiro, existem aos montes de nós."

CHILD IN TIME (CRIANÇA NO TEMPO):
"A estória de um perdedor - poderia ser você."

FLIGHT OF THE RAT (VÔO DO RATO):
"São para lembrá-lo que há outros modos de se virar."

INTO THE FIRE (DENTRO DO FOGO):
"Saindo da frigideira..." (*)

LIVING WRECK (FARRAPO HUMANO):
"Há de todos os tipos - sustenta sua groupie local." (**)

HARD LOVIN' MAN (AMANTE DIFÍCIL):
"Para Martin Birch - catalisador."

Observações:

(*) - Expressão idiomática. "Out of the frying pan into the fire", corresponde a nossa "sair da frigideira para o fogo"(ou vice-versa).

(**) - Groupie é o nome dado às fãs das bandas de Rock que seguem os artistas para um relacionamento 'mais íntimo'. **P**

Interpretação de Letra

O CASO SMOOTH DANCER

Todos sabem que o LP Who do we think we are foi gravado sob um clima pesado, em condições desfavoráveis que em pouco tempo levariam à saída de Gillan e Glover. Nesta música, Gillan registra com louvável sutileza seu descontentamento com o comportamento de Blackmore. Gillan não figura entre os maiores poetas que o Rock revelou, mas suas letras sempre foram acima da média, tanto pelo vocabulário, quanto pelas rimas incomuns e até mesmo pelo bom humor presente em muitas composições. Em sua fase no Purple, Gillan alternou letras muito criativas com outras corriqueiras (sua melhor fase como letrista foi na sua segunda banda solo, a 'Gillan'). O que temos aqui é um dos exemplos da capacidade criativa e de extrema sutileza do vocalista. Tão sutil que Blackmore, um grande e sensível músico, acabou gravando a música sem perceber a referência feita a ele, o que só aconteceu mais tarde.

A primeira impressão que se tem sobre esta letra é que esta fala sobre uma mulher, uma dançarina. No entanto, se substituirmos a figura feminina por Ritchie, vemos que a letra se encaixa perfeita-

mente a ele e a situação pela qual o Purple passava. Desse modo, olhando por este outro ângulo, temos mais um dos elementos - talvez o principal - responsáveis pelo fim da Mark II: um desentendimento entre Blackmore e Gillan. Qual dos dois estava certo, ou qual dos dois foi o culpado, não vem mais ao caso. Provavelmente ambos estavam errados. Por isso, julgamos esta tradução ideal para inaugurar esta seção. Tanto por mostrar que a tradução ao pé da letra nem sempre preserva o sentido original da ideia do artista, quanto por provar que, mesmo uma tradução livre e coerente como esta não diria muito aos Apreciadores sem as várias observações explicativas do contexto que envolveu toda a música.

Observações:

1) Não foi traduzido, uma vez que, no caso, faz o papel de um nome próprio. 'Black Suede' significa Camurça Negra, que era o traje preferido de Blackmore.

2) Trocadilho de Gillan. Em inglês, 'mean' pode ser traduzido como o adjetivo 'malicioso', o substantivo 'maldade' ou como os verbos 'significar', 'fazer entender' ou 'querer dizer'. No caso, 'don't

mean, you are good', seria: 'não me diga que você é bom', sendo que o 'mean' entra como sentido antagônico ao 'good' (bom).

3) Foi traduzido no feminino, para manter a coerência do primeiro significado da letra, que refere-se a uma mulher. Poderia-se trazer os adjetivos todos para o masculino, uma vez que na língua inglesa isto é indiferente. Mas, vocês podem fazer isto automaticamente ao transportar Blackmore como personagem da letra.

4) No disco, Gillan canta miséria (desgraça), como na terceira estrofe.

5) Neste caso, o duplo sentido da colocação do Gillan se apresenta mais uma vez. Em primeiro plano, ele dá a ideia que as dançarinas negras são mais sutis, delicadas. Em segundo plano, temos o preto como cor (deixemos os rigores da Física de lado...) preferida de Blackmore e também o sentido que ele se torna preto, maléfico, devido a sua postura.

6) Aqui 'freelancer' foi traduzido como 'independente', apesar de ser uma palavra frequente na nossa língua, repleta de anglicismos. Talvez 'freelancer' fosse exatamente a condição de Gillan dentro

da Purple Records. Talvez ele fosse de fato um autônomo.

7) Expressão inglesa que não possui equivalente em Português. Na gíria atual, o mais próximo seria 'soltar a franga'.

8) Primeira indicação precisa que Gillan fez sobre a atitude que Blackmore havia tomado na época.

9) Primeiro aviso que Gillan deu sobre a posição que ele (Gillan) iria tomar.

10) Outra das referências de Gillan sobre as atuações de Blackmore, no sentido que Ritchie queria 'parecer mágico', ou seja, místico, uma vez que ficou conhecido pelo seu interesse por ocultismo e assuntos esotéricos.

11) Aqui uma das frases que disfarçam o duplo sentido da letra, pois parece que Gillan realmente se dirige a uma mulher. No entanto, se considerarmos que os ingleses e americanos usam a palavra 'love' (amor) mais frequentemente que nós (para eles, 'love' tem tanto o sentido de 'amar' quanto de 'adorar'; nós nos referimos mais a 'amor' para um sentimento superior a 'adorar'), encontraremos mais uma das indicações de Gillan ao comportamento de Blackmore.

12) É o mesmo caso acima. Antes que alguém comece a pensar bobagens, é bom frisar que Blackmore e Gillan resumiam sua parceria apenas à música, certo?

13) Neste ponto Gillan diz que já sabe o que fazer. Notem que o tem po do verbo muda para o presente e o que era hipótese, vai se concretizando.

14) Gillan finaliza com uma séria

crítica a Blackmore, dizendo em o utras palavras que ele é um ótimo guitarrista, no sentido técnico, mas que como pessoa deixa muito a desejar, já que é óbvio que Ritchie coloca emoção (aquilo que o Gillan chamou de 'alma') no seu tocar.

O que podemos concluir é que Gillan não faria algo assim se não gostasse de Blackmore, pois nin-

guém se importa com quem não se gosta. Ódio e amor andam sempre lado a lado e uma frágil linha os separa. O que Gillan demonstrou com essa letra foi justamente um ato de amor, de admiração, pelo o dio que está em suas frases. E lembrem-se, o contrário de amor é a indiferença e não o ódio.

As verdadeiras causas que geraram toda esta estória, nunca ficarão realmente claras e nem vem ao ca-

so para nós. Afinal, ser fã não dá o direito a ninguém de devas-sar a intimidade de um artista. Tu do isto aqui exposto serve apenas para exemplificar a competência de Gillan como letrista, ao mes-mo tempo que mostramos um dos principais motivos da alteração do Purple em 73. Tudo, depois de dezenas de audições de Smooth Dan- cer, o que não foi nada mal...

SMOOTH DANCER - por Gillan, Blackmore, Lord, Paice e Glover

Black Suede, don't mean you're good for me
Black Suede, just brings your mystery
I want to be inside of you
But you're black and I don't know what to do
You're a smooth dancer
But it's alright
'Cause I'm a freelancer
And you can never break me though
you try to make me think you're magical
Baby you're the one who can never see
the sun because it don't shine nightly
Don't you look at me because I'm gonna shake free,
you'd better hang on tightly
You wanna rule the world but you're acting
like a girl who's got a false pregnancy
You've swollen up inside with nothing
but your pride and yet you keep on dancing

Black Suede, don't waste your time on me
Black Suede, I sense your mockery
I tried to go along with you
But you're black and I know just what to do
You're a smooth dancer
But it's alright
'Cause I'm a freelancer
And you can never take though you
try to make think you're magical
I think you're crazy, your two timing ways
they don't bother me none
You'd better do it right because one day or night
I'm gonna walk to freedom
You know I loved you once
and I wanna love again but you don't give nothing
You can see it in my eyes so you've got to realize,
baby I ain't bluffin'

Black Suede, don't waste your time on me
Black Suede, don't bring me misery
I tried to be inside of you
But you're black and now I know what to do
You're a smooth dancer
But it's alright
'Cause I'm a freelancer
And I can tell you're fakin' though
you try to make me think you're magical
Baby you're the one who can never see the sun
because it don't shine nightly
Don't you look at me because I'm gonna shake free,
you'd better hang on tightly
You know I loved you once
and I wanna love again but you don't give nothing
You can see it in my eyes so you've got to realize
baby I ain't bluffin'
Baby you can rock'n'roll but you never
show your soul, smooth dancer.

DANÇARINA SUTIL - Tradução livre de Rodrigo Rosas Fernandes

Black Suede¹, não me diga², que você é boa³ para mim
Black Suede, só me traz o seu mistério⁴
Eu quero estar dentro de você
Mas você é preta⁵, e eu não sei o que fazer
Você é uma dançarina sutil
Mas tudo bem
Porque eu sou um independente⁶
E você não pode nunca me dobrar apesar
de você tentar me fazer acreditar que você é mágica
Baby você é aquela que nunca pode ver
o sol porque ele não brilha à noite
Não olhe para mim porque eu vou chacoalhar livre⁷
e é melhor você se segurar firme
Você quer comandar o mundo mas está agindo
como uma menina que tem uma gravidez falsa⁸
Você se encheu toda por dentro com nada
a não ser seu orgulho e ainda continua a dançar

Black Suede, não perca seu tempo comigo
Black Suede, eu consigo sacar as suas gozações
Eu tentei me dar bem com você
Mas você é preta e eu acho que sei bem o que fazer⁹
Você é uma dançarina sutil
Mas tudo bem
Porque eu sou um independente
E você nunca pode me pegar apesar de você
tentar me fazer pensar que você é mágica¹⁰
Eu acho que você é louca, os seus duplos sentidos
não me aborrecem nem um pouco
É melhor você entrar na linha porque um dia ou uma noite dessas
Eu vou andar para a liberdade
Você sabe que eu já te amei
e quero amar de novo mas você nem liga¹¹
Você pode ver pelos meus olhos, então você tem que entender
que eu não estou blefando

Black Suede, não perca seu tempo comigo
Black Suede, não me traga desgraças
Eu tentei estar dentro de você¹²
Mas você é preta e agora eu sei o que fazer¹³
Porque você é uma dançarina sutil
Mas tudo bem
Porque eu sou um independente
E eu posso dizer que você está fingindo apesar
de você tentar me fazer pensar que você é mágica
Baby você é aquela que nunca pode ver o sol
porque ele não brilha à noite
Não olhe para mim porque eu vou chacoalhar livre,
É melhor você se segurar firme
Você sabe que eu te amei uma vez
e quero amar de novo mas você nem liga
Você pode ver isto nos meus olhos então você tem que entender
que eu não estou blefando
Baby você pode saber como tocar Rock mas você não pode nunca
mostrar sua alma, dançarina sutil¹⁴.

LLLLLL
L L L L L
L L L L L
L L L L L
L L L L L
L L L L L
L L L L L
L L L L L

EEEEEE
E E E E E
E E E E E
E E E E E
E E E E E
E E E E E
E E E E E
E E E E E

TTTTTT
T T T T T
T T T T T
T T T T T
T T T T T
T T T T T
T T T T T
T T T T T

RRRRRR
R R R R R
R R R R R
R R R R R
R R R R R
R R R R R
R R R R R
R R R R R

AAAAAA
A A A A A
A A A A A
A A A A A
A A A A A
A A A A A
A A A A A
A A A A A

SSSSSS
S S S S S
S S S S S
S S S S S
S S S S S
S S S S S
S S S S S
S S S S S

C omo sempre, atendendo a pedidos dos Apreciadores, as letras das faixas avulsas do Purple: 'Cry Free', 'Painted Horse' e 'Black Night' pertencentes ao Powerhouse, 'When a Blind Man Cries' (la do B de compacto e presente no Anthology) e 'Strange Kind of Woman' (originalmente também um compacto), que entrou no lugar de 'Demon's Eye' na versão brasileira (e americana também) do LP Fireball, cujas letras do lado B estão aqui, complementando as do número anterior. Podem começar a cantar junto com o Gillan. É só seguir a 'bolinha dançante'... (Alguém aí se lembra disso?)

WHEN A BLIND MAN CRIES

If you're leavin' close the door
I'm not expecting people anymore
Hear me grievin' lying on the floor
Whether I'm drunk or fit I really ain't too sure
I'm a blind man, I'm a blind man
And my world is pale
When a blind man cries
Lord you know there ain't a sadder tale

Had a friend once in a room
Had a good time but it ended much too soon
In a cold month in that room
Found a reason for the things we had to do
I'm a blind man, I'm a blind man
Now my room is cold
When a blind man cries
Lord you know he feels it from his soul.

BLACK NIGHT

Black night
Star bright
I don't feel
So right
I don't care
This high

May be a flight on the wake
Of the life that I'm free
Free, look at me, oh
Black night it's a long way from home

I don't need
A dark tree
I don't want
A rough sea
I can't feel
I can't see

Black night
Black night
I don't need
A black night
I can't see
Dark flight

PAINTED HORSE

Child on a painted horse
Streams that will run their course
Gone to a far away shore
Oooh, my painted horse is weeping
Days of another kind
Frosts gets a bruising vine
Why did the carpenter die
Oooh, my painted horse is weeping
Sweet as a rose so fine
Peaceful as a final time
How could the lion man cry
Oooh, my painted horse is weeping
Thoughts of a winter moon
Warm in a distant room
Why did I fall asleep so soon
Oooh, my painted horse is weeping.

CRY FREE

Pass your mother, lose your brother
Be a lover, too
Well all together make it better
You gotta cry free

Bridges burnin', eyes are turnin'
Now they're learnin' fools
They're gonna talk it over
While they're talkin'
You gotta cry free

Fists are shakin', homes are breakin'
Know what's makin' blues
True convictions, satisfaction
While you cry free.

STRANGE KIND OF WOMAN

There once was a woman
A strange kind of woman
The kind that gets written down in history
Her name was Nancy
Her face was nothing fancy
She left a trail of happiness and misery
I loved her
Everybody loved her
She loved everyone and gave them good return
I tried to take her
I even tried to break her
She said I ain't for takin'
won't you ever learn

I want you I need you
I gotta be near you
I spend my money as I took my turn
I want you I need you
I gotta be near you
Oooh I got a strange kind of woman

She looked like a raven
But I could never please her
On Wednesday mornings boy you can't go far
I couldn't get her
But things gotta better - she said
Saturday nights from now babv vou're my star
(Oh, my soul, I love you...)

She finally said she loved me
I wed her in a hurry
No more callers and I glowed with pride
I'm dreaming
I feel like screaming
I won my woman just before she died
I want you I need you
I gotta be near you
I spent my money as I took my turn
I want you I need you
I gotta be near you
Oooh I had a strange kind of woman.



The Mule

No-one sees the things you do
Because I stand in front of you
But you drive me all the time
Put the evil in my mind
Used to sing and say my prayers
Live my life without a care
Now I have become a fool
Because I listened to the mule
How can I change when my mind is a friend
of a Lucifer hid in the ground
Just another slave for the mule

Fools

I'm crying I'm dying
I can see what's wrong with me
It's in my head
I can see what's gonna be
As I lie in my bed
Man is not my brotherhood
I am of the dead
I died as lived as I loved and was born
On some distant hill
The reasons to hide were the reasons I cried
Fools pass laughing still
There can be bad blood in all I can see
It's in my brain
You don't know the pain I feel
As I must live again
Rocks and stones can't bruise my soul but
Tears will leave a stain
They smile to themselves as they lay down my head
On some distant hill
The blind and the child sweep a tear from their eye
Fools smile as they kill

I got my own way to go and now I want
I take your minds
I believe if you could see
The blood between the lines
I believe that you could be
A better kind
Please lead the way so the unborn can play
On some greener hill
Laugh as the flames eat their burning remains
Fools die laughing still

No-one Came

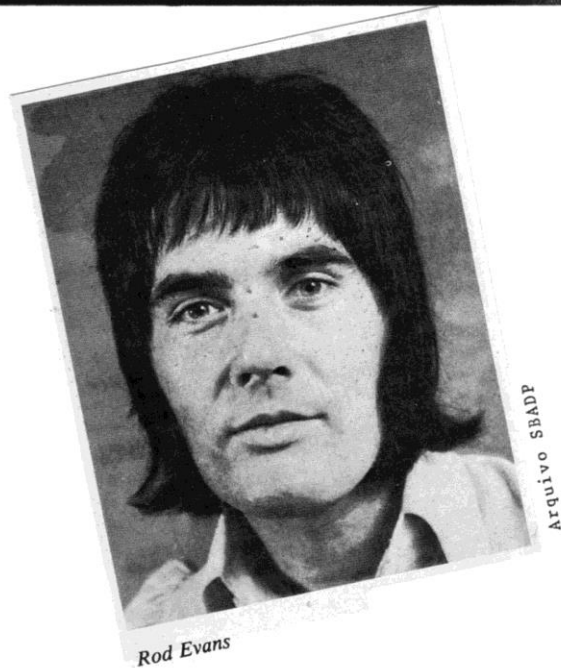
Maybe it's because I'm only starting
That I think it won't take too long
Maybe it's because I can see you laughing
That I think you've got it wrong
Maybe I could be like Robin Hood
Like an outlaw dressed all in green
Someone said what's he gonna turn out like
And someone else said never mind
Well I was big and bold and more than twice as old
As all the cats I'd ever seen
I grew my hair and bought a suit
Of shiny white or was it cream
I shook and shivered danced and quivered
And stood on a mountain top
No-one came from miles around and said
Man your music is really hot.

Well I knew what they meant because I was a freak
My throat was tired and worn
My pretty face just looked out of place
As they poured on the scorn
I wrote on yellow paper from a man who was the king
He said my boy we'll have some crazy scenes
There weren't any scenes at all like he was talkin'
about
He must've been the king of queens
Well I could write a million songs about the things
I've done
But I could never sing them so they'd never get sung
There's a law for the rich and one for the poor and
there's another one for singers
It's die young and live much longer
Spend your money and sit and wonder
No-one came from miles around
And said man you music is really funky.

I believe that I must tell the truth
And say things as they really are
But if I told the truth and nothing but the truth
Could I ever be a star
Nobody knows who's real and who's fakin'
Everyone's shouting out loud
It's only the glitter and shine that gets thru'
Where's my Robin Hood outfit
Well I've come and I've gone before you wink an eye
No-one ever care enough to say goodbye
The money's good and the time you have
Fun and games galore
But you spend your money and lie in bed forgotten
And you wonder what you did it for
No-one came from miles around
And said man who's he?

Todas por Blackmore, Gillan, Glover, Lord & Paice.

HISTÓRIA DO PURPLE IV PARTE



Arquivo SBADP

Rod Evans

IAN PAICE & ROD EVANS - SURGE O ROUNDABOUT

Em novembro de 1967, o embrião do Deep Purple - Chris Curtis, Jon Lord e Ritchie Blackmore - ensaiava no apartamento de Lord em Gunter Grove. As primeiras canções foram 'Strawberry fields forever', daqueles quatro rapazes de Liverpool; 'You keep me hanging on', das vocalistas negras de 'soul-music' The Supremes e uma canção de Ritchie, 'And the Address', incluía

posteriormente no LP Shades of Deep Purple como faixa de abertura. Quando julgaram já estarem afiados, chamaram os empresários Edwards e Coletta para ouvi-los. Ambos estavam decididos a levar o projeto adiante a qualquer preço e, embora a audição fosse animada, perceberam que haveriam ainda problemas a resolver, antes da banda ficar no ponto. Estes pro-

blemas estavam no comportamento de Curtis, cheio de idéias estranhas, que pareciam inadequadas para um elemento em que se investiria muito dinheiro. Segundo Lord: 'Uma de suas idéias era que devemos aparecer no palco num carro sel (Roundabout). Nós três estaríamos no centro, enquanto diferentes baterias, cantores, ou o que quer que fosse estariam em

volta. Ele queria cantar e tocar bateria também'. Apesar de suas idéias malucas, Curtis era bem relacionado. The Searchers, sua ex-banda, foi muito popular, gravando dezenas de sucessos, tornando-o conhecido a ponto de ser convidado à inauguração da boutique Apple, dos Beatles. Jon o acompanhou, sendo a primeira vez que andou de limosine e pode fi-

car ao lado de John Lennon e George Harrison.

Mas Lord sabia que Curtis era um visionário, que seus planos eram impraticáveis e voltou ao Flowerpot Men. Quando eles regressaram de uma viagem a Munique, Curtis havia desaparecido, sem deixar notícias.

Quanto a Ritchie, retornou a Hamburgo, pois segundo ele 'todos começaram a desaparecer e Curtis dizia coisas como "nós não precisamos de um baixista". Chris começou a ficar estranho e eu pensei: o que é que está acontecendo por aqui? Chris era um pouco extrovertido demais e aborrecia muita gente. Jon escapou para Munique mas eu ainda queria juntar-me a ele numa banda'.

Ritchie passou um Natal não muito festivo. Sabia de suas qualidades como guitarrista e estava desempregado, enquanto guitarristas que ele (e muita gente na época) sabia serem menos brilhantes, como Jimmy Page e Eric Clapton, não saíam das capas das revistas. Na verdade, Ritchie só considerava dois guitarristas superiores a ele, naquela época: seu ex-professor 'Big' Jim Sullivan e Albert Lee (procure ouvir o Green Bullfrog - presente em Peças de Coleção desta edição - e confira mais um exemplo do 'aluno que supera o mestre').

A decisão de Jon e Ritchie de abandonar Curtis não abalou a determinação da dupla Edwards/Coleta de se tornarem empresários de Rock. Um telegrama foi enviado pelos dois a Jon Lord, dizendo que, se ele se dispusesse a ser o ponto de contato e o instigador do projeto, eles ainda estariam interessados no Roundabout. Um telefonema de Lord concordando foi o suficiente para por a dupla novamente em ação.

Logo uma casa de fazenda próxima de St. Albans era alugada para os ensaios, composições, reuniões; enfim ser a base de onde o Roundabout sairia para realizar o sonho dos empresários.

Jon entrou em contato com Ritchie, que retornou em fevereiro. Blackmore sugeriu como baterista Bobby Woodman-Clarke, componente da banda do ídolo Pop francês Johnny Halliday. Ele foi o primeiro baterista na Inglaterra a usar uma bateria com dois bumbos. Bobby, por sua vez, indicou o cantor Dave Curtis (não confundam, o outro era Chris Curtis), que estava na

banda The Tremors. Mas, Dave não correspondeu, ficando o microfone do Roundabout vago. Foi então colocado aquele famoso anúncio no Melody Maker, recrutando um vocalista.

Por outro lado, Jon já havia chamado Nick Simper, seu companheiro de Flowerpot Men, que lembrou-se do ex-vocalista dos Javelins e indicou seu nome. Mas, consultado, Ian Gillan não aceitou, pois não queria sair de sua nova banda, Episode Six (Lembram-se do primeiro encontro de Simper com Gillan? Não? Vejam a Into the Purple n93). Como podemos notar, coincidências incríveis aconteceram ao longo da História do Purple. E elas não pararam por aqui, como veremos futuramente.

Os quatro músicos começaram os ensaios em Deeves Hall, a casa alugada para os ensaios, em clima de grande euforia. Edwards e Coleta lotaram a casa com equipamento de primeira e cruzaram os dedos. Porém, logo notaram que teriam novos problemas com a bateria. Bobby não parecia ter muito futuro.

Um dos itens mais caros do equipamento foi o célebre Hammond C3 de Lord, que até aquela época só tocava em teclados emprestados ou alugados. 'Eu nunca esquecerei a cara que eles fizeram quando lhes disse que iria custar 2.500 libras', conta Lord.

Enquanto os ensaios iam rolando, dezenas de vocalistas apareciam em Deeves Hall, respondendo ao anúncio. Nesta época, foi contratado o 'roadie' (pessoa que cuida do equipamento de uma banda) Ian Hansford, que se divertia vendo os candidatos todos juntos na estação de trem próximo a Deeves Hall, sendo que ninguém se falava, mesmo sabendo que todos estavam ali pelo mesmo motivo.

Um desses candidatos foi Mick Angus, um dos mais promissores entre os que apareceram. Mick, que cantava em uma banda da cidade de Slough chamada Mark Berry, mencionou que conhecia os músicos de outra banda de sua cidade, chamada The Maze e revelou a Ritchie que o baterista do Maze era bem melhor que Woodman. Ritchie sabia disso, pois o havia visto tocar em Hamburgo e anotou o telefone do baterista. Mick, que era muito amigo de Rod Evans e Ian Paice, respectivamente o vocal e baterista do Maze, foi direto contar a eles que provavelmente conseguiria

o lugar de vocalista no Roundabout. Depois disso, Mick não viu Rod por uns dias. Rod havia ido a Deeves Hall, como candidato, sem falar a ninguém.

No teste, Rod impressionou, cantando duas oitavas acima e sem acompanhamento 'Tonight', da trilha de 'West side story', garantindo o emprego. Após a audição, Ritchie perguntou-lhe sobre Ian Paice e Evans acertou de trazê-lo naquela mesma semana.

Depois de uma tramóia para afastar Woodman de Deeves Hall por umas horas, Paice foi ouvido, acompanhando a banda em 'Watermelon Man', deixando todos boquiabertos. Até mesmo Woodman após ouvi-lo no fim daquela noite sabia que havia perdido seu lugar. Outro que estava por lá e também teve que se conformar em ficar de fora foi Mick Angus, que depois acabou fazendo parte da equipe técnica do Purple.

Uma constante na biografia dos músicos do Purple é a criação em família musical. Ian Anderson Paice, nascido em 19 de junho de 1948, em Nottingham, é mais um exemplo. Durante os anos 30 e 40, seu pai acompanhou várias bandas como pianista, largando tudo, inclusive a chance de ser reconhecido internacionalmente, para se casar. Quando Ian estava com sete anos, a família mudou-se para Bicester, tendo ele que estudar na escola local, cujo currículo dava maior ênfase às ciências do que às artes, não correspondendo às suas inclinações naturais. Depois de ainda tentar a escola técnica, Ian abandonou todas as suas aspirações acadêmicas em favor da bateria, descoberta aos quinze anos. Sua primeira foi um presente de aniversário de seu pai, uma Gigster, trocada meses depois por uma Premier. Seus primeiros ganhos como baterista, foram acompanhando a nova banda de seu pai em bailes e jantares, tocando valsas e foxtrotes. Sua primeira banda de Rock'n'Roll foi George and the Rave-ons, que tocava na área de Oxford, onde Paice residia. Em 1965, The Rave-ons passaram a se chamar The Shindigs, gravando dois compactos. Estas foram as primeiras gravações de Paice. The Shindigs frequentemente aparece nos shows para uma banda de Slough, The M.I. 5. Em julho de 1966, o baterista do M.I. 5 saiu. A vaga foi oferecida a Paice, que aceitou. Logo após, gravaram um compacto para a Parlophone, com a

canção 'You'll never stop me loving you'. Em novembro do mesmo ano alteraram o nome para The Maze, gravando alguns compactos em vários selos diferentes. Nesta época, a formação do Maze incluía Paice, Roger Lewis na guitarra, Chris Bannham nos teclados, Eric Keene no baixo e Rod Evans no vocal.

Rod Evans nasceu em 19 de janeiro de 1947, em Slough. Desde os 17 anos liderou bandas e era conhecido na região por sua boa voz. Sua primeira banda foi The Horizons, cujo repertório incluía muitas canções de Curtis Mayfield. Os Horizons, como muitas outras bandas da época, viajaram também para Hamburgo, onde também eram muito pagados, como muitas outras da época. The Horizons não chegou a gravar. Sua maior proeza foi ganhar um festival de sua cidade. Em 1965, Rod entrou para The Jumping Jimmy Band, rebatizada no ano seguinte para The M.I. 5.

Para poder ficar perto dos outros companheiros, Paice mudou-se de Bicester para Slough. Em janeiro de 1967, The Maze começou uma temporada de três meses na Itália, que gerou as primeiras gravações da banda. Na viagem de navio, Ian conheceu um guitarrista que estava indo para Hamburgo. Adivinharam? Yeah, era Ritchie. Eles voltariam a se encontrar no Star Club, da cidade alemã, para onde o Maze foi após a temporada na Itália. Nesta segunda ocasião, Ritchie pode observar o estilo de Paice, que tratava cada música como se ela fosse apenas o acompanhamento para seus mini-solos de bateria.

As gravações do Maze incluíram uma versão de uma balada italiana chamada 'Catterri, catterri' e posteriormente um EP, realizado em Milão e que continha uma versão de 'I'm so glad', a mesma também presente no LP Shades of Deep Purple. O EP tinha como atrativo principal a versão da banda para 'Chips with everything' e para promovê-la eles apareceram na televisão italiana. Talvez a estação de TV tenha os tapes até hoje, já pensaram?

Esse, no entanto, não era o sucesso que Rod desejava. Ele pensava em algo maior e quando ouviu seu amigo Angus comentar sobre o Roundabout, resolveu comparecer naquela audição em Deeves Hall.

Agora já sabemos como os cinco membros do Deep Purple se reuni-

ram. Deste início, ainda como Roundabout aos primeiros discos de ouro, ainda existem muitos e muitos detalhes, que vocês vão conhecer aqui, a partir das próximas Into the Purple. **P**



Publicações

POSTER SOMTRÊS

Finalmente, após mais de um ano de espera, em 11 de junho de 87 chegou às bancas a obra que levou automaticamente os nomes de seus autores para a lista dos candidatos ao prêmio Nobel de literatura - o poster do Deep Purple, volume II, da Somtrês, um verdadeiro compêndio da cultura púrpura! Bem, este início de extrema modéstia foi somente para manter aquilo que saiu na Into the Purple anterior, ou seja, que o poster feito pela SBADP seria elogiado aqui nestas páginas. Na verdade, uma série de problemas fez com que ele não saísse exatamente como esperávamos. Há uma longa história por trás do poster, que começou naquela reportagem feita pela Somtrês para sua edição de março de 86, quando entrevistaram os responsáveis pela Sociedade na época, eu e o Roberto (ou se preferirem, SBADP Mark I'). Nessa ocasião, nos propuseram que elaborássemos um novo poster do Deep Purple, o que topamos na hora. A primeira coisa que nos veio em mente foi poder ter finalmente a oportunidade de esclarecer uma série de distorções que havia se estabelecido na História do Purple na imprensa brasileira. Isto nos deixou muito entusiasmados. O primeiro proble-

ma que surgiu foi a foto do poster central. Não queríamos mais uma daquelas fotos posadas, com 'granulação de out-door' (veja Into the Purple nº 1), que sempre a parecem nas bancas. E, segundo informações que nos passaram, por falta de cromos e condições técnicas, esse também sofreria os mesmos problemas. A solução para isso, achamos, seria a inclusão da Árvore Purpleológica. Ela seria adaptada e atualizada em relação à publicada na Into the Purple nº 2 (devido a grande quantidade de informações de interesse dos Apreciadores embutidas ali), só que com fotos de cada uma das bandas figurantes, ao invés de só os nomes. A sugestão foi encaminhada e aprovada pelo pessoal da Somtrês (veja na foto a alegre redação da revista). Preparamos o texto, a discografia e escolhemos as fotos. Aí uma série de novas dificuldades técnicas começaram a surgir. Não seria possível a montagem que queríamos, teria que sair a Árvore só com a arte gráfica e as fotos ao lado, semelhante ao que acabou sendo publicado. Posteriormente nos informaram que, por problemas de custos, as fotos ao lado da Árvore não sairiam coloridas. Ficamos decepcionados, mas não havia outro jeito. No fim, foram incluídas aquelas quatro fotos colori-

das, sem que soubéssemos e, portanto, opinássemos. Este foi o motivo daquela foto do Sabbath I, meio deslocada do contexto, ter sido publicada. Ao nosso ver, um dos pontos falhos do poster. Outros ocorreram, por problemas técnicos, de revisão e de montagem e que fugiram ao nosso controle. Por exemplo: as fotos preto e branco ficaram ruins, não dando nem para distinguir os rostos em algumas; uma das fotos internas foi trocada (a do Paice); um dos LPs saiu com sua contracapa publicada, em vez da capa (a da coletânea Mark I&II, aquela do jeans). No texto, dois erros. Um, por cochilo nosso, foi sobre a origem do nome 'Deep Purple'. Realmente, era o nome da canção preferida da avó e não da mãe de Ritchie, como foi publicado. O outro, de revisão, onde saiu 'Glover dele', em vez de 'Coverdale' na parte sobre a origem do Whitesnake. Isto descontando os pequenos erros de revisão, como letras trocadas. Mas, este são normais, perfeitamente aceitáveis. Aí estão as explicações que julguei serem importantes serem feitas a respeito desta publicação da Somtrês, com colaboração da Sociedade. Apesar das falhas citadas, eu e o Roberto nos sentimos orgulhosos do produto final, devido ao trabalho que nos deu, à imagem que projetou da Sociedade e por ter cumprido mais uma etapa dos propósitos da criação da SBADP - divulgar o trabalho do Purple. A Sociedade só tem a agradecer a Somtrês pela oportunidade e por todo apoio que nos deu ao longo dos anos. Valeu!

GIGANTES DO ROCK

Infelizmente a edição relativa ao Purple acabou não saindo. Após o lançamento da Into the Purple nº4 a Gigantes do Rock foi suspensa pela sua editora, voltando depois de muito tempo com mais duas edições e, ao que parece, foi cancelada definitivamente. Entretanto,

quem quiser, poderá ter acesso ao texto através de xerox, a partir de julho. Devido à falta de tempo não poderei rebater os textos, que estão ainda nos originais, sem nenhum acabamento gráfico. Apenas serão reduzidos (para economia de cópias) e montados, sem fotos. Os interessados deverão enviar envelope selado à SBADP solicitando informações, a partir de julho.

MIX

A última (literalmente) edição da revista Mix trouxe matéria de capa (aliás, bela capa) sobre Blackmore (Mix nº 16). Os Apreciadores que tiverem oportunidade de lê-la, constatarão que ela é praticamente a mesma publicada na Into the Purple nº 4, na História do Purple. Na realidade, o autor - o Apreciador Sérgio Martorelli (ou Martô, circunstancialmente) - foi autorizado pela SBADP a utilizar-se do texto da Into the Purple, desde que os créditos à Sociedade (e o respectivo endereço) constassem no fim da matéria. Segundo o Sérgio, foi o que ele fez. Entretanto, por erros de composição e diagramação do pessoal da Editora, o nome da SBADP foi omitido, lamentavelmente.

BIZZ HEAVY

Uma boa matéria sobre o Purple, algo raro em termos de Brasil, saiu na extinta revista Bizz Heavy, no seu segundo e último número. Através do esquema 'Ficha Completa (sic)' onde o texto foi fragmentado pela indicação dos anos em que os fatos relatados aconteceram, a História do Purple foi contada resumidamente. Ninguém me confirmou, mas posso apostar que a ideia de fazer o texto deveu-se a uma daquelas 'idas-do-jornalista-à-livra-ria-comprar-um-livro-importado-para-traduzir-e-fazer-uma-matéria', onde foi encontrado o 'Illustrated Biography', livro de Chris Charlesworth comentado na Into the Purple.



Da esquerda para a direita: Amarildo, o 'chefão' Kubrusly, Denise (escondida), Marisa, Otávio (vai você!), Rodrigues, Marco Antônio, Cristina, Léo, Walmir e o Roberto S. Sousa ('Aquele').

ple nº 1. De qualquer modo, as informações prestadas estão, no geral, corretas. Apenas pequenos erros, alguns por descuido de revisão (como vocês podem ver nesta edição, Gillan não participou do Green Bullfrog), perdáveis, se levarmos em conta as coisas que costumam surgir nas nossas revistas de Rock. Vale a pena guardar, inclusive pelas boas fotos, algumas inéditas. Mas, quem quiser maiores detalhes, acompanhe a 'História do Deep Purple' que a Into the Purple publica todo número e que também é traduzida da 'Illustrated Biography'. Porém, com muitas informações adicionais.

LIVRO DE LETRAS - RAINBOW

Os discos lançados no Brasil, além de serem fabricados com vinil de qualidade inferior, na maioria das vezes mal prensados e tendo suas capas adulteradas, raramente vêm com os encartes originais. Quando vêm, são pobremente reproduzidos e desaparecem logo nas prensagens seguintes. Sendo assim, ficamos privados muitas vezes das letras que acompanham os discos, entre outras coisas. Pelo menos no que se refere aos discos do Rainbow, a SBADP supriu a falha, elaborando o 'Livro de Letras'. Nele vocês encontram todas (todas!) as letras de todos os LPs da banda, do Ritchie Blackmore's Rainbow ao Finyl Vinyl. Além das letras acompanham as fichas técnicas dos LPs e a discografia mais completa já publicada no Brasil. A intenção é prosseguir, lançando assim que possível o do Whitesnake. Para saber como obter este Livro de Letras, veja a seção Serviços desta edição. Como é um primeiro trabalho, sem idéia da procura do livro, os exemplares serão xerocados. É uma desvantagem, porque en carece e diminui a qualidade, mas é a única saída no momento. Para compensar, a capa é colorida. Confirmam. Para guardar e consultar sempre.

ARQUIVO

A Sociedade mantém um arquivo de recortes de reportagens, cuja utilidade é tanto como fonte de consulta, como para preservação de parte do material referente ao Purple e bandas derivadas. Sendo assim, solicito a todos que tiverem material original em duplica-

ta ou mesmo exemplares únicos que não quiserem mais guardar, que enviem para a SBADP, como colaboração. Este material pode ser reportagens, anúncios de discos, posters, fotos ou qualquer outro artigo sobre as bandas em questão, de revistas, jornais, estrangeiros ou não. Muitos Apreciadores já enviaram suas colaborações e eu aproveito para agradecer-las novamente. Quem possuir algum material raro e não puder ceder, se quiser pode escrever discriminando as reportagens, pois dependendo do caso, até mesmo xerox interessam.

MACHINE HEAD / DISCOTECA BÁSICA

Em mais uma das muitas tentativas de aumentar a divulgação da Sociedade, em agosto de 87 entrei em contato com o editor-chefe da revista Bizz, a fim de verificar a possibilidade da inclusão de um artigo sobre o LP Machine Head na seção Discoteca Básica daquela revista. Propus a ele que eu elaborasse o texto, em troca da publicação do nome e endereço da Sociedade no final da matéria. Ele aceitou e disse que publicaria, desde que, é lógico, o texto estivesse bom. No começo de setembro entreguei-lhe o que havia escrito e fiquei aguardando uma resposta para breve, o que não aconteceu. Em dezembro voltei a redação, conversei novamente com o editor, pedindo uma posição sobre o assunto. Suas palavras foram: 'Mostrei o texto pro pessoal da redação e eles acharam a idéia do disco do Purple boa, já está na hora de pintar um disco do Purple na Discoteca Básica. Mas talvez até nem seja o Machine Head. O texto não fez muito sucesso entre o pessoal'. Então perguntei-lhe o que eu já sabia, isto é, se ele iria publicar a matéria e me foi dito que não.

Como o texto traz muitos detalhes e informações inéditas na Into the Purple, resolvi publicá-lo aqui, mesmo correndo o risco de ser massacrado por vocês, ao compararem este com o futuro texto (e por certo, brilhante) redigido por um dos implacáveis jornalistas da Bizz. Isto, assim que chegar a vez do Purple. Por enquanto, a revista julga mais importantes para a História do Rock (suponho que seja esta a intenção da seção) discos como o da cantora

(Cantora? Desculpem, é força de expressão) Grace Jones (bleargh!).

MACHINE HEAD

'Fumaça na água. Fumaça na água.' Aos berros, acordava Roger Glover, baixista do Deep Purple, assustado com o pesadelo que tivera. A primeira coisa que fez então foi anotar aquelas palavras ('Smoke on the water') em um pedaço de papel, para depois entregar a Ian Gillan, vocal e principal letrista da banda. Roger achou que a frase seria um bom título para uma canção, uma canção que contasse o incidente que quase cancelou a gravação em que a banda estava envolvida. Era 09.12.71 e três dias antes o pessoal do Purple vivera uma experiência marcante. Cansados da rotina incessante dos shows-para-promover-o-novo-LP/gravação-de-um-novíssimo-LP/shows-para-promover-o-novíssimo-LP..., resolveram mudar de ares e gravar em um lugar não convencional. Foram para Montreux, Suíça (*We all came out to Montreux*), gravar às margens plácidas do lago Geneva com o estúdio o móvel dos Rolling Stones (*on the Lake Geneva shoreline, to make records with a mobile*). Apesar do tempo curto, na primeira noite foram ao Casino assistir a um show do Frank Zappa (*We didn't have much time. Frank Zappa and the Mothers were at the best place around*). Aí começou uma tragédia. No meio do show, um idiota com uma 'arma flamejante' pôs fogo no Casino, que veio abaixo (*But some stupid with a flare gun, burned the place to the ground*). Dois azarados para os rapazes do Purple: não viram o show até o fim e ficaram sem ter onde gravar, pois os planos eram justamente usar algumas salas do Casino como estúdio. O gerente da gravadora na Suíça, Claude Nobs (organizador do Festival de Jazz de Montreux), conseguiu um andar vazio do Grand Hotel, para quebrar um galho. Foi lá, em um corredor em forma de T, que o LP Machine Head foi gravado. Toda essa movimentação acabou sendo ótima para a banda. Naquele estúdio improvisado a descontração tomou conta de todos, dando oportunidade para que o talento e a criatividade de Gillan, Glover, Jon Lord, Ian Paice e Ritchie Blackmore fossem liberados. O resultado foi o melhor disco do Deep Purple, um LP que contém as principais composições da banda. A co

meçar pela própria 'Smoke on the water', cuja letra narra toda a aventura da gravação (confira, nos parênteses acima) e cujo riff é um dos mais conhecidos em todo o Rock. Machine Head ainda contém mais três clássicos: 'Highway star', 'Space truckin'' e 'Lazy'. As quatro estão até hoje no repertório dos shows da banda, cantadas pelas platéias como verdadeiros hinos. 'Highway star' é básica. E definitiva. Ela congrega elementos fundamentais do Rock, como seu riff cru, direto, precursor das bases usadas no Punk e no atual Heavy Metal. Conta com participações magníficas de Lord e Blackmore. Ritchie utilizou arpejos baseados em Bach em seu solo, que aliados a técnica, bom gosto e criatividade de do guitarrista, tornaram este momento lendário. Jon também apaice com um solo fascinante no seu teclado Hammond, recheado de toques orientais.

'Lazy' traz uma deliciosa fusão de Jazz, Blues e Rock, interpretada pela banda de um modo ao mesmo tempo pesado e sutil - uma combinação que não permite ao ouvinte deixar um músculo sequer do corpo parado.

Completam o LP 'Pictures of Home', 'Never before' e 'Maybe I'm a Leo'. A inclusão de qualquer destas três faixas em uma antologia do Purple não seria nenhuma injustiça, o que dá mais uma idéia da qualidade do Machine Head.

Esqueça os rótulos. Machine Head é um disco de Rock. Um dos melhores. Feito por quem tem o Rock no sangue, com sentimento, classe e competência, coisas que andam meio escassas nestes tempos.

...I know we'll never forget. P



GRAVAÇÕES

A partir deste número, o Catálogo de Gravações de 1987 fica anulado. Já há um novo Catálogo disponível e os interessados devem solicitá-lo pelo Correio, enviando selos para resposta. Devido aos custos deste Catálogo à SBADP, solicito que só o peça quem estiver realmente pretendendo gravar. Houve u

ma alteração no sistema de cobrança. A SBADP não cobra mais pelas gravações, nem mesmo uma taxa simbólica. As gravações serão trocadas por selos. Este foi o modo que encontrei de arrecadar selos para a SBADP, que precisa deles em grande quantidade.

CAMISETAS:

Devido à falta de recursos, a venda das camisetas da SBADP está suspensa por tempo indeterminado. Quando houver disponibilidade de verba para imprimir um novo lote, este serviço será reativado. Os interessados deverão informar-se sobre a posição da venda a partir de novembro de 88, sempre enviando os selos para resposta.

SOUVENIRS:

Outro serviço suspenso indefinidamente, pelos mesmos motivos expostos acima. Igualmente às camisetas, novas posições, só a partir de Novembro. Anexe selos para resposta.

VIDEOS:

O Catálogo de Vídeos não mais será fornecido pela SBADP. Para receber um dos mais completos do Brasil, contendo muitas raridades de várias bandas, escreva para a Caixa Postal 2104, Guarulhos, SP, CEP 07071.

ASSINATURAS:

Novamente esclareço que a SBADP não faz assinaturas de suas publicações. A cada lançamento, todos os Apreciadores são avisados pelo Correio.

PUBLICAÇÕES & NÚMEROS ATRASADOS: Já está disponível aos Apreciadores o LIVRO DE LETRAS DO RAINBOW, com todas as letras de todos os discos da banda. Por problemas de custos, esta publicação é feita em xerox, de boa qualidade. Os interessados em adquiri-lo, devem enviar selos para receber as instruções pelo Correio. Este livro só será vendido por via postal e exclusivamente aos Apreciadores cadastrados.

Quanto aos números atrasados, ainda existem poucos exemplares da Into the Purple nº 3. A nº 4 ainda está disponível a um preço defasado, quase o mesmo da época de seu lançamento. As nºs 1 e 2 só estão disponíveis em xerox. Solicite detalhes, com envelope selado para resposta, de como adquirir estes maravilhosos fanzines.

DISCOS:

Mais uma vez alerta aos Apreciadores que a SBADP não vende discos. Quem estiver a procura de algum disco raro, ou simplesmente desajar passar um tempo agradável examinando discos e batendo papo com outros Rockeiros, a SBADP recomenda as duas lojas. Em São Paulo, procure a Rock'n'Roll Discos (veja o cartão). A loja é do meu amigo Fernando e ele sempre tem as mais imagináveis raridades em termos de Rock, tanto do Purple & família como no geral. Vez por outra, the Hootchie aparece por lá. Mas não se preocupem com isso, minhas visitas são sempre rápidas...

Outra loja que gostaria de recomendar é a Subsom, do Rio. Lá o Maurílio está à disposição para um bate-papo inteligente e sua loja também sempre tem uns petiscos discográficos interessantes. A Subsom fica na R: Conde de Bonfim nº 346, loja 101, Pça Saenz Pena, Rio de Janeiro, RJ. Fone 2489183.

TROCA DE CORRESPONDÊNCIA:

A partir do próximo número, a Into the Purple estará publicando o nome e o endereço dos Apreciadores que queiram trocar correspondência. Este será mais um serviço à disposição de vocês, gratuitamente. Solicito apenas a quem queira entrar nesta seção (mesmo que já tenha feito pedidos antes) que escreva em um pedaço de papel em separado da carta normal, o pedido para ter seu endereço publicado, para facilitar o arquivamento dos mesmos até a próxima Into the Purple. **P**

ROCK 'N' ROLL DISCOS



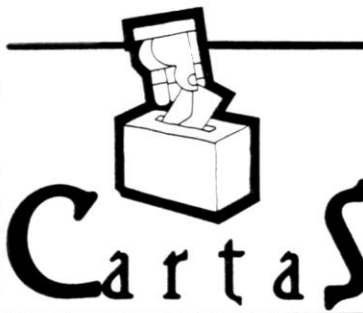
**COMPRA - VENDA
TROCA DE DISCOS
NOVOS E USADOS
NACIONAIS E IMPORTADOS**

MATRIZ: Rua Nova Barão, 30 - Cep 01042

FILIAL: Rua 24 de Maio, 62 - 2.º Andar
Loja 340 - Cep 01035

FONE: 259-8608

**CENTRO - SÃO PAULO
LUIZ FERNANDO**



pendo a comunicação da Sociedade com esses Apreciadores.

OPINIÃO DO APRECIADOR

Mais uma nova seção na Into the Purple. E novamente quem deu a sugestão foi o Rodrigo, sempre ligado em novas ideias para ajudar a SBADP (Valeu, the Shyster, mais uma vez). Trata-se de um espaço fixo na Into the Purple para a opinião dos Apreciadores. Vocês poderão escrever sobre qualquer assunto de interesse geral, mesmo que não seja diretamente ligado à família Purple. Os que desejarem colaborar, deverão enviar textos datilografados de no máximo 25 linhas em papel ofício. A seleção dos textos será feita por mim. O pagamento é o usual da SBADP, ou seja, zero cruzados por lauda, reajustáveis pela OTN.

Para inaugurar a seção, convidei o Apreciador Sérgio Martorelli, que enviou o texto que segue. Aguardo a SUA colaboração, certo?

'POR QUE O DEEP PURPLE É BOM PRA CACETE (OU: INTRODUÇÃO MUSICAL A UM ADMIRADOR DE HIP-HOP).'

" 'Por que o Deep Purple é bom pra cacete?'. Perguntinha imbecil essa, não acha? Ora, qualquer um com um mínimo de conhecimento musical e razoável bom gosto incluiria o Purple sem pestanejar em seu rol de bandas favoritas, por um motivo bem simples: no meio de todo o joio que caracteriza o Rock, o Pop e o Heavy Metal atual, o Purple é um dos raros grupos que ainda faz o que poderíamos chamar de Música.

Ah, então você ainda duvida? Pois bem, que tal conferirmos isso juntos? Pegue um dos discos da banda. Como 'qual disco?'. Qualquer um, porra! 'Made in Japan'? Tã ótimo. Agora, ponha na vitrola. Ei, pare com esse scratching, isto não é o último dos Beastie Boys! E é claro que o som está esquisito: esse disco é em 33 rotações e não um mix de 45. Conseguiu se achar? Pois bem, vamos lá.

'Highway star' é o nome dessa música. 'Rã-gui-uei'. E isso é uma guitarra. Como? Ah, é claro que não é a mesma guitarra que você está acostumado a ouvir nos discos do Con Funk Shun; aqui, o cara TOCA

Atendendo ao pedido da maioria dos Apreciadores, a seção de cartas continua suspensa. Entretanto o espaço para manifestação da opinião dos Apreciadores está reaberto, conforme vocês podem verificar na nova seção 'Opinião do Apreciador'.

Um pedido constante dos Apreciadores é a inclusão de uma seção de trocas de discos, fitas etc na Into the Purple. Infelizmente isso é impraticável, devido ao longo período entre uma publicação e outra. Isto tornaria a grande maioria dos anúncios sem efeito e acabaria por prejudicar os Apreciadores em vez de ajudar.

Volto a insistir para que vocês escrevam para a Sociedade enviando sugestões, críticas construtivas e toques em geral. Esta comunicação é fundamental para a evolução da Into the Purple e da Sociedade. Escrever é um ato simples, enviar uma carta é algo bem barato e toma poucos minutos. Portanto, vocês não tem motivos para não colaborar, certo?

SELOS - Uma das coisas que mais contribuem para o caixa da Sociedade estar sempre no vermelho é a despesa com Correio. Reitero aqui meu pedido que SEMPRE enviem selos para resposta das cartas. E quem tiver possibilidade de enviar selos a mais, como contribuição voluntária, poderá entrar para a categoria dos 'Apreciadores Beneméritos' (não consegui achar um nome melhor...). É o seguinte: os que enviarem contribuições de peso em selos concorrerão ao sorteio de um disco MUITO especial, oferecido pela Rock'n'Roll Discos. O nome do ganhador será divulgado na próxima Into the Purple. Atenção: qualquer contribuição à SBADP só poderá ser feita em selos e não em dinheiro, ok?

MUDANÇAS DE ENDEREÇO - Caros Apreciadores, façam a gentileza de notificar a Sociedade quando houver mudança de endereço. Várias das cartas com a última circular voltaram por esse motivo, interrom-

de verdade, ao invés de ficar fazendo 'tchaca-tchaca' o tempo inteiro. Impressionado com a velocidade? Eu imagino... Ah, lembra música clássica? É verdade. Bach. Gostou? Eu sabia. Então, que tal passarmos para a outra faixa? Essa daí é 'Lazy'. Sintetizador bacana? Uma pinóia! Isso aí é um orção, dos antigos, daqueles que só quem sabe consegue tocar. Como 'quantas pessoas estão tocando es

se synth?'. É um cara só! Não, não tem nada de seqüenciador, nem computador, nem coisa do gênero. Como ele consegue? Ora, meu amigo, isso é fácil para quem sabe. Essa? 'The Mule'. Não, errou de novo, não há nenhuma drum machine. Como 'nenhum ser humano consegue tocar assim?'. Ora, pra quem sabe é fácil. Negativo, ele não tem quinhentos pratos nem oitocentos ton-tons, o Kit dele é esse troci

nho que aparece na capa. Não adianta, meu, pode ficar olhando o dia inteiro que você não vai encontrar nem traço de um console Lynndrum. 'Child in time' é como esta maravilha se chama. Sim, é um cantor de Rock que está atuando. É, eu sei que ele canta pra cacete - mas estamos falando de Deep Purple! Não, queisso, ele não é castrado. Nem isso.

'Space truckin'' é a última. Não, não é um remix, apesar de ser uma faixa bem comprida. Isso? É um baixo. É sim, só que agudo. Eu sei que ele é bem mais seguro que os baixos de funk que você viveu ouvindo...

E aí, gostou? Bem, tem mais coisas aqui... 'Strange kind of woman', 'Smoke on the wa...Ei! Onde você está indo com isso aí? Volta aqui, viado, devolve meu disco...'

Sérgio Martorelli

DISCOGRAFIA



Frequentemente chegam por carta pedidos de esclarecimentos sobre as várias coletâneas do Deep Purple existentes. Para por fim às dúvidas, aqui estão relacionadas e comentadas as principais delas, aquelas que vocês correm o risco de encontrar em lojas de discos importados ou sebos. Não estão presentes todas as coletâneas existentes, pois é praticamente impossível conseguir-se uma relação completa de todos os lançamentos do mundo (eu me lembro de ter visto certa vez uma coletânea do Purple Coreana...). Somente as quais a Sociedade possuía os dados completos em seu arquivo foram comentadas, em nome da exatidão das informações. Como sempre, solicito a quem dispuser de outros itens não citados aqui, que entre em contato com a SBADP dando detalhes.

O sucesso do Purple é um prato irresistível para as gravadoras, que lançam coletâneas em cima de coletâneas. Eu, particularmente, não sou favorável a elas, salvo raras exceções. Em sua maioria, devido à grande quantidade de faixas, elas não têm boa qualidade de gravação e ainda costumam apresentar repertórios incoerentes. Além disso, não existe a unidade de um LP oficial, pois reúnem faixas gravadas em vários momentos diferentes, em condições diferentes. Mas, a grande jogada da gravadora é sempre colocar pelo menos uma faixa inédita ou um lado B raro de compacto. Mesmo se não for uma das 'melhores' músicas, ela garantirá a venda da coletânea aos fãs. Aqui vocês verão vários exemplos disto.

PASSAGES

Coletânea americana, focalizando a MK I, lançada em 72. Álbum duplo, trazendo um texto com a história da banda em seu interior, mas sem fotos, inclusive na capa. As faixas são extraídas dos três primeiros LPs, mais o compacto 'Emmaretta'. Não traz nada de inédito, portanto só é recomendável para quem não tiver possibilidades de conseguir os primeiros discos separadamente. 'Emmaretta' está disponível em outras coletâneas mais interessantes. Faixas: A) And the address/Hey Joe/Hush/Emmaretta. B) Chasing shadows/Bird has flown/Why didn't Rosemary. C) Hard Road (nome da Wring that neck nos EUA)/Shield/Mandrake root. D) Kentucky woman/April.

24 CARAT PURPLE

Esta foi a primeira coletânea oficial inglesa, lançada em 1975, abrangendo os discos da Mark II. Trazia como grande atrativo a versão ao vivo de 'Black Night', extraída das fitas gravadas para o Made in Japan. Posteriormente, esta versão saiu em compactos e no LP Powerhouse. O repertório escolhido

é coerente, talvez a única presença discutível seja 'Never Before', que poderia dar seu lugar a 'Highway Star'. A capa é toda dourada, sem fotos da banda, apenas das capas dos LPs na contracapa. A edição japonesa traz um poster colorido na banda ao vivo no Japão em 73. Faixas: A) Woman from Tokyo / Fireball/Strange kind of woman (Made in Japan)/Never before/Black night. B) Speed king/Smoke on the water (Made in Japan)/Child in time (made in Japan).

MARK I & II

O principal atrativo desta coletânea era a presença de 'When a blind man cries', anteriormente só disponível em compacto. Como o próprio nome diz, compreende faixas das duas primeiras formações do Purple, cada uma em um LP, trazendo um repertório bem escolhido. Mas, atualmente não tem o menor interesse, visto que suas faixas não são mais inéditas. Edição europeia (menos Inglaterra), feita em 73, com algumas versões trazendo 'Woman from Tokyo' cortada. Na parte interna, dependendo do país de origem, traz fotos da banda ou da

capa dos LPs. Faixas: Hush/Mandrake Root/Why didn't Rosemary/Hey Joe. B) Wring that neck/Emmaretta/Help/Chasing shadows. C) Black Night/Speed king/Strange kind of woman/Into the fire. D) When a blind man cries/Smoke on the water/Woman from Tokyo/Highway Star.

FIREWORKS

'Fogos de artifício'. Gostaria de saber quem teve a 'brilhante' ideia de colocar este nome nesta coletânea. Lançada apenas na Itália em 1985, tem uma capa muito bonita, porém não trazendo fotos da banda, apenas dos discos, na contracapa. Contém um repertório irregular, pois das onze faixas, apenas 'Soldier of fortune' e 'Burn' não pertencem a MK II. Nada de inédito, apenas um item para aqueles colecionadores que não deixam escapar nada. Faixas: A) Smoke on the water/Fireball/Woman from Tokyo/Child in time/Never before. B) Highway star/Burn/Speed king/Space truckin'/Black night/Soldier of fortune.

THE MARK II PURPLE SINGLES

Outra coletânea desinteressante. Apesar do aviso que consta na capa,

não traz faixas inéditas. Algumas são até cortadas. Lançamento europeu, de 79, com uma tiragem limitada em vinil roxo. Mais uma das táticas para explorar os colecionadores. A contracapa traz boas fotos ao vivo. Faixas: Smoke on the water (Made in Japan)/Black Night (ao vivo)/Child in time (Made in Japan). B) Woman from Tokyo/Never before/When a blind man cries/Painted horse.

THE BEST OF DEEP PURPLE

Outra coletânea americana, focalizando a MK I. Nada de interessante a destacar. Este disco foi importado por uma cadeia de lojas de São Paulo há tempos atrás, de modo que existem alguns por aí, em sebos. Recomendado apenas para os que ainda não conseguiram os três primeiros separadamente. Faixas: A) Hush/I'm so glad/One more rainy day/Fault line/Hey Joe. B) Lalena/Love help me/The painter/Mandrake root/Help.

(Observação: este LP pertence a uma série, que focalizou várias bandas, sendo que todas as capas têm a mesma foto de um disco de ouro na frente, o que pode gerar confusões)

THE ANTHOLOGY

Conforme foi comentado na Into the Purple nº 2, este foi um lançamento da EMI para aproveitar a agitação da volta do Purple (pela gravadora concorrente). A EMI perdeu uma excelente oportunidade de lançar uma coletânea simples (um LP) muito interessante, preferindo diluir o atrativo das faixas inéditas em um repertório mal escolhido, espalhado em dois LPs. A ganância, sempre a ganância... Com isso, os fãs (para quem mais foi feita esta coletânea?) foram obrigados a levar a 427ª gravação idêntica da 'Smoke on the water' para casa, só para ter as faixas inéditas 'Shadows', 'Love help me' e 'Freedom'. As duas primeiras são com a Mark I e, segundo as notas internas, foram gravadas quando a banda ainda se chamava Roundabout. Segundo estas mesmas notas, foram extraídas de um dos três acetatos que acreditam existirem apenas, no mundo todo. Eu tenho certas dúvidas sobre isso, mas enfim... 'Love help me' é instrumental, portanto diferente da versão do LP Shades, que é cantada. 'Freedom' foi gravada em 1971 como compacto, mas nunca foi editada oficialmente. Conta com inacreditável performance vocal de Gillan. Para os brasileiros, trouxe ainda mais três faixas inéditas: 'When a blind man cries', 'Grabslatter' e 'Coronarias Redig', as três lados B de compactos, sendo as duas últimas instrumentais. No restante, faixas escolhidas sem nenhum critério, com 'You keep on moving' sendo a única representante da MK IV. Obviamente os Apreciadores brasileiros também não podem perdê-la, apesar do gasto duplo, compensado em parte pela capa, cheia de fotos, com um texto interno com a história do Purple resumida. Outro disco que vem sumindo das prateleiras. O lho aberto. Faixas: A) Hush/Emmaretta/Hallelujah/Shadows/Love Help me/Wring that neck. B) Speed king/Black night/Grabslatter/Child in time. C) Strange kind of woman/Freedom/Fireball/Highway star/Never before/When a blind man cries. D) Smoke on the water/Woman from Tokyo/Might just take your life / Coronarias redig/Soldier of fortune/You keep on moving.

SINGLES A's & B's

Esta é uma das coletâneas mais interessantes para nós, brasileiros. Lançada originalmente em 1978 pe-

la EMI inglesa, fez parte de uma série que focalizou várias bandas do selo Harvest, trazendo os lados A e B de compactos e no ano seguinte, o LP relativo ao Purple foi lançado no Brasil (o único da série por aqui). Três dos compactos presentes neste disco foram editados no Brasil (Hush/One more rainy day; Black night/Speed king e Fireball/Demon's eye), mas são muitíssimo raros, podendo as faixas 'Black night' e 'Demon's eye' serem consideradas 'inéditas' por aqui, até o lançamento deste LP. Além destas duas, temos as inéditas 'Emmaretta' (depois sairia no Anthology), 'Hallelujah' (primeira gravação de Gillan no Purple, também presente no Anthology), 'April' (do terceiro LP do Purple, infelizmente cortada neste disco) e 'I'm alone'. Esta última tem uma particularidade interessante - a bateria do início da música é diferente da versão do compacto original. Mas, a faixa mais importante desta coletânea é a 'Speed king', em uma versão totalmente diferente da original, não correspondendo a versão do lado B do compacto, que era igual a do In Rock. Por algum engano, foi incluída uma das gravações de demonstração anterior ao arranjo definitivo, tornando esta faixa uma versão única.

A capa é fraca, um pouco fora do estilo do Purple e não traz fotos, apenas um bom texto na contracapa. A versão brasileira já começa a se tornar difícil de se encontrar e eu recomendo aos Apreciadores que não a possuam que procurem fazer o bem rápido, para depois não ficar chorando as mãogas aos donos dos sebos de discos. Faixas: A) Hush/One more rainy day/Emmaretta/Wring that neck/Hallelujah/April part 1. B) Black night/Speed king/Strange kind of woman/I'm alone/Demon's eye/Fireball.

THE BEST OF DEEP PURPLE

Esta é fresquinha, lançada na Inglaterra no fim de 87, por uma gravadora pequena (Telstar), sob licença da EMI. Doze faixas abrangendo da MK I a MK III, não trazendo nenhuma versão inédita (apenas os pipocados são inéditos, decorrentes da péssima prensagem). A capa foi uma boa ideia, com um desenho de um enorme monolito púrpura, embora a arte pudesse ser melhor. Eu gostaria de conhecer os critérios das gravadoras para seleção das faixas das coletâneas.

Se é que há algum critério... Faixas: A) Speed king/Strange kind of woman/Black night/Fireball/Burn/Highway star. B) Smoke on the water/Hush/Emmaretta/Woman from Tokyo/Demon's eye/Stormbringer.

NEW, LIVE & RARE

Esta compilação japonesa (1980) parece-me pirata, devido ao repertório e a gravadora obscura (Trio). Com exceção de 'Black night', todas as faixas do Powerhouse estão presentes, inclusive com textos semelhantes ao deste último na contracapa. As faixas restantes também não são inéditas. Boa foto colorida na capa, informações completas na contracapa e, como todo LP japonês, encarte com letras. Faixas: A) Hush/Painted horse/Cry free/Child in time. B) Strange kind of woman/I'm alone/When a blind man cries/Wring that neck.



Capa do 'New, Live & Rare'

DEEPEST PURPLE

Se eu fosse escolher uma coletânea a como cartão de visita do Purple a alguém que nunca tivesse ouvido a banda, apontaria a Deepest Purple. Embora só traga versões de estúdio, é a que possui o repertório escolhido com mais cuidado, concentrando-se apenas nos maiores sucessos, sem pretender atingir toda a história do Purple. Sendo assim, a não inclusão de faixas das MK I e IV é compreensível. O único ponto negativo é a ausência da obra-prima 'Mistreated'. Esta ficaria muito bem no lugar de 'Demon's eye', que não é tão expressiva quanto as outras e deve ter sido colocada devido àquela famosa troca por 'Strange kind of woman' no LP Fireball americano (e brasileiro também). As faixas foram remixadas, com 'Speed king' e 'Space Truckin'' tendo cortes para que as

doze faixas (algumas longas) coubessem no LP. É muito interessante ouvir este disco, analisando-o no geral e percebendo todas as nuances do trabalho do Purple, os solos incríveis de Blackmore e Lord, o quanto as músicas diferem entre si... Mas, para quem tem todos os LPs oficiais, esta coletânea não traz nada de novo. A contracapa tem boas fotos dos integrantes das MK II & III. Lançada em 1980, também no Brasil. Faixas: A) Black night/Speed king/Fireball/Strange kind of woman/Child in time/Woman from Tokyo. B) Highway star/Space truckin'/Burn/Stormbringer/Demon's eye/Smoke on the water.

COLLECTION

Uma bela foto colorida na capa da MK III ao vivo em 74 e ...nove faixas da MK I no LP! Lançada na Alemanha (e Bélgica também), mos-

trando que nem os europeus estão imunes a gafes desse tipo. Nada de novo, de novo. A única faixa não pertencente aos três primeiros LPs do Purple presente é 'Speed King'. Na versão belga, 'Emmaretta' (as gravadoras adoram colocá-la em coletâneas!) entrou em seu lugar. Faixas: A) Hush/Lalena/April Part 1/Kentucky woman/River deep, mountain high. B) Speed king/Help/Hey Joe/Exposition/We can work it out.

WHEN WE ROCK, WE ROCK AND WHEN WE ROLL, WE ROLL

Eu me lembro de certo dia quando meu amigo Chico chegou em casa com este disco, todo satisfeito e eu lhe perguntei: 'Ficou louco? Gastou um dinheirão neste LP que não tem nada de novo?'. E ele, todo orgulhoso: 'Nada, não. Tem a 'Woman from Tokyo' ao vivo.' Pobre Chico, foi mais uma das vítimas

do erro que existe na lista de músicas desta Coletânea americana, de 1978. Na verdade, as faixas ao vivo são 'Highway star' e 'Smoke on the water', do Made in Japan. Todas as outras são versões de estúdio. Na contracapa há um aviso dizendo que o LP não contém faixas inéditas, o que não foi observado pelo Chico, nem por muitos outros

Apreciadores menos atentos. Portanto, fujam deste LP. Não vale a pena comprar uma coletânea importada que só tem faixas repetidas, uma capa ridícula e um nome mais ridículo ainda. Faixas: A) Space truckin'/Kentucky woman/Hard road/Burn. B) Woman from Tokyo/Hush/Smoke on the water/Highway star.

ESCLARECIMENTOS: Apesar de muitos perguntarem a respeito, nunca tive conhecimento de alguma compilação do Purple chamada 'Lights'. Se alguém tiver alguma informação sobre este (possível) disco, por favor, escreva à SBADP. Até que haja alguma evidência, este LP não existe, ok?

Um outro esclarecimento se faz necessário, desta vez em relação a

Discografia publicada no número passado. A versão de 'Smoke on the water' existente no EP 7" New, Live & Rare Vol III, creditada no texto como do álbum duplo In Concert, na verdade pertence às mesmas SES SDES do In Concert gravadas pela BBC, mas evidentemente, não foi incluída no disco. Aos que me alertaram sobre a imprecisão do texto, muito obrigado. Continuem metuculosos, isto ajuda a subir o nível da revista. **P**

D I S C O S

Antes de entrar nos comentários dos discos, dois registros rápidos:

- Uma artimanha muito comum em nossas gravadoras acabou beneficiando os Apreciadores brasileiros. Ao comparar a edição brasileira do House of Blue Light com a importada, verifiquei que as faixas da edição nacional são mais longas! E isso mesmo, fomos brindados com mais música do que os compradores europeus e americanos. Eu posso apostar que a explicação é a seguinte (embora a gravadora não tenha confirmado): a matriz do LP brasileiro foi feita a partir da versão Compact-Disc. Muitas vezes o recurso de copiar o LP importado é usado para agilizar o lançamento do mesmo no mercado nacional, pois a chegada da matriz original é demorada. Com o advento dos CDs e sua qualidade de som pura, essa prática tornou-se mais segura, pois cada CD é praticamente uma matriz. E isso pode ser comprovada pela boa qualidade de som do LP brasileiro. Todas as faixas do nosso House of Blue Light são mais extensas, a maioria apenas com poucos segundos a mais. Entretanto, 'Black & white' (quase um minuto a mais), 'Spanish archer' (30 segundos a mais) e 'Strange ways' (mais de um minuto e meio mais longa), apresentam diferenças reais. Esta versão maior de 'Strange ways' foi inclusive lançada na Europa em compacto 12", como 'Extended Version'. Este é um caso muito raro, onde os famosos improvisos da nossa indústria fonográfica acabaram beneficiando os ouvintes.

- Em compensação, a Polygram (a mesma que lançou The House of Blue Light por aqui) acabou fazendo uma séria mutilação no Finyl Vinyl. As últimas prensagens do ál-

bum duplo estão saindo com capa simples, ou seja, os dois LPs no mesmo envelope (AAARGH!). O irônico é que na Into the Purple passa da o fato do álbum sair com a capa dupla foi comemorado, cumprimentando a gravadora por isso. Não se pode elogiar... Ah! Outra coisa, os encartes do The House of Blue Light também estão saindo mais pobres, em uma cor só (azul). É lamentável. O preço do disco não pára de subir, mas a qualidade, por sua vez...



Arquivo SBADP

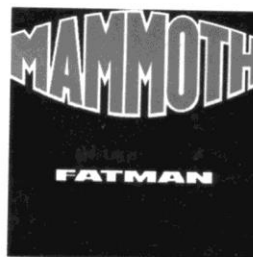
banda: FORCEFIELD
título: FORCEFIELD

(PTLS 1088/President Rec./LP inglês/1987)

O Forcefield é uma banda de origem estranha. Tudo começou da vontade de Ray Fenwick (ex-guitarrista da Ian Gillan Band) de gravar uma nova versão para 'Smoke on the water'. Não foi explicado o porquê deste desejo de Ray (a hipótese de uma gravidez foi prontamente descartada), o fato é que do projeto inicial de um compacto, surgiu este LP. O guitarrista não está nisto sozinho, seus companheiros de banda são Cozy Powell (oh sim, ele se meteu em mais uma) e o desconhecido vocalista Pete Prescott, que atuava na banda suíça Sergeant. Em junho do ano passado, contando com o apoio de Mo Foster (baixo), Nick Magnus (teclado) e Barry St. John (vocais

de fundo), gravaram o LP Forcefield, lançado em novembro na Europa. O disco contém doze faixas, nove delas regravações. Além de 'Smoke on the water', é claro, na qual participa Neil Murray no baixo, receberam 'novos' arranjos 'Whola lotta love' (yeah, aquela do Zepplin), 'Sunshine of your love' (do Cream), 'You really got me' e 'Set me free' (dos Kinks). As outras regravações são de canções menos conhecidas e entre as inéditas, aparece uma composição de Fenwick e Johnny Mars (!), 'Fire in the city'. Não dá para entender a existência desta banda, que começa sua carreira lançando um disco quase todo composto por versões bem tocadas, mas sem nenhuma novidade, de alguns clássicos que já tiveram suas versões definitivas registradas há muito tempo. O vocalista Pete Prescott tem boa voz, Ray Fenwick (que produziu o LP) aparece discreto como sempre e Cozy só trabalha um pouco mais a percussão na canção do Led.

Parece-me que a gravadora President não tem representantes no Brasil, o que tornaria o lançamento deste disco por aqui praticamente impossível. Mas, não fará diferença.



Arquivo SBADP

banda: MAMMOTH
título: FAT MAN

(MOTH 1/Jive Rec./EP inglês/1987)

Uma agradável surpresa, este EP de estréia do Mammoth, aquela banda de peso-pesada presente nas Notas

da edição passada. Hard-Rock de primeira, fazendo jus ao currículo de seus fundadores, John McCoy (ex-Gillan) e Nicky Moore (ex-Samson). Com a formação estabilizada com a entrada de Big Mac nas guitarras e 'Tubby' Vinnie Reed na bateria, eles já lançaram outro EP (All the days) e um LP chamado apenas 'Mammoth' já está pronto para sair. Neste Fat Man temos a participação de Kenny Cox e Bernie Tormé (companheiro de McCoy na Gillan) nas guitarras, como convidados. A princípio a banda me pareceu mais uma jogada, um truque, pois reunir quatro figuras obesas como são estes quatro em um conjunto de Rock, chamá-lo de Mamute e ainda gravar no disco de estréia uma faixa chamada 'Fat Man' (Homem gordo) levava a crer que seria mais uma das armações que aparecem (e desaparecem quase tão rapidamente quanto surgem) no mundo do Rock. Mas, pelo som que eles mostraram, surgem como uma das alternativas dentro do enfadonho e maquiado Rock atual. Um som pesado (sem trocadilhos desta vez, rapazes...), direto, sem muita sutileza (também, com o tamanho desses caras...), mas bastante interessante.

banda: DIO
título: DREAM EVIL

(832530-1/Polygram/LP brasileiro/1987)

Humm... disco novo do Dio. Deixe-me ver... letras falando de coisas como 'céu, montanhas, arco-íris, reis, rainhas, chuva, sol'... as frases com a rima preferida do Dio - 'night/fight/right'... o Dio cantando até o finzinho de cada faixa, que sempre termina com o volume de gravação sendo abaixado... um ou outro riff que se parece com algum dos discos anteriores...

Tudo isso deve estar no disco. Você ouvi-lo agora.

Algum tempo depois:

É, acertei, tudo isso continua. O Dio (ou Ronald Padavona, como preferirem) não arrisca muito. Ele não é do tipo do 'centroavante rompedor'. Prefere ficar ali no meio de campo, jogando o estritamente necessário para se manter no time, com seus toques precisos, mas sem grandes lançamentos em profundidade. A torcida vive esperando alguma jogada mais atrevida, que ainda não aconteceu desta vez. Dio tem uma longa carreira na estrada. Já é experiente o suficiente para não ameaçá-la gravando um disco ruim. E este Dream evil nunca poderá ser chamado de ruim ou fraco. Em compensação, não pode ser chamado de brilhante. Eu diria que é ligeiramente mais agradável que o LP anterior, Sacred Heart. Dio continua com sua ótima capacidade interpretativa, que valoriza muito as músicas. É incrível como os anos passam e Dio continua com todo seu vozeirão. Muito profissionalismo de sua parte. A banda que o acompanha também é muito competente. O novo guitarrista, Craig Gold, não tem um estilo tão marcante quanto Vivian Campbell, mas comparece com bons momentos (ótimo o solo da faixa-título). Vamos lá, Dio, você sabe como são as torcidas. O passado de glórias e títulos é esquecido tão facilmente quanto os aplausos se transformam em vaías após uma pisada na bola. Está na hora de atacar!

de origem de Ian Gillan e Roger Glover. Trata-se de uma coletânea apresentando os sete compactos (o Episode Six não teve nenhum LP oficial) feitos pela banda para a gravadora inglesa Pye. Além das 14 faixas presentes neste 'Put yourself in my place', ainda existem mais seis do Episode, lançadas em três compactos pelas gravadoras MGM e Chapter One, onde foi registrado o último, em fevereiro de 69, com as faixas 'Mozart versus the rest'/'Jack D'Or'. Os compactos desta compilação compreendem o período entre Janeiro de 66 e Maio de 68 e apesar do longo tempo entre os lançamentos originais e o deste LP, ouvir o som do Episode Six é algo bastante agradável. Eles gravaram algumas canções com arranjos bem inventivos para a época, como a composição de Glover 'I can see through you'. As outras faixas de autoria de Glover presentes são 'That's all I want', lado B do primeiro compacto; 'Might Morris Ten', uma verdadeira 'Surf-Music' à la Jean & Dean (quem se lembra?) e 'Sunshine girl', originalmente lado B de 'Morning dew'. Esta última é uma bela canção, com arranjo ainda atual. Duas das faixas, 'I will warm your heart' e 'Incense' são cantadas por Sheila Carter, a tecladista da banda. Nas restantes, temos o vocal de Ian Gillan, inconfundível, desde a primeira nota da faixa de abertura. Sua interpretação para 'Here, there and everywhere', dos Beatles, também incluída neste LP, é simplesmente emocionante.

sode e uma foto de Sheila Carter. Um lançamento bem vindo, trazendo uma parte importante da história do Purple. Pena que a venda restrita à Europa dificulte enormemente a obtenção deste item pelos Apreciadores brasileiros.

banda: TORME

título: BACK TO BABYLON

(3-35.404-017/Continental/

LP brasileiro/1987)

Tive a oportunidade de tecer um brilhante comentário (a modéstia a me impede de maiores exaltações) sobre este disco na Somtrês de Fevereiro de 88, onde comparava o contato com o disco a uma noiteada junto a uma nova garota. Surpresa, mistério, excitação e a esperança de longas horas de diversão cercavam a primeira audição deste LP, da mesma forma que os encontros amorosos inesperados. No fim, nada de mais aconteceu. Um disco apático, que não traz aquela fúria do Bernie Tormé dos tempos de guitarrista do Gillan. Eu proponho a que todos os Apreciadores o comprassem assim mesmo. Sair um LP como esse aqui no Brasil foi um verdadeiro prodígio (graças a 'no va onda de Heavy-Metal' (sic) que surgiu, as gravadoras daqui saíram correndo atrás de qualquer coisa de fora com bandas Heavy em seu catálogo), mas se o mesmo não vender nada, já sabem, nem pensar em próximos lançamentos. E o Bernie Tormé tem bons discos em catálogo lá fora, principalmente o mais recente, Live. Então, o que acham? Seria um investimento. Garantir os lançamentos futuros através da compra deste Back to Babylon. Afinal, o mercado não oferece grandes opções e, no fundo, o disco tem alguns momentos inspirados no lado dois (eu destaco 'Family at war'). É uma proposta bastante estranha, eu concordo. Mas, fazer o quê? O nosso mercado fonográfico é estranho!

banda: WHITESNAKE

título: SNAKEBITE

(GHS 24174/Geffen Rec./LP americano/1988)

Na esteira do gigantesco sucesso do Whitesnake nos EUA, dois LPs da banda foram relançados: Slide it in e Snakebite. O primeiro já chegou ao disco de ouro. O Snakebite é a primeira gravação de Coverdale com sua banda como Whitesnake. Originalmente, ele foi lançado na Europa como um EP, com

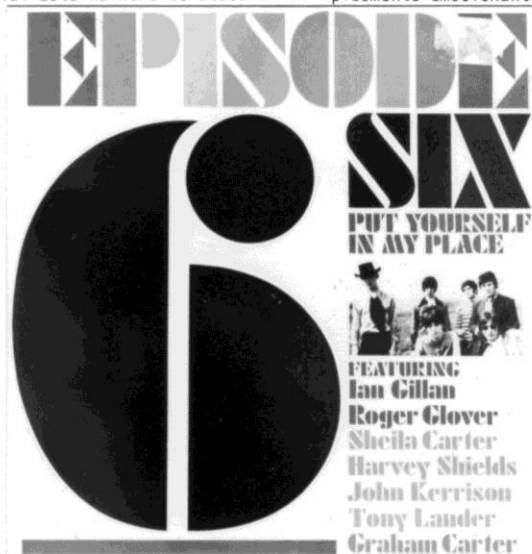
quatro faixas. Nos EUA, a gravadora United Artists alterou tudo. Incorporou quatro faixas do LP Northwinds ('Keep on giving me love', 'Queen of Hearts', 'Only my soul' e 'Breakdown'), que não saiu na América, colocou uma capa diferente e transformou o Snakebite em LP. Ele chegou ao mercado em 1978 (sob nº de catálogo UA-LA915H) e vendeu muito pouco, nunca tendo sido relançado. Até a saída desta nova edição pela Geffen, ele era um item muito raro nos EUA.

As faixas do Snakebite são, pela ordem: 'Come on' (Coverdale/Marsden), 'Bloody Mary' (Coverdale), 'Ain't no love in the heart of the city' (M. Price/D. Walsh) e 'Steal away' (Whitesnake). 'Come on' é a mesma que abre o álbum ao vivo. 'Bloody Mary' é um Rock'n'Roll ao estilo de 'You and Me' e 'Steal away' é um rhythm'n'blues de marcação forte, com arranjo para o slide de Moody. A grande presença é a versão de estúdio de 'Ain't no love...', um dos clássicos gravados pelo Whitesnake. Naquela época, a banda continha além de David, Moody, Marsden, Murray, o baterista Dave 'Duck' Dowle e o tecladista Pete Solley como convidado especial. A nova edição recebeu novo tratamento de estúdio por Greg Fulginiti. Não pude perceber nada de significativo em relação ao LP original, entretanto. A diferença visível está na capa. A Geffen tratou de melhorar a capa americana do primeiro Snakebite, uma das mais horrendas que eu já vi. O novo lay-out ficou um pouco mais apresentável. O título 'David Coverdale's Whitesnake' foi substituído pelo logotipo tradicional da cobra e o ridículo desenho primário de um réptil branco (cobra é que não é. Uma lombriga, talvez...) foi retirado, dando lugar ao desenho da serpente utilizado na capa do Trouble japonês. A única vantagem é a ausência do encarte com as letras, presente na primeira edição. É, lá também tem dessas coisas...

Piratas

Para compensar a ausência na edição passada, apresento aqui a vocês vários piratas, selecionados entre os que chegaram à Sociedade nos últimos tempos.

Foi-se a época em que os piratas (ou Bootlegs, em inglês) eram mal gravados e com capas artesanais - a maioria só trazia uma folha com os nomes das músicas e uma ilus-



banda: EPISODE SIX

título: PUT YOURSELF IN MY PLACE

(PYL 6026/PRT Rec./LP inglês/1987)

Aqui está a chance de se conhecer grande parte do material da banda

Contribuí muito para a apreciação deste Put yourself in my place a ótima qualidade de som, sem chido algum, algo que seria esperado em uma antologia como esta. A contracapa contém um texto com boas informações, a discografia do Epi

tração simples, colada sobre um papelão branco. Hoje em dia, os piratas (principalmente os europeus) competem de igual para igual em termos de qualidade com os discos oficiais, superando-os às vezes, inclusive. Começando pelas capas, coloridas e com belas ilustrações e fotos, algumas bem luxuosas. Em certos casos, o requinte chega até à presença de encarte com letras e fotos! A atual produção europeia de piratas também é muito bem cuidada quanto a qualidade da gravação, sempre de um nível de bom para cima. As únicas características que não se alteraram, dos primeiros piratas até hoje são a baixa tiragem (normalmente entre 500 e 1000 cópias) e o alto preço de cada disco.

'Paint it black' é a gravação do show do Purple em 12 de novembro de 1970, na Suécia. Nesta época, o show era composto por poucas músicas, quase todas com longos arranjos. O repertório deste pirata é composto por: A) Speed King/Into the fire/Black night. B) Wring that neck. C) Child in time/Paint it black. D) Mandrake root. A faixa-título é composição dos Rolling Stones, usada pelo Purple como introdução instrumental para o solo de Paice. Em 'Black night' podemos constatar que o duelo voz/guitarra entre Gillan e Blackmore já remonta daqueles tempos. 'Mandrake root' é remanescente do repertório da MK I. Gillan a canta ao seu modo, acrescentando aqueles seus gritos característicos. Esta música fazia o papel que 'Space truckin' começou a fazer após o lançamento do Machine Head, trazendo memoráveis solos de Lord e Blackmore. Outro momento marcante é o (curto) solo de Glover em 'Wring that neck', algo raro de se encontrar gravado. A qualidade de gravação é excelente, a melhor dos piratas da MK II (sem contar os da Volta). Capa colorida, reproduzindo parte de um quadro de Bosch, diferente do usado para o terceiro LP do Purple. Na contracapa, outra foto colorida, a mesma presente na capa do Illustrated Biography. Segundo consta no disco, só foram fabricados 500 exemplares. Apesar do show ter sido em 70, o pirata é recente. Fabricado em vinil vermelho.

Pulando para o outro extremo da carreira do Purple, temos os piratas 'Hungary Days' e 'Call of the wild', trazendo shows da excursão do House of blue light. 'Hungary



Days' é o registro do segundo show da turnê, dia 28 de janeiro de 87, em Budapeste. O nome é um trocadilho com 'Hungry daze', que foi usada como vinheta para abertura e encerramento do disco. É um álbum triplo, contendo o concerto praticamente inteiro, com poucos cortes entre as faixas. Capa também colorida e ótima qualidade de gravação. O repertório consiste de: A) Intro/Highway star/Strange kind of woman/The unwritten law. B) Blues/Dead or alive/Perfect strangers/Hard lovin' woman/Bad attitude. C) Child in time/Difficult to cure/Jon Lord solo. D) Knocking at your back door/Dança Húngara (instrumental)/Lazy/Space truckin'. E) Black night/Smoke on the water. F) Speed king/Call of the wild/Woman from Tokyo/instrumental outro. Apresentação bastante descontraída da banda, como sempre, onde as interpretações entre os vários shows nunca são iguais. Neste concerto, entre os vários improvisos, destaque para a execução de uma tradicional canção húngara no lado D. Interessante também é a presença da música que, rodada em fita, encerrou os shows desta turnê. É um número instrumental, executado pela banda e não disponível em discos oficiais. Uma pena, porque é muito bonita, lenta, cheia de elementos clássicos. Neste pirata, ela é ouvida ao fundo, enquanto as pessoas vão se retirando e suas vozes às vezes encobrem esta música.

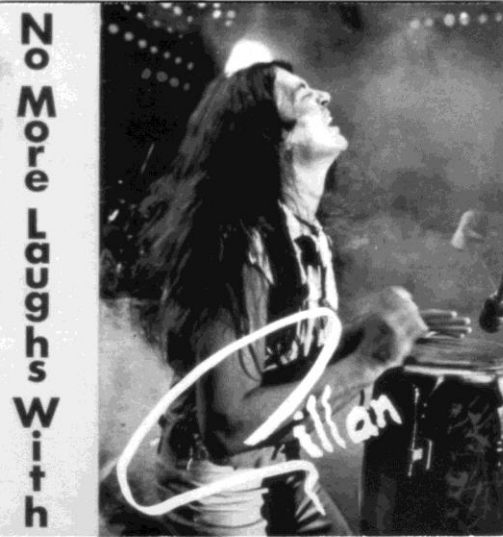
Quase um mês depois (dia 27/2/88) o Purple tocou na Suécia. O show foi gravado e lançado como pirata com o nome de 'Call of the wild'. Otimamente também a qualidade desta gravação. Álbum duplo com capa colorida, contendo: A) Highway star/Strange kind of woman/The unwritten

law/Drum solo. B) Blues/Dead or alive/Perfect strangers/Hard lovin' woman/Child in time. C) Beethoven guitar/Organ piano solo/Knocking at your backdoor/Lazy. D) Black night/ (Teddy bear's picnic - knees up mothers Brown - running bear - She's alright) / Call of the wild/Smoke on the water. Este show foi um dos que Blackmore não ficou até o fim. O encore começa com 'Black night' e prossegue com uma série de canções folclóricas inglesas (espécie de cantigas de roda). No meio delas, não se ouve mais a guitarra. Portanto, Ritchie deve ter ido embora. 'Call of the wild' e 'Smoke on the water' são executadas sem a presença de Ritchie. Tanto nesta turnê quanto na anterior, Gillan alternou apresentações em que sua voz estava normal com outras onde ele teve problemas com sua garganta. Neste show, vemos que com o decorrer das músicas, a voz de Ian vai perdendo a força gradativamente. São os reflexos da vida roqueira - muito cigarro, muita bebida e demais extravagâncias afins. E o Gillan parece não estar nem aí com isso...

E do Gillan são os dois piratas seguintes: 'No more laughs with Gillan' e 'Biking skulls'. O primeiro é um dos poucos piratas existentes da extraordinária banda Gillan. Embora as notas da contracapa (com fotos coloridas retiradas do Book tour - a exemplo da capa, também colorida) indiquem o show como o de 6/11/82 (Glasgow), há dúvidas quanto a isso. O que se sabe ao certo é que se trata de um dos últimos shows da banda, nesta época contando com Janick Gers (guitarra), Colin Towns (teclados), Mick Underwood (bateria) e John McCoy (baixo), além, é claro,

DELE no vocal e atabaque. A gravação é ótima, direto da mesa, pouco se ouve da platéia. Há um problema com a rotação do lado A, ligeiramente mais lenta que o normal. O repertório é bastante interessante. Vejam: A) Bluesy blue sea (do LP Magic)/Black night (do Purple!)/Trouble (antigo Rock and Roll gravado pela Gillan em compacto) e Born to kill (do LP Double trouble). B) Hadely bop bop (Double trouble)/No laughing in Heaven (Future shock)/Dead of night (Mr. Universe)/Bite the Bullet (Future shock)/New Orleans (Future shock) e ... Helter Skelter, dos Beatles! Ou seja, só o LP Glory road não tem representantes neste pirata. A versão de Helter Skelter é sensacional, energia pura!

'Biking skulls' registra o Gillan com o Sabbath, nos EUA (Worcester), em 83. Ótima qualidade de gravação (capa colorida). Embora eu considere a participação do Gillan no outro pirata 'Paranoid in Reading', do Sabbath, melhor, esta também é no estilo 'inacreditável'. Onde ele arruma garganta para gritar desse jeito, eu não sei. Só para vocês terem uma idéia, em 'Hot line' (creditada na contracapa como 'Take me to the river'), ele grita tanto ou mais do que na original do Born again. Todas as faixas estão muito bem executadas pelo Black Sabbath e, sem 'bairrismos', nem protecionismos, nem fanatismos, Dio e Ozzy devem ter passado mal se escutaram as interpretações de Gillan para 'Heaven & Hell' e 'Children of the grave'. Um verdadeiro 'banho' nos dois. O disco termina com duas faixas desconhecidas - 'Smoke on the water' e 'Paranoid'. Muito boas, por sinal. Deverão fazer algum sucesso. Faixas: A) Children of the grave/Ta-



ke me to the river/Zero the hero.
B) Heaven & Hell/Black Sabbath/
Smoke on the water/Paranoid.

Um dos melhores piratas do Whitesnake é o Monsters of Rock, gravado em 14/4/84 (aniversário do Blackmore!), no último show de Lord na banda. Além de Jon e David, estão Cozy Powell, Neil Murray e John Sykes. Mel Galley ainda estava hospitalizado na época, devido ao seu problema com o braço (Into the Purple nº 3). Para mim, esta foi a melhor formação do Snake antes da nova fase, embora Sykes às vezes pareça querer impressionar demais, tornando os solos um tanto repetitivos. Belos momentos ao longo dos quatro lados, com destaque para o solo de Lord, em grande estilo. A qualidade da gravação é boa, perdendo um pouco em relação aos acima comentados. A capa, toda feita de recortes, é colorida, também. Faixas: A) Gambler/Guilty of love/Ready an' willing/Love ain't no stranger. B) Here I go again/Slow an' easy/Crying in the rain. C) Lord solo/ Powell solo. D) Ain't no love.../Fool for your lovin'/Slide it in/Don't break my heart.

Já começaram a aparecer piratas das novas excursões do Whitesnake pelos EUA. Um deles é Still of the Night, gravado em 26/7/87 em Battle Creek, Michigan. A gravação é de razoável para boa. A capa traz boas fotos coloridas, onde se vê Adrian Vandenberg usando uma guitarra decorada com o mesmo padrão do seu paletó! A que ponto chegou a produção no Rock...Este show é da primeira excursão, quando o Whitesnake ainda não era a atração principal e neste LP simples, temos o concerto em sua totalidade, incluindo o encores 'Gimme all your love'. Coverdale mudou um pouco seu estilo de cantar - está muito mais agudo e gritando mais nas músicas. 'Crying in the rain' inclui o solo de Aldridge. Faixas: A) Bad boys/Slide it in/Here I go again/Slow an' easy/Love ain't no stranger. B) Crying in the rain/Still of the night/Gimme all your love.

título: PHENOMENA II - DREAM RUNNER
(208.697/Arista/LP alemão/1987)

E não é que a tendência das contínuas nuasções que surgiu no cinema agora atingiu o mercado dos discos? Foi lançado em novembro do ano passado na Europa o Phenomena II, com o subtítulo de 'Dream Runner', a

presentando o retorno ao disco de uma das melhores vozes do Rock: Glenn Hughes. Existem muitas diferenças entre este LP e o anterior. O primeiro surgiu como trilha sonora de um filme de ficção científica homônimo, que nunca foi realizado. O encarregado da composição da trilha foi Tom Galley, irmão mais velho de Mel Galley, ex-companheiro de Glenn Hughes no Trapeze e ex-guitarrista do Whitesnake. Tom então compôs as músicas (com o auxílio de Hughes, Richard Bailey e Mel Galley) sobre o tema do filme, tornando o primeiro Phenomena um álbum conceitual. Glenn Hughes fez os vocais em oito das nove faixas e seus acompanhantes foram todos figuras de destaque no meio musical: Cozy Powell, Neil Murray, Mel Galley, Ted McKenna e John Thomas (guitarrista da ótima e desconhecida banda inglesa Budgie). O disco, apesar de sua qualidade, não vendeu muito e com a falência da gravadora que o lançou, Bronze Records, foi esquecido pelo grande público.

Tom Galley, entretanto, não desistiu do projeto e continuou a compor. O resultado de seu trabalho está neste Phenomena II. Desta vez, não há um conceito por trás do disco, como no anterior. É apenas uma coleção de canções, de amor em sua maioria. Neste 'Dream Runner', Hughes canta apenas em três das dez faixas, não participando em nenhuma como baixista, função exercida por Neil 'tem uma vaga de baixista aí?' Murray. A exemplo do primeiro, o Phenomena II traz também um time de estrelas: John Wetton (ex-um monte de bandas, entre elas Family, King Crimson, UK e Uriah Heep), Mel Galley, Max Bacon (vocal do GTR), Ray Gillen e John Thomas. Os 'nem tão estrelas assim' Kyogi Yamamoto (guitarrista) e Toshihiro Niimi (bateria) do Vow Wow, além de Michael Sturgis e Leif Johansen, da banda de apoio do...A-HA (!), completam o quadro de músicos. A explicação para a presença dos dois últimos está no nome do engenheiro de som - Gerry Kitchingham -, o mesmo do milionário trio Pop, que os indicou.

O resultado de toda esta mistura foi um disco um pouco pesado para os ouvintes de música Pop e um pouco leve para os curtidores de Rock pesado. Se esta fórmula vai dar certo ou não, só o tempo e as caixas registradoras dirão. Dependendo da venda deste LP poderá haver shows promocionais com os

participantes do disco e também o relançamento do Phenomena I. O projeto do filme também poderá ser reativado.

Mas, para nós, o mais importante é a presença de Hughes. Nas primeiras palavras de 'Surrender' (segunda faixa, lado A) já podemos sentir que sua voz continua com o mesmo brilho de sempre, para alegria geral. As outras duas músicas que ele canta, 'Hearts on fire' (quarta faixa, lado A) e 'Double 6, 55, double 4' (primeira faixa, lado B) são fracas demais para a categoria de Hughes, parecendo até que a escolha foi feita para valorizar as faixas. Do restante do disco, pode-se destacar a presença de Gillen, pela primeira vez em disco oficial (sua voz só estava registrada no pirata Sphynx, do Black Sabbath, já que no novo LP de Tony Iommi seu vocal foi desgravado para dar lugar ao de Tony Martin), mostrando que é um ótimo cantor. As músicas compostas por Tom - que não é músico, ele sempre precisa do apoio de um músico para escrever a melodia; no caso deste disco, Mel Galley e Richard Bailey - seguem sempre o mesmo padrão. Com exceção de 'Did it all for love' (primeiro compacto, vocal de Wetton) e 'It must be love', todas as faixas restantes apresentam o refrão (sempre o título da música) repetido por um coral, com o vocalista principal completando a frase. O primeiro Phenomena tem canções mais criativas e com arranjos menos Pop. Leiam agora o que Hughes declarou a respeito deste disco e outros assuntos na entrevista abaixo, publicada na revista francesa Hard Rock, na edição de janeiro de 1988.

Tradução: Alexandre Bittar
'Sempre colocado, jamais premiado'. Esta é uma frase que poderia definir a carreira de Glenn Hughes, uma das mais belas vozes do Hard Rock.

Personagem atraente, Glenn infelizmente não ascendeu ainda ao status que poderia legitimamente pretender, visto seu imenso talento. No entanto, Glenn não é um perdedor. O homem tem projetos sérios e não resta nenhuma dúvida que a justiça logo será feita.

Existem homens sobre os quais a má sorte parece se encarnar. Com um pouquinho mais de sorte, um tipo como Glenn Hughes poderia se tornar um Robert Plant, um Ian Gillan ou um David Coverdale. Com um pouquinho menos de golpes duros, o Trapeze (grupo genial onde

ele era o líder antes de se integrar ao Deep Purple) poderia concorrer com um Led Zeppelin. Escutando-se 'You're the music, we're just the band' ou Medusa, nós perguntamos verdadeiramente como tais álbuns puderam passar tão despercebidos. Coloca-se a mesma pergunta a respeito de Hughes & Thral e do primeiro Phenomena. Gostamos bastante de compreender! Depois de ter tocado em numerosas bandas dos tempos de escola, entre elas The News, Glenn formou seu primeiro grupo profissional, Finders Keepers, no começo dos anos 70. Nesta turma encontramos Mel Galley na guitarra e Dave Holland na bateria. Este grupo era, de certo modo, o esboço do Trapeze. Explica Glenn: 'Nós em seguida trocamos de nome e recrutamos dois membros suplementares para registrar o primeiro álbum (Trapeze, apenas, lançado em 71 pela Threshold Rec.). Em seguida, voltamos à fórmula do trio'. Apesar das críticas elogiosas, o sucesso não veio e quando chegou a proposta do Deep Purple (em 73), Glenn aceitou de bom grado.

'Eu não tinha tanta necessidade de deixar o Trapeze, mas eu devo dizer que o aspecto monetário me levou à mudança. Nós estávamos numa situação financeira muito difícil com o Trapeze e esta chance que me ofereceram foi inesperada'. Mel Galley e Dave Holland encontraram um substituto para ele e continuaram bem ou mal em turnê pelos Estados Unidos. Em seguida, eles terminaram o grupo no começo dos anos 80. Holland foi integrado-se no Judas Priest e Galley no Whitesnake. 'Se nós tivéssemos continuado juntos, com um bom agente e uma boa gravadora, certamente o Trapeze se tornaria um grande grupo. Nós éramos muito unidos e tínhamos encontrado um som verdadeiramente grande. O Trapeze continua meu grupo preferido, é como meu bebê'. E quanto a uma reestruturação? 'É algo que se pode encerrar. Mel Galley e eu nos tornamos grandes amigos. Nós pensamos em nos encontrar em Londres no começo de 88 para escrever novas peças. Há chances de que isto se confirme. Seria, de uma certa forma, uma reforma do Trapeze. Isto me agradaria bastante'.

Mas, voltemos treze anos atrás, quando Glenn se juntou ao Deep Purple para substituir o baixista Roger Glover e assumir uma parte dos vocais. 'Eu acho que David Co

verdade e eu mudamos o som do grupo. O Deep Purple de Glover e Gillan e aquele de eu e Coverdale soava de maneira bem diferente, mas ainda, os dois grupos tinham um excelente som.

Quando me uni ao Deep Purple, ficou acertado que qualquer que fosse o cantor, eu não seria um simples vocal de fundo. Assim, habitualmente eu cantava canções inteiras. Isto chegou a causar problemas, mas se escutarmos bem os álbuns desta época, nos damos conta que David e eu saímos muito bem juntos'.

Aquilo que, no começo, deveria ser um simples acompanhamento, se transformou rapidamente numa competição entre Coverdale e Hughes. Parece que Coverdale não suportava muito isto... Alguns viram nisso uma das maiores razões da separação do Deep Purple. Qual é a versão de Glenn?

'Na última turnê, a relação entre os músicos se degradou. Foi, sem dúvida a causa da partida de Ritchie (depois de um último concerto no Olympia, em 7 de janeiro de 1975 - N. da H.R.). Tommy era um amigo muito caro, mas ele não convinha ao grupo. Quando Ritchie deixou o Deep Purple, o grupo deveria ter se separado. Nós tocamos a última vez em Liverpool (em 15 de março de 76 - N. da H.R.), depois de termos estado em turnê sem descanso durante mais de seis meses. Nós começamos a não nos suportar mais. Nós tínhamos de início decidido a tirar umas férias e decidir. Foi assim que os rumores de separação começaram a circular, mesmo porque nós não falávamos entre nós. Os músicos começaram em seguida a anunciar suas saídas uns após os outros e depois se seguiu a morte de Tommy. Este estava terminado. Eu acho que foi a melhor coisa a fazer - dissolver o grupo'.

Glenn lançaria em seguida seu primeiro álbum solo, Play me out. Neste encontramos peças fortemente coloridas por Blues e Soul Music, ao contrário daquilo que fazia o Deep Purple. 'Eu queria me aproximar de minhas raízes, de minhas verdadeiras paixões musicais. Eu gosto das emoções que proporcionam a Soul Music e o ritmo do Blues. Meu sonho seria registrar um álbum de Rhythm'n'Blues com guitarristas bem Heavy. É, em todo caso, o que tento fazer neste momento no estúdio. Eu gosto também de mudar de estilo de um álbum para o outro'.

Com o álbum Hughes & Thraal (que saiu em 82), Glenn renovaria com o Rock puro e duro, assinando aí um dos mais belos momentos do Hard melódico. 'É provavelmente o melhor álbum que já participei. Eu acho que quase todos os músicos do mundo o têm em casa'. E seu encontro com Pat Thraal? 'Pat Thraal tocava com Pat Travers, que é um de meus melhores amigos. Travers tinha trabalhado comigo no LP Play me out. Eu o fui ver em cena em Los Angeles. Depois do concerto, me encontrei com Pat Thraal. Eu lhe disse que se ele não estivesse a fim de continuar com o Pat Travers, bastaria me dar um telefonema. Três ou quatro meses depois, ele me ligou. Depois de ter escutado uma boa centena de bateristas, nós formamos o Hughes & Thraal (com Frank

niê durante quase um ano. Em seguida, nós devemos retornar ao estúdio para gravarmos um álbum juntos'.

Apesar de todas as esperanças colocadas no primeiro Phenomena, este não conheceria mais sucesso que o Hughes & Thraal, apesar da presença de músicos prestigiados como Cozy Powell, Mel Galley, Neil Murray e Ted McKenna... Encontramos no álbum uma faixa prevista originalmente para o LP Hughes & Thraal, 'Still the night'. 'Você deveria escutar a versão que nós fizemos com o Pat, ela é dez vezes melhor. Eu acho que o disco poderia ter sido melhor mixado, mas eu tive muito prazer em fazê-lo. Assim como o último também, Dream runner, embora eu não pude se ficar mais que dois dias no estúdio, por causa dos impostos. Eu



Arquivo SBADP

Banali nas baquetas - N. da H.R.) e registramos um álbum'. O disco não conheceu o sucesso esperado e o projeto Hughes & Thraal ficou por aí. Glenn se apagaria assim durante quase três anos. 'Eu fiquei decepcionado que Hughes & Thraal não tenha vendido bem, mas eu continuei a ver o Pat e nós sempre seremos bons amigos. Nós devemos realizar juntos a música do próximo filme de Dan Akroyd, 'Dagnet' (*), com uma canção intitulada 'City of crime'. O filme deverá sair pelo Natal e espero bastante que a música seja o motivo de um álbum'. E uma reformulação do Hughes & Thraal?

'Nós pensamos nisso várias vezes, mas, por enquanto, Pat toca com Little Steven (antigo guitarrista de Bruce Springsteen - N. da H.R.) e eles devem partir para uma tur-

na não posso ficar muito tempo na Inglaterra, senão a fiscalização me cai em cima'.

Voltemos à breve colaboração de Glenn com Gary Moore, depois do lançamento do primeiro Phenomena: 'Gary era um dos meus mais caros amigos. Ele queria de qualquer forma que eu me juntasse ao seu grupo. Depois eu me dei conta que era realmente difícil trabalhar com ele. No estúdio, era mesmo um inferno. No fim, ele se pôs a contar um monte de histórias sobre mim à imprensa. Este cara é completamente doente. Ele tentou arruinar minha carreira. Foi muita molecagem e estupidez de sua parte'.

De onde veio a desavença?

'De fato, eu sei perfeitamente de onde veio o problema entre nós. Quando começamos a gravar o álbum Run for cover (em 85 - N. da H.R.)

eu fui capa de muitas revistas, como a Kerrang, pois o Phenomena acabara de sair. Isto o irritou. Ele jamais aceitou o fato de eu ter participado do projeto Phenomena antes de me juntar a ele e que eu tinha que fazer a promoção da trilha'.

Isto quer dizer que, sem este álbum, vocês estariam ainda juntos? 'Certamente não. Gary ficou louco! Este cara não está contente nunca e não será jamais. Para Run for cover eu convidei Andy Johns (produtor do Hughes & Thraal, Free, MSG, Trust... - N. da H.R.), que é um de meus melhores amigos. No começo, após alguns dias, Andy me disse: "Mas qual é o problema de Gary? Ele é completamente doente?" De fato, eu trabalhei com os músicos mais pirados, mas Gary é certamente o mais lesado. Ele é mais louco que o Ozzy.

Depois de ter deixado Gary, eu voltei a Los Angeles, onde encontrei Tomy Iommi, um de meus velhos amigos. Ele me propôs que eu cantasse algumas faixas de seu álbum solo. Ele queria também convidar Robert Plant, David Coverdale e Steve Marriott. Nós iríamos todos cantar duas faixas. Então eu entrei no estúdio para cantar minhas duas canções. Tony então insistiu para que eu cantasse todo o álbum. A gravadora insistiu para que o nome do LP saísse como Black Sabbath. Devo dizer que fui contra essa idéia. Para mim o disco não soava nada como Black Sabbath'.

Finalmente, o que é que motivou a saída do Glenn?

'Nós ensaiamos durante seis meses e tudo corria bem. No momento de sairmos em turnê, eu perdi minha voz. Tony insistia absolutamente em fazer a turnê, então ele achou melhor procurar outro cantor. Foi assim que eu deixei o grupo. Eu guardo, apesar de tudo, uma excelente lembrança da nossa colaboração. Não há nenhuma animosidade ou rancor entre Tony e eu. 'Seventh Star' é um bom álbum. Eu não me arrependo de tê-lo feito. Eu acho apenas que nós não devíamos ter mantido o nome Black Sabbath. Isto não tem razão de ser, a menos que Ozzy retorne'.

No segundo Phenomena, Glenn encontrou Ray Gillen (um fã incondicional de Hughes) e outras estrelas como John Wetton e Max Bacon. Ao lado destes músicos, não é nada mau redescobrir com prazer Scott Gorham (ex-guitarrista do Thin Lizzy), Neil Murray, John Thomas,

Kyoji Yamamoto e Toshihiro Niimi. 'Eu não canto mais que três faixas neste álbum, mas estou bastante contente de ter participado. Tenho certeza que ele irá bem melhor que o primeiro, o que permitirá, talvez, uma reedição do Phenomena I. Eu gostaria realmente que o primeiro saísse em Compact Disc, mas tudo dependerá do sucesso do Phenomena II'.

Para concorrer, quais são seus projetos?

'Eu vou talvez trabalhar com John Norum (**). Ele me chamou da Suécia, gostei bastante do seu álbum e ficaria contente de estrelar com ele. Neste momento, eu faço algumas sessões com o grupo Babaloo. Ele foi formado por dois antigos Lynyrd Skynyrd, Leon Williams, no baixo e Billy Powell nos teclados. O guitarrista do grupo é realmente fantástico, ele se chama Frank Fabijczewski. Ele será falado, estou certo...'

Observações:

(*) - O filme 'Dragnet' foi exibido no Brasil com o título de 'Desafiando o perigo'. A música 'City of crime' só aparece no final do filme, enquanto são exibidos os créditos. Quem quiser conferir, sofrerá duplamente. Primeiro com o filme, uma comédia muito fraca. E depois com a música - um Hip-Hop! O que eu vou dizer lá em casa, hein, sr. Hughes?

(**) - John Norum foi o primeiro guitarrista do grupo Europe e agora está em carreira solo, já tendo lançado um LP.

banda: COLOSSEUM II

título: STRANGE NEW FLESH

(2L5.4002/Lup Som/LP brasileiro/1987)

artista: GARY MOORE

título: WILD FRONTIER

(DIX 56/ 10 Rec./LP inglês/1987)

Acho que mesmo se o guitarrista Gary Moore não tivesse tantas ligações com o Deep Purple (só lembrando: Ian Paice e Glenn Hughes já gravaram com ele), eu sempre dedicaria algum espaço da Into the Purple a ele. E por motivos bem justificados. Gary vem fazendo há anos um Rock de excelente qualidade, com muitos elementos em comum com o som do Purple. É também um dos grandes guitarristas em atividade, um dos poucos que ainda colocam um pouco de sua alma em cada solo. Moore é tão rápido quanto os 'guitarristas-metralhadores de notas' da nova ge-

ração, mas tem sensibilidade suficiente para discernir quando deve dar um solo veloz ou um lento, com notas alongadas e sentidas. Esta é uma característica cada vez mais rara hoje em dia e que os brasileiros têm pouca chance de admirar, porque vergonhosamente Gary Moore permanece praticamente inédito entre nós, a não ser por raras exceções, onde Gary aparece como convidado em discos de outros artistas. Desse modo, a Sociedade faz questão de divulgar o trabalho deste guitarrista que certamente seria o ídolo de milhares de brasileiros se fosse lançado aqui. E não faltaram pedidos da SBADP neste sentido, conforme a 'Entrevista com as Gravadoras' desta edição mostra.

Gary Moore tem uma longa carreira, com passagens por várias bandas, desde o seu início com o Skid Row. Uma dessas bandas foi o Colosseum II, banda de Jazz-Rock reformada pelo seu único membro remanescente da formação anterior (a Colosseum original), o baterista John Hiseman. Gary permaneceu neste grupo de setembro de 76 a agosto de 78, gravando três LPs: Strange new flesh, Electric savage e War dance. Destes três, o primeiro chegou a ser lançado no Brasil, em 77, sem nenhuma repercussão, no entanto. Em 1987, uma gravadora nova, a Lup Som, teve a louvável iniciativa de relançar o Strange new flesh por aqui. Neste disco, fazem companhia a Moore e Hiseman, Mike Starrs no vocal e nossos velhos conhecidos Neil Murray e Don Airey. Para definir o som deste disco, bastam duas palavras: bom gosto. O Colosseum II faz um Jazz Rock de muita classe, sem ser repetitivo e sem aqueles vícios egocêntricos comuns ao estilo. Eles funcionam realmente como uma banda, onde todos têm chance de mostrar seu talento. Moore e em um plano um pouco mais abaixo Starrs, são os que mais brilham. Embora um pouco fora do som que Moore faz em sua carreira solo, não deixa de ser uma ótima amostra da capacidade do guitarrista. Um LP altamente recomendável para quem gosta de tratar bem os seus ouvidos. Gary Moore é irlandês. Seu país vive em constantes conflitos contra o Imperialismo Britânico. Sua população está tristemente acostumada com as tropas nas ruas. Isto desenvolveu em Moore um profundo sentimento anti-belicista, que ele registrou em várias de suas composições. 'Out in the fields',

gravada com seu antigo companheiro de Thin Lizzy, Phil Lynott, deu a Moore vários prêmios de melhor canção de 86, inclusive pela revista japonesa Burrn, onde Moore tem um grande público. Sua letra falava sobre as misérias da guerra, a exemplo da brilhante 'Wild Frontier', faixa-título de seu último LP. Se bom gosto foram as duas palavras que puderam definir o Strange new flesh, para este Wild Frontier as duas palavras são: obra-prima.

Wild Frontier trouxe para mim muita emoção e serviu para derrubar algo que já se tornava um mito em minha cabeça. Sempre tive muita prevenção contra o crescente uso da tecnologia no Rock, confundindo músicos com operadores de computador. Para mim, a intensa aplicação da eletrônica só serviria para tornar a música cada vez mais fria. Isto, até ouvir este Wild Frontier. Moore utilizou intensamente vários recursos da tecnologia, como a bateria eletrônica em quase todas as faixas e sintetizadores da última geração, entre eles o badalado Fairlight. Mas, foram usados sabiamente. Tanto que é muito difícil identificarem-se estes recursos durante as faixas, principalmente a bateria, que recebeu alguns complementos manuais no estúdio, posteriormente. O disco abre com a deslumbrante 'Over the hills and far away' (não, não é a mesma do Zeppelin), um verdadeiro hino celta. Uma das maiores composições de Moore. Wild Frontier é puro Thin Lizzy, uma banda injustamente esquecida pelo público brasileiro. 'Take a little time' é uma canção relativamente convencional em relação às outras, o que não significa que não seja boa, muito pelo contrário. 'The loner', instrumental, é regravação da presente no LP Tilt, de Cozy Powell, dedicada a Jeff Beck. So-los viajantes em meio a um clima etéreo criado pelos teclados. Uma coisa linda. 'Friday on my mind', a primeira do lado B, é a única que não é de autoria de Moore. É uma regravação de uma canção de 1966 dos Easybeats. O restante do lado B traz mais três músicas com a marca registrada de Moore, a melancólica 'Strangers in the darkness', 'Thunder rising', carregada de influências da mitologia irlandesa e, para fechar o disco, 'Johnny Boy', linda balada acústica, que parece ter sido composta à beira de uma fogueira nas praias das costas da Irlanda.

E não tem o Wild Frontier no Brasil! Reclamações? Dirija-se à RCA, por favor!

A Apreciadora Teresa Nunes, que mora em Portugal, teve a oportunidade de assistir o show que Moore fez em Cascais e teve a gentileza de escrever o relato que segue, exclusivo para a Into the Purple.

'Dia 12 de maio de 1987, 18 horas precisamente quando chego ao pavilhão do Dramático em Cascais, já uma boa multidão de jovens de enormes cabelos compridos e os habituais trajes de um verdadeiro headbanger assaltava os bares para beber cerveja. Nos pequenos bares soava uns bons sons de Heavy Metal como por exemplo os Super Iron Maiden.

Toda aquela multidão estava eufórica, ansiosa. Quando uma carinha da polícia chega então a descontrole foi total. Gritos, assobios e ofensas acompanhadas de gestos obscenos que todos nós bem conhecemos, pois também os fazemos.

A polícia começa por construir três grandes filas bem alinhadas, para que todos entrem organizadamente no pavilhão. Perante toda aquela excitação foi difícil formar as filas. Grandes grades de ferro separavam-nos do dito pavilhão onde nós sabíamos estava Gary Moore. A abertura das portas estava prevista para as 20:00 hrs. Mas, não se ouvia nada de dentro do pavilhão, o contrário do que aconteceu de quando os Maiden e W.A.S.P., que se ouviam os treinos, preparativos...

Passaram as 20:00 hs. e começa a haver uma grande descontrolação dos fãs de Moore. Às 21:00 hs os portões mantinham-se fechados, quando um dos seguranças presentes vem a cada fila informar que o concerto tinha sido adiado para o dia seguinte, porque tinha falhado um gerador, justificando que ninguém aceitou e começou a desencadear-se uma enorme confusão. Gritos, novamente assobios, ofensas, agressões e danos em carros que estavam estacionados perto.

Dia 13 de maio de 1987, Cascais, 18 hs., estavam presentes todos os mesmos headbangers à porta do pavilhão à espera novamente do grande momento. A agitação e euforia era agora ainda maiores. Cervejas, whisky, vodka e até vinho do mais barato circulava, para além dos produtos 'proibidos' que todos

nós conhecemos, que não faltavam. Novamente foram formadas as três filas, a ansiedade aumentava minuto a minuto. Quando começam de dentro do pavilhão a soar os primeiros acordes de 'Wild Frontier' (música e tournée, dedicada ao já desaparecido Phil Lynott).

Cã fora todos chamavam em coro por Gary Moore. Era impressionante de ver. 20 hs. as portas do Dramático são abertas finalmente e a barafunda começa. Ninguém queria entrar na ordem das filas, todos queriam entrar numa vez, uns por cima dos outros. Começaram a empurrar e derrubaram as grades em frente dos portões e tudo o que impedisse a entrada ia na frente, uma autêntica confusão. A polícia e os seguranças tentavam a todo o custo deter toda aquela multidão eufórica e desejosa de música, de som.

Eu fui felizmente das primeiras a entrar. Lá dentro um palco amplo escondido por enormes cortinas pretas. Eu fico mesmo junto ao palco.

O pavilhão vai se enchendo e a confusão mesmo lá dentro vai aumentando (a polícia dentro do pavilhão não se atreve a entrar). A espera começa a ser desesperante, duas horas à espera, quando às 23 hs. as luzes apagam-se, as cortinas abrem-se e surge um palco incrivelmente bem decorado, onde finalmente após tanta espera vimos Gary Moore no cimo de gigantes cubos dispostos de maneira bastante exótica. A primeira música é 'Wild Frontier'. Moore está vestido de preto, com seu habitual casaco de galões amarelos e a sua insubstituível guitarra vermelha.

Por momentos arrependi-me de ficar junto do palco. Empurrões que me comprimiam violentamente contra o palco e duchas sucessivas de cerveja começaram a ficar demais, mas no momento pouco me importava, o que todos queríamos era curtir o super-ultra-magna guitarista Gary Moore.

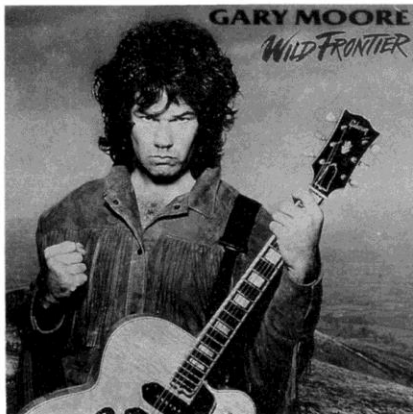
Depois da arrasante 'Wild Frontier', Moore saúda o público Português com um irresistível "Boa noite, Portugal". A temperatura do pavilhão estava horrível, 42º, estava demais mesmo. Corpos suados e nus e um cheiro intenso a erva. Nas bancas das laterais, via-se montes de jovens deitados no chão a dormir, outros mal dispostos e até a vomitar, não vendo afinal o tão esperado concerto.

Imensas cenas de pancada são presenciadas, imensas vezes os segu-

ranças têm que vir empurrar aqueles que a todo custo tentam chegar até Gary Moore.

O pavilhão atinge a loucura máxima quando soa 'Empty rooms'. Toda a aquela multidão agitada e agressiva está agora extasiada, rendida ao mestre Moore. Por toda a parte estão isqueiros acesos e em muitos olhos se vêem lágrimas, é inevitável resistir àquela maravilhosa balada.

Muitos dos que estavam junto ao palco tentaram subir, quando Moore canta "I need you, I love you" e aponta para os que estavam junto ao palco. Foi simplesmente lindo. Durante as canções havia suces-



sivas chamas que saíam do chão junto à bateria e imensos efeitos de pirotecnia.

O espetáculo continua com grande excitação, não posso vos passar a ordem das canções porque não me lembro, sei que cantou 'Military man', 'Out in the fields', 'Friday on my mind', 'Rockin' every night', 'Nothing to lose', 'Listen to your heartbeat', 'Wild Frontier', 'Empty rooms' entre outras. A maior parte foi do álbum Run for Cover.

Gary Moore encerra com 'Out in the fields' e sai. O público grita em coro: "One more".

Gary Moore surge novamente, acompanhado de sua incrível banda, Neil Carter, Bob Daisley e Eric Singer.

E para finalizar, dá um encore de precisamente vinte minutos de guitarra que nos deixa completamente K.O., maravilhoso, espantoso, emocionante, inexplicável. Durante este encore a emoção é total. Gary Moore chora ao despedir-se de nós e diz: "Good night, Portugal, thank you for everything, thank you for your support and I will be back soon, goodbye".

As cortinas fecham-se e as luzes do pavilhão acendem-se. Tinha terminado o concerto que jamais algum dos presentes esquecerão impossível.

O pavilhão vai-se esvaziando e

as ruas enchendo-se de jovens de rosto meio triste, muitos ainda com lágrimas de emoção, tinha acabado o sonho real, a magia a que Gary Moore nos transportou durante quase três horas. Agora estávamos tristes. Moore no dia seguinte partia e nós ficávamos com a recordação da sua maravilhosa voz e dos seus dedos mágicos. Pelas ruas só se ouvia falar de Gary Moore, os mais agitados desenvolviam cenas agressivas e dis-túrbios. Grandes bebedeiras e grandes pedradas.

A noite estava terminada, nos próximos tempos não veremos Moore com toda aquela energia, magia e encanto, para não falar na competência, isso todos nós a conhecemos.

Agora restava recordar tudo o que foi The Wild Frontier Tour.'

Teresa Nunes

banda: GILLAN & GLOVER

títulos: DISLOCATED

(TENT 193/ 10 Rec./compacto 12"inglês)

ACCIDENTALLY ON PURPOSE

(V2498/Virgin Rec./LP inglês/1988)

Especulação: Conforme informado na seção Notas da Into the Purple nº 4, Ian Gillan e Roger Glover realizaram um trabalho paralelo ao Deep Purple, que já resultou em um LP. Antes mesmo da audição deste disco, dois pensamentos surgiram para tentar explicar a razão dessa carreira alternativa. Es-tariam Gillan e Glover testando a receptividade do público a um novo som, já pensando no que eles farão caso o Purple não passe mesmo dos quatro discos previstos no contrato com a Polygram? Ou este seria um dos dois discos que o Gillan ficou devendo à Virgin quando reuniu-se ao Purple? Nenhuma destas hipóteses é levantada na entrevista que segue, mas existem elementos suficientes para acreditar-se que uma delas, ou mesmo as duas, estão por trás da gravação deste disco, além, é claro, das apontadas pela dupla.

Os discos: O primeiro vinil com a assinatura Gillan/Glover foi o compacto 'Dislocated', trazendo a faixa 'Chet' do lado B. A versão 12" traz ainda uma faixa extra: 'Purple people eater'. 'Dislocated' é a única presente no LP, uma espécie de híbrido reggae/funk, meio difícil de digerir. Mas não tão difícil quanto 'Chet', que consiste apenas de uma linha de baixo repetida indefinidamente, marcada por u-

ma bateria linear, enquanto Gillan faz umas brincadeiras vocais entre as poucas frases da letra. Uma infeliz incursão da dupla pelo campo do funk comercialíde. E eu me pergunto: 'Até tu, Gillan?'. O que é o que é, tem um só olho, um longo chifre e ainda voa? É o 'Purple people eater' (comedor de gente púrpura), nome da última faixa do compacto e que veio para salvar o compacto da chatice total. Um divertido Rock'n'Roll, com uma letra bem humorada, contando a história de um ser de outro planeta que vem à Terra descolar um emprego em uma banda de Rock e que toca pelo chifre. O crédito desta música não é da dupla e sim de S. Wooley, de quem não tenho maiores referências. Antes do lançamento do LP, foi editado um outro compacto, com 'She took my breath away' do lado A e 'Cayman Island' do lado B. Esta é outra que não está no LP e deve ser uma das três inéditas (as outras seriam as do lado B do Dislocated 12") em relação ao LP e que foram incluídas nas versões em Compact Disc.

'Accidentally on purpose'. A partir do próprio título (Acidentalmente de propósito), já temos idéia do clima do LP - descontração. Como vocês podem ler na entrevista, os dois gravaram sem a menor preocupação de seguir qualquer linha. Então temos no disco uma verdadeira coleção de estilos e influências

variadas. Vamos pela ordem. A primeira é 'Clouds and rain', uma bela canção Pop, meio lenta, com a voz de Gillan em primeiro plano. 'Evil eye' é outra investida da dupla no funk que, deixando os radicalismos de lado e analisando-se somente a música em si, não dá para encerrar MESMO. 'She took my breath away' é bem mais agradável, com seu ritmo latino (salsa, ao que me parece) e a vocalização original de Gillan. A quarta faixa é a já comentada 'Dislocated', que curiosamente termina com Gillan dizendo 'Sorry' (lamento). A última do lado A é 'Via Miami', um ótimo Rock and Roll convencional em uma roupagem moderna. No lado B, a coisa já começa melhor. 'I can't dance to that' é a mais pesada do disco, com um riff à la Gillan (a banda solo). Provavelmente a que mais agradará aos fãs mais radicais. Nas duas seguintes, uma visita da dupla às raízes. 'Can't believe you wanna leave' foi gravada por Little Richard e esta nova versão é um dos pontos altos do disco, com grande presença de Gillan, que es-

tá cantando como nunca. Depois vem o blues clássico 'Lonely Avenue', de D. Pomus, que recebeu um arranjo imitando cordas, apoiado por um coral de vozes negras, arrepiante. Gillan novamente brilhante. 'Telephone box' é outra das melhores, um Hard-Rock com muita melodia, novamente com o destaque para o coral. Gillan aparece tocando gaita. O disco termina (bem) com um rhythm'n'blues dos mais tradicionais, 'I thought no'. Ou seja, comecem ouvindo o disco pelo lado B.

A entrevista: O que segue é a transcrição da entrevista publicada na edição 172 da revista Kerrang, da dupla ao famoso repórter inglês Chris Welch. A partir de agora, vocês terão muitos esclarecimentos, revelações e uma amostra do senso de humor sacana do Gillan.



Roger: 'Nossa razão para fazer o disco foi a de ter horas divertidas e fazer algo que as pessoas não esperavam de nós e também fazer alguma coisa que nós não poderíamos dentro da linha do Deep Purple'.

Ian: 'Quando você pensa sobre isto, conclui que o Purple sempre

prosperou muito na diversidade. Jon Lord fez o Concerto e eu fiz Jesus Christ Superstar. É bom porque mantém as frustrações longe. Você pode ficar relaxado com suas idéias'. 'Nós nos desafiávamos em terminar qualquer idéia de canção que surgisse e que não estivesse apropriada ao Purple. Saíram toda espécie de baladas e reggae', segundo Roger. 'E não parou nas canções. Durante o processo do álbum nós aparecemos com cinco filmes, seis livros e todos os tipos de projetos. Se está na sua imaginação, por que não ver aonde isto irá lhe levar? É divertido escrever somente pelo prazer da coisa'.

'O lado dois parece ser o mais pesado do álbum...'

'Eu acho que sim, embora nós não o tenhamos planejado assim', disse Roger.

'Somente dois de nós e o engenheiro trabalharam nas canções', disse Ian. 'Nós terminamos com dez canções onde nós tocamos tudo, então voltamos para a turnê com o Purple. Nós sabíamos que eventualmente teríamos que embelezar as faixas com músicos de estúdio. Infelizmente, Ritchie quebrou

seu dedo durante a turnê americana, mas nos deu tempo de ir a Nova York fazer os overdubs'.

'Nós pudemos contar com gente como Randy Brecker, Andy Newmark e Dr. John. A atmosfera era mágica e foi uma nova experiência para esses músicos sentirem-se parte da banda', disse Roger.

'E Newmark não acreditava na espontaneidade em que estávamos. Nos dias de hoje, é tudo muito técnico e impessoal'.

'Quase todas estas faixas foram feitas em uma ou duas gravações, totalmente ao vivo', disse Ian.

'Eu não senti necessidade de impressionar as pessoas com minha performance. Nós fizemos um pacto no começo onde nós não faríamos coisas excêntricas de graça. As canções deveriam ter seu próprio jeito'.

'Há uma grande história para cada canção, elas evoluem através de eventos naturais, como uma canção 'calypso', que não está no LP. É uma música chamada 'Cayman Island', que eu solicitei a Roger que fizéssemos. Nós a escrevemos para um churrasco quando fomos mergulhar nas Ilhas Cayman na primeira reunião do Purple em 84. Era uma grande canção e ficou na minha cabeça. Eu achei que nós poderíamos refazê-la com uma letra mais acessível. Está no lado B do próximo compacto, She took my breath away'.

'Há uma faixa chamada 'I thought no' e nós tocamos TUDO nela. Estou na harmônica e guitarra e Roger toca baixo, piano e bateria. Foi muito divertido. Eu me lembro que Roger havia tocado um velho disco de Elvis Presley e foi nocauteado por 'Lawdy Miss Clawdy', porque era uma coisa tão natural, sem inibições'.

'Nos anos 60 tinha que soar bem no estúdio porque aquilo era como eles faziam. Nós temos que voltar a esta técnica', disse Ian.

'Está certo', concordou com a cabeça Roger. 'Nós fizemos nossas vontades e voltamos direto para nossas raízes, no skiffle e o Rock do começo. Isto veio muito convenientemente, nós nem nos tocamos'.

'Nós estávamos inconscientes a maior parte do tempo'.

'Outra das canções, 'Telephone Box', soa como se fosse uma reclamação sobre o serviço telefônico britânico...'

'Não', disse Ian, mas há uma história sobre ela. Na última turnê do Purple, todos viajaram por a

vião, mas Roger e eu decidimos ir de ônibus. Era um ônibus super-luxuoso e eu ahei que teríamos nossa melhor turnê, viajando pelos EUA. Nós festejamos todos os dias, foi brilhante. Um amigo nosso quis usar o toalete do ônibus e havia um telefone lá dentro. Ele perguntou se poderia ligar para casa dali, mas nós explicamos que era interno. Ele só poderia chamar o motorista. Ele disse: "Quem quer viver em um reservado com telefone afinal?" e imediatamente nós pegamos as guitarras e começamos a cantar "Quem quer viver em um reservado com telefone?". Foi uma canção instantânea.

'O primeiro compacto retirado do álbum foi 'Dislocated', minha faixa menos favorita'.

'Bem, ela é meio maluca', disse Roger em defesa. 'Foi a primeira que fizemos, então ela é bastante especial para nós'.

Disse Ian: 'É uma das melhores linhas de baixo que já ouvi, muito simples e maravilhosa. Liricamente não faz muito sentido, na verdade, mas num todo como o conceito é incomum, nós achamos que seria uma representação razoável do álbum inteiro'.

'A Virgin queria fazer 'She took my breath away' como primeiro compacto, mas eu não fiquei muito entusiasmado. 'Dislocated' resume o humor do álbum. É verdade que não há trabalho de guitarra Heavy Metal nela, mas é que você não gostaria de comer a mesma refeição todos os dias. É o mesmo com a música. Este é o nosso restaurante Indiano de música, se você preferir'.

'Eu amo o Rock e sempre o tenho feito, mas eu temo pelo seu futuro. Ele se apoia demais em uma faixa estreita de estilos, ou Heavy Metal ou produções reluzentes no estilo Foreigner'.

'Fazer os outros de trouxa tem se tornado uma arte refinada e nós estamos fugindo dela', disse Roger.

'Mas, nós demos à nossa gravadora um problema enorme quanto ao mercado deste álbum. Quem sabe a qual mercado nós estamos apontando?'

'Pessoalmente, eu gosto de nadar contra a maré', insiste Gillan. É muito importante que nós amplie nossos horizontes. Nós não chegamos a lugar nenhum, mas, por Deus, ele mantém seu humor. Estou certo que nós irritaremos um monte de fãs do Purple que compraram o LP pensando que ouvirão

Deep Purple diluído, ou algo parecido, mas nós não queremos fazer isto'.

'Mas, eles ficariam orgulhosos do Purple, certamente'.

Roger: 'Purple é demais. Vamos deixar bem claro. Isto NÃO é com petição com o Purple e não quer dizer que o Purple acabou ou algo parecido. Purple, no que nos diz respeito, é nossa prioridade número um. Isto é apenas um pouco de diversão paralela'.

O sucesso da reunião do Purple surpreendeu porque muitas voltas de supergrupos desapontaram...

'Foi feita pelas razões certas', disse Ian. 'Houve muita especulação do porquê nós voltamos, muito cinismo sobre nossos motivos. Mas NÓS sabemos por que o fizemos e a razão foi, muito simplesmente, porque para todos nós o Deep Purple foi a melhor banda em que já estivemos. Nós apenas precisamos de um tempo para cada um de nós'.

'Nós não temos muita certeza do que vai acontecer com o Purple daqui pra frente. Haverá um álbum ao vivo. Nós gravamos uma quantidade enorme de shows da última turnê e eles estão sendo analisados neste momento. E nos encontraremos para compor novo material em breve e começaremos a ensaiar no estúdio. Nós poderíamos ter excursionado mais no ano passado, mas Ritchie quebrou seu dedo...'

'Era o dedo que ele usava para namorar, também', completou Gillan.

A dupla duvida que o próximo álbum de estúdio do Purple saia antes do fim de 88. Neste meio tempo eles divertem-se com a idéia de fazer alguns shows deles, contando sobre seu disco, dependendo do mesmo ser bem recebido ou não'.

'Eu adoro mudanças e odeio estagnação', disse Ian. 'Frequentemente eu me vejo angustiado porque quero mudanças demais. Eu gostaria de ver menos segregação na música e um conteúdo mais rico. Eu sinto que ela está um pouco superficial no momento'.

Disse Roger: 'É ótimo que Ian cante sussurrando em 'She took my breath away', algo que ele nunca teve a chance de fazer no Heavy Rock'.

'Falando daquilo que nos lembra Black Sabbath - eu usaria citar que Ian estava limitado como cantor na banda'.

'Está certo, ele estava nela por

terapia', brinca Roger.

'Foi um grande momento - por uma ou duas semanas', disse Ian. 'Foi uma experiência que eu não poderia ter perdido, até que eu visse no que daria! (risos). Ah, grandes caras, mas foi um lance mau. Eu gostei de suas companhias, mas nós não éramos compatíveis musicalmente de nenhuma forma'.

'Foi verdade que Ian passou suas sessões de gravação com o Sabbath dentro de uma barraca fora do estúdio?'

'Oh, yeah, eu permaneci todas as seis semanas morando na minha barraca. Eu não poderia ir para casa mesmo. Eu cozinhei meus próprios cafés da manhã e jantares e tinha meu barco por lá. Eu trabalhava das 10 da manhã às 5:30 da tarde escrevendo as letras e cantando minhas partes das faixas que nunca ouvira antes, que os caras tinham terminado provavelmente uma hora antes, ou às 8 da manhã. Quando eles estavam indo dormir eu estava acordando. Eu andava com a "língua" na mão, ouvindo as faixas e escrevendo as letras'.

'Mais tarde eu comia um sanduíche, pegava meu barco e cruzava o canal para um pub onde eu passava o resto da noite. A banda acordava às 5 da tarde'.

'Você ao menos os encontrava?', perguntou Roger, inocentemente.

'Só os encontrei quando me juntei a eles e depois no palco em intervalos frequentes. Eu adoro dormir em barracas, faço isso sempre que posso. Minha mulher não gosta muito disso, entretanto!'

'Uma época Roger e Ian decidiram viver fora de casa e foram morar em barracas separadas no jardim de Roger'.

'Ele tinha uma grande barraca e eu uma pequena e nós as armamos quase na beirada da piscina. Nós chamamos sua tenda de "América" e a minha era a "Inglaterra". A piscina era o "Oceano Atlântico". 'Você peidou, Chris? Não? Bem, sintase a vontade'.

'Parece que a vida com o Black Sabbath teve algumas coisas que perturbaram nosso herói...'

'Estar com o Sabbath foi diferente de tudo o mais em que estive envolvido até então. Eu gostei da companhia de Iommi e de Geezer e Bev Bevan. Eu dei muita risada com eles na turnê, quando eles não estavam na cadeia'.

'Mas meu primeiro grande desapor-

tamento foi ao ouvir a mixagem de Born Again. Geezer foi um pouco quinho exagerado e o disco quase se tornou um solo de baixo. Então teve a capa com aquela criança diabólica com unhas amarelas e chifres, que era um tanto doentia. Não é o tipo de coisa que me agrada'.

'E para piorar os problemas - bem, você viu 'Spinal Tap'? Bem, você sabe de onde aquela coisa de Stonehenge (*) veio? Foi do Black Sabbath! Nós tivemos uma reunião e alguém disse: "O que nós teremos como decoração de palco?" E Geezer disse, "Stonehenge". Então o pessoal da produção disse: "Grande idéia! Como você vai querer isso?". "Em tamanho natural", disse Geezer. Então eles saíram e foram fazer o Stonehenge em tamanho natural'.

'Três containers foram trazidos dos EUA. Nós fomos para o Canadá e marcamos duas noites em Montreal. Era um lugar grande e bonito mas nós só conseguimos colocar metade do Stonehenge lá. Nós tivemos que deslizar pra dentro e pra fora do cenário. Tocamos de perfil a noite toda, ficando entre aqueles imensos monolitos de papel machê'.

'Então o gerente da turnê, Don Arden, achou que não havia impacto suficiente para o começo do show e então tivemos que pôr o bebê-diabo gritando no topo do Stonehenge. Nós importamos um anão que foi fantasiado e uma fita foi gravada com os berros'.

'Bev e eu não estávamos muito contentes com aquilo tudo. Nos ensaios era horrível. O anão tinha que cair por trás e havia meia dúzia de colchões atrás do Stonehenge para ele pular em cima. Mas, no show de abertura, o grito teve que ser um pouco alongado porque nós tiramos os colchões! Esta foi a última vez que o vimos'.

'A história tornou-se uma lenda na América e 'Spinal Tap' deveria ser pego pelo Sabbath. Era um hilariante, brilhante filme. O grande lance era que não havia script. Eles somente se concentravam nos personagens e seguiam com a coisa. Mas nós tivemos bons momentos com o Black Sabbath. Foi uma experiência que não deve ser esquecida e para nunca ser repetida'.

(*) Stonehenge - Monumento megalítico da Idade do Bronze no Sudoeste da Inglaterra, na planície

e de Salisbury, que acredita-se era utilizado pelos antigos druidas para prever os eclipses da Lua.

NOTAS

Aqui vai um toque um pouco tardio, mas trata-se de uma descoberta recente, graças ao alerta do Appreciador Luiz Halley Soldani (valeu, Luiz!). As cópias em fita cassete lançadas no Brasil do LP Slide it in, possuem a faixa extra 'Need your love so bad', embora esta NÃO apareça na lista das músicas impressas (interna ou externamente) na embalagem. Na época do lançamento, fui verificar, pois sabia que as fitas importadas vinham com esta música a mais e nada encontrei. Porém, eu não poderia imaginar que a gravadora iria esquecer de relacionar uma das músicas da fita, apesar de estar acostumado com coisas piores do que isso. Pelo menos a Polygram (o 'Slide it in' foi lançado aqui pela EMI-Odeon) cumpriu sua obrigação, colocando um aviso nos cassetes brasileiros do 'Perfect Strangers' sobre a presença da faixa extra 'Not responsible'. O problema agora é de quem quiser comprar a versão cassete do 'Slide it in', que já se tornou difícil de achar (eu mesmo penei para conseguir a minha...), mas vale a pena procurar, principalmente porque além da faixa a mais (que é lindíssima, por sinal), a fita não vem com os defeitos de prensagem do disco (veja 'Entrevista com Gravadoras' nesta edição) e permite até que alguns detalhes que ficaram encobertos no LP pelos pulos e chiados, sejam ouvidos com nitidez.

Depois daquele sofrível LP Dangerous games, ninguém se lamentou com o fim do Alcatraz. O guitarrista Danny Johnson partiu para um álbum solo, contando com uma mãozinha de Eddie Van Halen nos trabalhos de estúdio. E o vocalista Graham Bonnet está presente no LP 'Stand in the line', do novo 'fenômeno' da guitarra, Chris Impel-

litteri. Segundo comentários da imprensa inglesa, é mais um que se espelha no Mestre Blackmore, começando pela escolha de Bonnet e continuando pelo som, parecido com o Rainbow da época do Down to Earth.

A banda Blue Murder nem bem começou e já tem mudanças. Talvez por força do hábito de seus integrantes, todos com vastos currículos. A formação inicial era composta pelo guitarrista John Sykes (ex-Tygers of Pan Tang, Thin Lizzy e Whitesnake); Tony Franklyn (ex-Roy Harper e The Firm) no baixo; Ray Gillen (ex-Black Sabbath) e Cozy Powell (vou poupar alguns ex' devido ao espaço exíguo, mas entre muitas outras, ex-Bedlam, Rainbow, Whitesnake e Michael Schenker Group). O primeiro a sair foi o americano Gillen, que havia deixado o Sabbath para integrar-se ao Blue Murder. Segundo Gillen, sua saída desta última foi pacífica, ele apenas deseja formar sua própria banda. Logo após o vocalista foi a vez de Cozy sair. Conforme declarou, um dos motivos foi a exigência do contrato por cinco anos (sabemos que é muito para ele, não?). Os novos planos de Cozy incluem trilhas sonoras, um possível LP com Kevy DuBrown (Quiet Riot), talvez outro disco com o Forcefield e o desejo de formar uma banda com Jack Bruce e Eric Clapton (seria o Cream II!). Apesar da saída de metade da banda antes mesmo de iniciar a carreira, o Blue Murder continua, tendo inclusive acertado um contrato de gravação, o que significa que cedo ou tarde teremos o LP do Blue Murder nas boas casas (inglesas) do ramo.

A Into the Purple apresenta agora 'As aventuras de Joe Lynn Turner', trazendo um breve relato das coisas em que o ex-vocal do Rainbow andou se metendo.

Joe saiu da gravadora onde lançou seu primeiro disco solo (Rescue you), a Elektra e está planejando um novo LP, um pouco mais 'Rock and Roll' que o anterior. O vocalista chegou a entrar em estúdio, mas não gostou dos serviços do seu produtor, Joe Chicarelli. Turner queria mais trabalho de guitarra e acabou se desentendendo com seu xará. Duas músicas já estavam prontas antes da briga, uma delas em parceria com a Rockeira Lee Aaron, chamada 'Number One'. 'As aventuras de Joe' incluem também dois envoltimentos insólitos com o cinema. Ele apareceu no fil-

me da TV americana 'Blue DeVille', no papel de Eric Fury, o vocalista de uma banda chamada 'Waterfront Band'. Joe estava com maquiagem e penteado bastante exagerados e até que bem convincente (Detalhe: 'Vincente' não é um outro personagem do filme! Ai, que trocadilho horrível...). O outro trabalho foi em 1986, quando a 20th Century Fox realizou o filme 'Stripper', um semi-documentário sobre a 1^a Convenção Anual dos Dançarinos de Strip-tease' do mundo, ocorrida em 1985. A direção musical deste filme ficou por conta de Buffy Saint-Marie e Jack Nitzsche. Logo no início da fita, temos a presença do velho Joe. Não, ele não é um dos 'strippers'! Na verdade só sua voz está presente, cantando a faixa de abertura. Ele e seu companheiro dos tempos de Rainbow, Chuck Bürgi, compuseram 'Look, don't touch', 'I found love tonight' e 'Good girl gone bad' para a trilha sonora deste filme, alagável em VHS nas (suspeitas) casas do ramo.

E o nosso amigo Turner não pára. Agora ele faz parte do grupo de Yngwie Malmsteen e já está presente cantando no 'Odyssey', o novo LP do guitarrista. Além de Turner, que foi responsável pelas letras, estão na banda do sueco Jens e Anders Johansson (teclados e bateria, respectivamente) e o baixista Bob Daisley. Coincidência ou não, tanto Turner quanto Daisley já tocaram com Blackmore, de quem Yngwie segue todos os passos. A entrada de Turner na banda ocorreu por influência da Polygram, que planeja aumentar o público do gui-

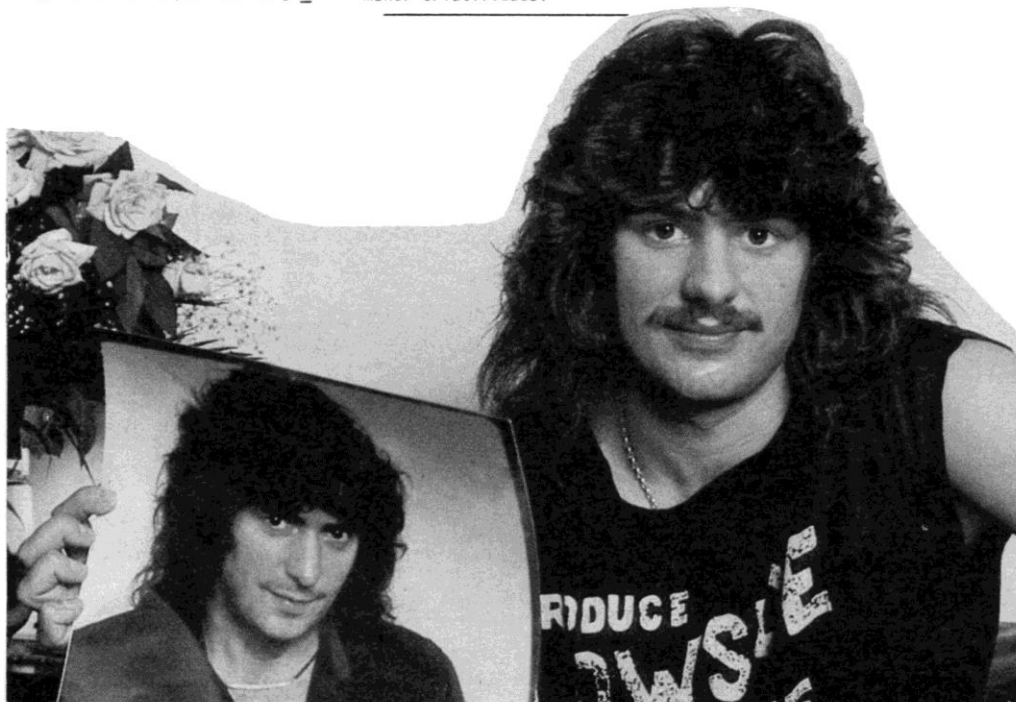
tarrista e viu em Joe alguém que seria uma boa ajuda para isso. Em outras palavras, 'mercado americano, aqui vamos nós.'. Já foram até marcados shows nos EUA, como banda suporte do AC/DC. Enquanto isso, o LP solo de Turner fica suspenso, aguardando o sucesso dessa nova excursão e do Odyssey. Já posso ver as futuras manchetes nas revistas americanas: 'Rising Force - O novo Rainbow!', algo que por certo deixaria Malmsteen bastante satisfeito. To be continued...

Na edição passada foram levantadas suspeitas sobre o filho de Blackmore ser também guitarrista. Yeah, confirmado. Jürgen Blackmore participou como convidado do LP Wings of war (lançado em 87 no Brasil), do grupo alemão Iron Angel. Jürgen, filho do primeiro casamento de Ritchie com a alemã Babs, participa neste disco apenas na faixa 'Sea of flames', fazendo o primeiro solo. Não dá para concluir muito ouvindo-se apenas um curto solo, mas pelo jeito a única semelhança entre os dois é física (vejam pai e filho na foto). O estilo de Jürgen, embora mais melódico que a maioria dos guitarristas de Heavy Metal atuais - inclusive o do próprio Iron Angel - nada tem do pai. Pode ser influência das mães companhias, porque o som desse grupo alemão é uma tristeza, um Heavy Metal (não sei exatamente em qual dos cinquenta e sete sub-rótulos eles se encaixam, mas me parece que são 'power-metal...') sem a menor criatividade.

A revista americana Metalmania colocou o vocalista David Wayne, do Metal Church frente a um toca-discos e pediu sua opinião sobre várias músicas. Na vez da 'Bad Attitude', ele declarou: 'Em primeiro lugar, eu acho que Gillan é o "Deus da voz", insubstituível. Esta canção é prova disso...'. O Metal Church gravou uma versão da 'Highway star' em seu primeiro LP (lançado no Brasil em 86, via WEA, nº 22105). 'Highway star' já havia sido regravação por outra banda - a americana 'Point it Blank', no LP 'The hard way' (também lançado aqui, pela Ariola, em 1980, nº 202431). Esta última é uma versão ao vivo, onde a banda tentou reproduzir o registro do Purple no Machine Head, incluindo o solo da guitarra. Dois guitarristas para fazer o solo de Ritchie - só que não foram suficientes. O Metal Church não foi tão pretensioso e acabou realizando uma boa versão, com bastante energia e que pode ser considerada uma homenagem aos ídolos. E por falar em pretensão, a banda americana Savage Grace gravou um EP (pelo que eu sei, só disponível em fitas demo, até agora), contendo o clássico 'Burn'. Uma versão que me provocou uma profunda aversão...

Neil Murray continua no seu entra e sai de bandas. Agora ele está com o quinteto Vow Wow, tendo participado nos dois novos EPs do grupo: 'Cry no more' e 'Don't leave me now'. Mas ao que tudo indica, a participação de Murray se limitará às gravações de estúdio.

P





into the Purple

